



Vladimir Kozák

Sentimentos e ressentimentos de um
"lobo solitário"

Rosalice Carriel Benetti



Rosalice Carriel Benetti

Vladimir Kozák

Sentimentos e ressentimentos de um
"lobo solitário"

Coleção Teses do Museu Paranaense

Volume 10

Rosalice Carriel Benetti

Vladimir Kozák

Sentimentos e ressentimentos de um
"lobo solitário"

Primeira Edição

CURITIBA
2016

Sociedade de Amigos do Museu Paranaense



Este livro foi diagramado e produzido pela EDIÇÃO POR DEMANDA, uma encomenda do autor, que detém todos os direitos de conteúdo, comercialização, estoque e distribuição dessa obra.

Diagramação: Equipe da Edição por Demanda

ISBN 978-85-67310-23-7

B465

Benetti, Rosalice Carriel
Vladimir Kozák : sentimentos e ressentimentos de um “lobo solitário” / Rosalice Carriel Benetti. — Curitiba : SAMP, 2016.
274 p. : il. ; 23 cm.— (Coleção Teses do Museu Paranaense ; 10).

ISBN 978-85-67310-23-7

1. Kozák, Vladimir, 1897 – 1979. 2. Índios da América do Sul – Brasil. 3. Índios – Amizade. 4. Relações humanas.
I. Título. II. Série.

CDD (20.ed.) 980.41
CDU (2.ed.) 980

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Créditos

Governador do Paraná

Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura

João Luiz Fiani

Diretora-Geral da SEEC

Jader Alves

Coordenadora do Sistema Estadual de Museus

Karina Viana Muniz

Diretor do Museu Paranaense

Renato Augusto Carneiro Junior

Capa

Raquel Cristina Dzierva

Editoração

Roberto Guiraud – Designer

Foto da capa

Coleção Vladimir Kozak.
Acervo Museu Paranaense.

Sociedade de Amigos do Museu Paranaense – SAMP

Marionilde Dias Brepohl de Magalhães
Presidente

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Apoio



Patrocínio



Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Sumário

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	17
1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ARQUIVOS	35
1.1 A CORRESPONDÊNCIA PESSOAL	41
1.2 A ESCRITA DE SI	48
1.3 INVENTÁRIO DO ACERVO EPISTOLAR DE VLADIMIR KOZÁK	53
2 VLADIMIR KOZÁK	63
2.1 SOBRE BIOGRAFIA E AUTOBIOGRAFIA	64
2.2 ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DO PERSONAGEM	77
2.2.1 As viagens e os índios	114
2.3 A PRODUÇÃO DE VLADIMIR KOZÁK	122
2.3.1 A paixão por fotografar e filmar	131
2.3.2 A pintura: Vladimir Kozák um artista?.....	142
2.4 O DESTINO DAS COLEÇÕES	150

3 OS SENTIMENTOS REVELADOS NAS CARTAS	157
3.1 AS AMIZADES DO “LOBO SOLITÁRIO”.....	170
3.1.1 Os antropólogos “Bob e Trudie”	174
3.1.2 Marjory Baillon e o “Querido Sr. Mal-humorado”	202
CONSIDERAÇÕES FINAIS	238
FONTES	245
REFERÊNCIAS	257
APÊNDICE	270

Apresentação

Renato Carneiro Jr.
Diretor do Museu Paranaense

O Museu Paranaense, fundado em 1876, sendo uma das instituições museológicas mais antigas em funcionamento no Brasil, possui uma história de grande relevância científica, com publicações, principalmente nas décadas de 1940 a 1960, de artigos científicos nos campos da zoologia, entomologia, botânica, geografia, arqueologia e antropologia, entre outras.

Com o tempo, a instituição perdeu este lugar de destaque, assumido pela Universidade Federal do Paraná, onde vários departamentos foram criados ou fortalecidos a partir da ação de pesquisadores ligados ao Museu Paranaense, mais fortemente, mas não apenas, nos anos em que esteve à frente da instituição o médico e professor José Loureiro Fernandes.

No entanto, o Museu Paranaense não deixou de fornecer subsídios para se "fazer ciência" em pesquisas de campo ou no fornecimento de fontes para a elaboração de trabalhos acadêmicos em diversos níveis, desde monografias de conclusão de curso a dissertações, teses e artigos científicos. Nossos arquivos, biblioteca e o acervo museológico em geral têm contribuído há gerações para se conhecer mais da cultura, da história e até da pré-história dos que viveram e vivem neste pedaço de território brasileiro a que hoje chamamos de Paraná.

Assim, ao lançar esta coleção de livros com teses e dissertações geradas a partir de nosso acervo, ou com a participação de pessoas ligadas ao Museu, queremos fazer uma homenagem àqueles que buscaram entender mais o que é esta sociedade paranaense e que ainda têm seus estudos inéditos, por força de um mercado editorial que não privilegia a produção local. A coleção **Teses do Museu Paranaense** traz ao público, no formato impresso e em edição eletrônica, os estudos que permitiram qualificar a equipe do Museu, atual ou mais antiga, como um importante grupo de pesquisadores no interior da Secretaria da Cultura do Paraná, mostrando seu valor e esforço.

Agradecemos à Sociedade de Amigos do Museu Paranaense e aos apoiadores pelos recursos destinados a esta publicação, a partir da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura do Governo Federal.

Agradecimentos

Ao longo muitas pessoas, cujas contribuições foram incalculáveis, me auxiliaram, apoiaram e estimularam, de diferentes maneiras, possibilitando a realização deste trabalho, professores da Universidade Tuiuti e da Universidade Federal do Paraná, colegas, funcionários da UFPR e do Museu Paranaense, os quais não gostaria de relacionar por receio de esquecer alguém.

No entanto, não posso deixar de registrar a gratidão à Prof.a Dr.a Roseli Terezinha Boschilia, minha orientadora, sempre tão atenciosa e disponível, acompanhando e incentivando, mas especialmente pela paciência; a sua orientação foi imprescindível.

Agradeço às oportunas sugestões e críticas que recebi, quando do exame de qualificação, da Prof.a Dr.a Méri Frotscher e do Prof. Dr. Euclides Marchi.

Ao Prof. Euclides também sou devedora da oportunidade de conhecer o Acervo Vladimir Kozák, que, gentilmente, me recebeu como estagiária do Museu Paranaense.

Aos funcionários do Museu Paranaense, que sempre foram tão prestativos em atender aos meus questionamentos.

De forma especial agradeço o apoio do Diretor do Museu Paranaense, Dr. Renato Augusto Carneiro Junior, que disponibilizou o acervo do Museu, imprescindível para prosseguir as pesquisas.

À antropóloga Maria Fernanda Campelo Maranhão, inigualável amiga e conselheira com quem pude contar e compartilhar ideias, que possibilitou conhecer a obra de Kozák e promoveu encontros que me colocaram em contato com outras pessoas que relacionaram-se com o autor tcheco: em inúmeras conversas buscávamos interpretar o pensamento de Kozák e sua relação com o Museu, a Universidade e os amigos.

Ao grupo de orientandos da Prof.a Roseli, com os quais tive a oportunidade de discutir ideias e projetos, e também dúvidas e angústias, em nossos encontros periódicos.

A todos os professores da pós-graduação que esclareceram muitas das minhas dúvidas e deram “dicas” de leituras.

À Martina Cermakova, um contato distante, mas imprescindível para a tradução dos documentos escritos em tcheco.

À secretária do PPGHIS, Maria Cristina Parzowski, pela atenção, pelos esclarecimentos e suporte aos trâmites burocráticos e acadêmicos.

Aos professores do Curso de Graduação em História da Universidade Tuiuti do Paraná, que me estimularam a prosseguir os estudos de História.

À Antônia Schwinden, pela paciência, rigor e oportunas sugestões que dedicou à revisão deste texto.

E, finalmente, a minha adorável família, de cuja companhia declinei por algumas horas de estudo...

*A No puedo darte soluciones para todos los problemas de la vida,
ni tengo respuestas para tus dudas o temores
pero puedo escucharte y compartirlo contigo.
No puedo cambiar tu pasado ni tu futuro,
pero cuando me necesites estaré junto a ti.
No puedo evitar que tropieces,
solamente puedo ofrecerte mi mano para que te sujetes y no caigas.
Tus alegrías, tus triunfos y tus éxitos no son míos.
pero disfruto sinceramente cuando te veo feliz.
No juzgo las decisiones que tomas en la vida.
me limito a apoyarte, a estimularte y a ayudarte si me lo pides.
No puedo trazarte límites dentro de los cuales debes actuar,
pero sí te ofrezco el espacio necesario para crecer.
No puedo evitar tus sufrimientos cuando alguna pena te parta el corazón,
pero puedo llorar contigo y recoger los pedazos para armarlo de nuevo.
No puedo decirte quien eres ni quien deberías ser,
solamente puedo amarte como eres y ser tu amigo.
En estos días pensé en mis amigos y amigas, entre ellos, apareciste tú.
No estabas arriba, ni abajo ni en medio.
No encabezabas ni concluías la lista.
No eras el número uno ni el número final.
Y tampoco tengo la pretensión de ser el primero,
el segundo o el tercero de tu lista.
Basta que me quieras como amigo.
Gracias por serlo.*

Jorge Luis Borges

Introdução

O imigrante tcheco Vladimir Kozák é praticamente desconhecido do grande público. No entanto, é um nome significativo para estudiosos dos indígenas brasileiros. Embora a excelência de seu trabalho na área de etnografia tenha sido reconhecida por antropólogos e pesquisadores de instituições internacionais, ainda são poucas as pesquisas realizadas sobre ele ou seu trabalho.¹ Entre os existentes, a maioria tem como foco as imagens que produziu, com poucas referências sobre ao homem ou suas atividades.² Em que pese o importante papel que este estudioso tcheco desempenhou para o avanço das pesquisas sobre os índios no Brasil, e mais especialmente no Paraná, sua trajetória como pesquisador ainda é

¹ Em 1988, o cineasta paranaense Fernando Severo produziu o curta-metragem “O mundo Perdido de Kozák” retratando a vida e parte da obra cinematográfica de Kozák. O filme foi premiado em 1988 no Festival de Brasília, no Festival de Gramado e no Rio Cine.

Em 1998, filmes de Kozák sobre os Xetá foram estudados pela antropóloga Carmem Lúcia Silva na dissertação de Mestrado em Antropologia Social pela UFSC, Florianópolis: “**Sobreviventes do extermínio**: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá.”

Em 2006, a antropóloga Maria Fernanda Campelo Maranhão escreveu sobre o filme etnográfico em “Contextualizando imagens paranistas (1940-1950): o filme etnográfico de Vladimir Kozák e as Ciências Sociais no Paraná.”

Em 2009, foi publicado o artigo de Márcia Rossato: “**Vladimir Kozák e suas imagens**,” pela UFPR.

Em 2011, apresentei o TCC: “**O Yguaçu de Vladimir Kozák e o território do Iguaçu**,” no Curso de Bacharelado de História da Universidade Tuiuti do Paraná.

Em 2012, apresentei o artigo “**Os índios de Vladimir Kozák: leituras e significados**,” no Curso de Especialização de História da Arte da PUC-PR.

² FURTADO, Maria Regina. **José Loureiro Fernandes**: o paranaense dos museus. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006; CECCON, Roseli. **Em busca de uma “Arqueologia Brasileira”**: Universidade do Paraná, décadas de 1950 a 1970. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

praticamente desconhecida no país e pouco se sabe sobre sua vida pessoal, suas relações de amizade, seus desejos e interesses.

Nascido em *Bystřice pod Hostýnem*, zona rural da Morávia, atual República Tcheca, Vladimír Kozák iniciou sua instrução na vila de origem, estudou engenharia mecânica na Escola Nacional Tcheca de Ensino Industrial de Brno e, ao mesmo tempo, pintura com o professor Jan Kolár, da *Purkyne University*, no Departamento de Arquitetura. Com 27 anos, em 1924, ele veio para o Brasil e trabalhou em Vitória, Salvador e Belo Horizonte, antes de se estabelecer em Curitiba, em 1938.

Ao estudar a trajetória de Kozák, as dificuldades têm início quando tentamos qualificá-lo, já que enquadrá-lo como engenheiro é limitar sua atuação; assim como indicá-lo fotógrafo, cineasta, artista ou mesmo etnólogo é arriscado e pouco esclarecedor, pois era uma figura multifacetada que sempre esteve envolvida simultaneamente em diversas atividades.

O interesse pela pintura e fotografia se evidencia desde o início de sua viagem da Europa para o Brasil, quando já mencionava as possibilidades de registro de paisagens que observava em desenho ou fotografia. Assim, a paixão por registrar imagens do que viu, seja em desenho e pintura, seja em fotografia, foi uma constante na vida deste pesquisador, que, ao longo do tempo, ainda acrescentou o filme aos seus interesses, produzindo imagens únicas e surpreendentes sobre a cultura brasileira.

Nos anos 50, Kozák viajou pelo país buscando registrar as paisagens e a cultura dos locais visitados. Entre os anos de 1948 e 1966, realizou pelo menos vinte e três viagens de pesquisas a diversas aldeias indígenas pelo interior do Brasil. Ao visitar diferentes estados como Mato Grosso, no Alto Xingu, Montanha do Trovão e Rio São Lourenço;

Tocantins, no Rio Araguaia e Ilha do Bananal; Pará; Maranhão e Paraná, na Serra dos Dourados, fronteira com o Paraguai, conviveu com os Karajá, Kamaiurá, Waujá, Kuben-Krân-Krên, Bororo, Kaigang, Guarani e os Xetá, entre outros. Fascinado pelas suas crenças, dedicou-se a colher informações sobre cada um desses grupos observando-os individualmente e registrando suas impressões em diferentes meios: fotografia, filme e pintura ou mesmo escritos.

Kozák foi um homem culto e um viajante singular, que conheceu como poucos o sertão do Brasil, estabelecendo contato e relações de respeito com diversas comunidades indígenas. Amealhou considerável material sobre suas viagens e atividades profissionais e pessoais, bem como um vasto conjunto epistolar, o qual, logo após sua morte, em 1979, foi reunido para que seus bens fossem inventariados e encaminhados à justiça, constituindo-se em um processo de herança jacente,³ cuja decisão judicial determinou que a guarda e a conservação do material permanecessem sob a responsabilidade do Museu Paranaense,⁴ já que ele trabalhou no Museu e muitas de suas atividades tiveram maior impulso a partir de sua presença na instituição.

³ Ocorre processo de Herança Jacente quando inexistem herdeiros conhecidos e os bens deixados pelo inventariado ficam sob a guarda, conservação e administração de um curador, neste caso o Museu Paranaense.

⁴ Os autos n.º 12.094/79 da 8.ª Vara Cível da Capital trataram dos bens deixados por Kozák, que, observados os trâmites legais passaram à curadoria do Museu. O processo tramitou desde 1979 a 29 de novembro de 1990, quando ocorreu a entrega definitiva ao curador.

O arquivo é rico e diversificado, constituído de objetos pessoais e um grande acervo imagético⁵ composto de filmes, fotografias, desenhos, aquarelas, esboços, óleos sobre tela. Há também expressiva documentação manuscrita, como correspondências, cadernetas de campo, anotações e esboços de roteiros para filmes.

A pesquisa que está sendo apresentada apoia-se, fundamentalmente, no estudo do arquivo pessoal de Vladimir Kozák, com ênfase na documentação epistolar. Mas por que a opção do arquivo pessoal e das cartas? Essencialmente, pela riqueza quantitativa e qualitativa do material, mas também por tratar-se de fonte inédita e inexplorada por pesquisadores, o que possibilita diversas leituras sobre este imigrante e suas relações em diferentes campos do saber.

Ao longo de aproximadamente quarenta anos, Vladimir Kozák acumulou um grande acervo de cartas que resultou de seu contato com vários interlocutores, tratando dos mais variados temas, desde informações técnicas sobre equipamentos fotográficos e cinematográficos à troca de ideias com pesquisadores nacionais e de outros países. Desse conteúdo emergem as mais variadas discussões que envolvem relações pessoais e profissionais, particularidades sobre grupos indígenas visitados ou a serem visitados pelo autor, pensamentos e sentimentos acerca da situação

⁵ Não é possível precisar o número de imagens produzidas por Kozák. Até o momento, foi localizado material do autor no Museu Paranaense; Universidade Federal do Paraná; *Glenbow Alberta Institute Museum*, Alberta, Canadá; *American Museum of Natural History* de Nova Iorque, Museu do Índio do Rio de Janeiro e com particulares. No Museu Paranaense encontram-se 182 pinturas a óleo, 1.169 aquarelas e desenhos; há também esboços e desenhos em papéis avulsos e cadernetas de campo. Esse material está em fase final de inventário, e as imagens de duas exposições sobre o autor, “A poesia das imagens de Vladimir Kozák” e “Vladimir Kozák: o olhar de um viajante,” que ocorreram no Museu, já se encontram disponíveis no site da instituição.

desses grupos no país, estudos sobre o folclore, assim como detalhes acerca da elaboração e organização de suas viagens e troca de impressões sobre livros e pintura.

O acervo como registro de uma vida compõe uma memória de si, e é constituído de vasto e variado conjunto epistolar, contendo aproximadamente três mil e trezentas cartas que ele trocou com pelo menos duzentos e setenta correspondentes. Estima-se que 51% dos seus contatos eram do exterior e 49% do Brasil. Há uma pluralidade de correspondentes tratando de diversos assuntos que indicam muitas direções, pois dizem respeito a contatos comerciais, como compra ou pesquisa para material de filmagem, fotografia e pintura; pagamento de material importado; solicitação para uso de imagens produzidas por Kozák e doações para refugiados da Segunda Guerra,⁶ entre outros. Também são discutidas questões profissionais e pessoais, há diálogos com amigos de diferentes meios: intelectuais, homens e mulheres do Brasil e do exterior.

As cartas estão em diversos idiomas, aproximadamente 42,5% delas estão em tcheco, 36% em inglês, 20% em português e as demais em alemão e espanhol. Nas missivas em tcheco observou-se que 16% desses correspondentes encontravam-se no Brasil e os demais no exterior; uns poucos em outros países, como Estados Unidos e Uruguai,

⁶ Doações para o Comitê Tchecoslovaco de Socorro às vítimas de Guerra e Ação de Socorro às crianças da Tchecoslováquia depois da Guerra, ambos ligados à Cruz Vermelha da Tchecoslováquia e à Cruz Vermelha Britânica, autorizados pela Cruz Vermelha Brasileira.

A irmã de Vladimir Kozák, Karla Kozák, foi responsável pelo Subcomitê de Socorro às vítimas de Guerra de Curitiba. Observamos nesta documentação que as doações de Vladimir Kozák eram de valores mais expressivos que a maioria dos demais, conforme relatórios de prestação de contas.

mas a grande maioria é da Tchecoslováquia. Neste caso, tratava-se de amigos ou parentes, que ao longo do tempo foram escasseando, como sugerem os impressos, em tcheco, anunciando mortes naquele país.

Algumas cartas são manuscritas, outras estão datilografadas, e às vezes uma mesma carta utiliza ambas as formas; não há um critério distintivo específico na apresentação de uma carta comercial e as que envolvem as relações pessoais, somente quanto ao conteúdo. Ainda que grande parte das missivas que buscavam informações comerciais esteja datilografada, isso não pode ser tomado como uma regra fixa porque há entre elas cartas manuscritas.

Meu primeiro contato com o acervo Vladimir Kozák ocorreu em 2010, quando realizei estágio no Museu Paranaense, Setor de Antropologia, sob a orientação da antropóloga Maria Fernanda Campelo Maranhão. Nessa oportunidade foi possível conhecer o legado do autor e o conjunto do material recolhido e guardado na instituição. Aos poucos fui descobrindo em que consistia o conteúdo do acervo e alguns detalhes da sua produção, o que resultou no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso “O Yguaçu de Vladimir Kozák e o Território do Iguaçu” apresentado ao Curso de Bacharelado em História da Universidade Tuiuti do Paraná em 2011.

Assim, buscando informações sobre o filme “Yguaçu”⁷ e sua elaboração, tive acesso a algumas cartas relacionadas ao tema pesquisado, que permitiram identificar os correspondentes. No entanto, naquele momento minha atenção estava mais dirigida ao tema específico e ao material imagético produzido pelo pesquisador. Terminado o estágio, o diretor da instituição, o professor Dr. Euclides

⁷ *Yguaçu* é a grafia original, conforme consta na abertura do filme.

Marchi generosamente autorizou que eu prosseguisse trabalhando com o acervo, desta vez como voluntária do Museu. Foi desse modo que, adentrando no mundo epistolar de Kozák, acabei organizando sistematicamente a sua correspondência e identificando a maioria de seus interlocutores, no intuito de constituir uma base de referência acessível para futuras pesquisas. A cada gaveta, pacote ou documento aberto surgia uma novidade, trazendo novas informações, mas também novas perguntas sobre o homem e o trabalho que ele desenvolveu junto ao Museu Paranaense e à Universidade do Paraná. Portanto, à medida que me inteirava do conjunto documental, fui percebendo a qualidade do material e as possibilidades que poderiam ser desenvolvidos.

A propósito do acervo e o acesso a ele, é imprescindível destacar que com o Dr. Renato Carneiro Junior na direção do Museu foi dado prosseguimento ao levantamento. O material vem sendo inventariado e o acervo documental foi digitalizado e está disponível para pesquisas on-line no site institucional.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná a intenção era de aprofundar as pesquisas em torno da trajetória deste homem, desenvolvendo uma análise reflexiva do conjunto da correspondência pessoal de Vladimir Kozák, entre os anos de 1938 a 1978, identificando os seus correspondentes e os temas mais assiduamente discutidos – trajetória esta socialmente construída, interpretada como sendo o percurso social do personagem em determinado contexto. Uma análise que, no meu entender, possibilitaria dar voz e visibilidade ao destinatário e aos seus correspondentes, mediante a identificação dos laços de amizade e paixões ou ressentimentos e mágoas que interferiram nas suas relações pessoais e profissionais.

No decorrer do curso os nossos projetos iniciais foram discutidos com colegas e professores, possibilitando novos olhares nos escritos originais. Foi assim que, conjugando essas avaliações com o aprofundamento de leituras teórico-metodológicas que pudessem auxiliar na elaboração da dissertação, bem como a leitura atenta e releitura de muitas cartas do acervo, e das diretrizes propostas pela orientadora, ficou evidente que analisar na íntegra o conjunto epistolar seria inviável e o projeto exigia um recorte mais preciso. Portanto, juntamente com a Professora Dr.^a Roseli Boschilia, busquei estabelecer alguns critérios metodológicos que auxiliassem na interpretação do material.

Primeiramente foi observada uma periodização, sem, contudo, perder de vista a unidade, demarcando três fases distintas: a primeira de 1924 a 1938, ou seja, desde que Kozák chegou ao Brasil, os primeiros anos, quando estava morando no Espírito Santo, Minas Gerais ou Bahia, que correspondem a 11% das cartas. O segundo período, quando ele se radicou em Curitiba, de 1938 a 1947, época em que estabeleceu laços com antropólogo Loureiro Fernandes e foi convidado para atuar como voluntário junto ao Museu Paranaense, que se refere à 13% das cartas. E finalmente, o terceiro período, desde a sua vinculação ao Museu Paranaense até sua morte, ou seja, de 1947 a 1979, que totaliza 76% das missivas.

Após essas considerações, observando a quantidade considerável de cartas e a riqueza da rede de correspondentes, reavaliei e redirecionei esses estudos com o objetivo de analisar a prática epistolar de Vladimir Kozák, observando o meio em que viveu, rupturas e permanências, buscando interpretar as redes de amizade e os sentimentos que uniram essas pessoas. Faço notar que o conceito de amizade aqui é aquele interpretado

por Vincent-Buffault⁸ como uma “alegria suplementar”⁹ e uma escolha; que “estabelece redes de influência, inventa lugares de convivência e laços de resistência.”¹⁰

Desse modo, a amizade é entendida como um espaço social do indivíduo que possibilita a criação de vínculos sociais e emocionais e que se caracteriza, especialmente, pela livre escolha e afeição pessoal.¹¹ Ou seja, a amizade como uma relação humana capaz de romper distâncias e ampliar horizontes, consolidando um espaço de conversação franca e de troca cultural e pessoal. Relações de amizade que podem desvendar aspectos da trajetória deste homem que viveu entre o espaço da ciência e o espaço das artes, mas não se sentia partícipe de nenhum desses ambientes.

Quando me refiro a sentimentos, estou indicando afetos, emoções e sensibilidades como manifestações afetivas que no sentido geral podem ser consideradas sinônimas, mas não no sentido especializado. “Quando não são sinônimos, cada um indica um estado de alma diferente”.¹² Quando sinônimos, referem-se a um “estado de alma geral”.

A amizade e a escrita epistolar são temas que pertencem ao universo dos sentimentos e da subjetividade, e o objetivo desta pesquisa é apresentar e discutir o significado da amizade para Vladimir Kozák a partir da análise de sua correspondência, especialmente a recebida, por se tratar das que tive maior acesso. Questiono como se configurou a relação

⁸ VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade**: uma história da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

⁹ *Ibid.*, p. 9.

¹⁰ *Id.*

¹¹ ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

¹² FIORIN, José Luiz. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. **CASA**, São Paulo, 2007. v. 5, n. 2, p.12. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/File/541/462>>. Acesso em: 07/1/2014.

correspondência e amizade para ele, visto que o diálogo entre amigos narra sentimentos e ressentimentos do personagem, possibilitando reflexões sobre seu percurso histórico, relações pessoais e profissionais.

Sandra Pesavento¹³ afirma que abordar as sensibilidades, é uma tarefa difícil e instigante porque “não se trata de algo que se situe no domínio do explícito, mas das insinuações, dos silêncios, dos recursos metafóricos da linguagem, das dimensões implícitas no jogo social.”¹⁴ Para essa autora, a sensibilidade é uma capacidade humana que possibilita a “apreensão do real; é uma habilitação sensorial que marca a capacidade de ser afetada pelo mundo ou de reagir a estímulos físicos e psíquicos por meio das sensações.”¹⁵

Ao discutir as expressões da emoção, Maurice Halbwachs¹⁶ compreende que “as formas que poderiam ser chamadas de superiores da sensibilidade, os sentimentos e as paixões, parecem exigir uma elaboração mais pessoal e mais prolongada que as emoções.”¹⁷ Quando se trata de sentimentos toda a atenção humana se direciona “ao redor da representação da pessoa que se gosta ou detesta, do objeto desejado ou temido.” As sensibilidades exigem um trabalho mental que decorre da mistura de ideias, julgamentos e raciocínios; além do foro interior, há a sociedade exercendo ação direta sobre os sentimentos e as paixões, pois o homem é

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas (SP): Ed. da Unicamp, 2001. p.221–236.

¹⁴ *Ibid.*, p.222.

¹⁵ *Id.*

¹⁶ HALBWACHS, Maurice. A expressão das emoções e a sociedade. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 8, n.22, p.201-208, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/HalbwachsTrad.pdf>>. Acesso em 07/1/2014.

¹⁷ *Id.*

um ser social que raciocina e pensa. Assim, para esse autor “cada sociedade, cada nação, cada época, também deixa sua marca sobre a sensibilidade de seus membros.”¹⁸

Partindo desses elementos como introdução à análise do conteúdo das missivas, no primeiro capítulo, com o intuito de dar a conhecer o acervo e apresentar um inventário dele, apresento algumas reflexões pertinentes aos arquivos, correspondência pessoal e a escrita de si. Isso porque, como Palmeira¹⁹ observa, “fazer uma pesquisa em um arquivo pessoal não é necessariamente o mesmo que produzir uma investigação sobre o arquivo.”²⁰ Pesquisar “em um arquivo pessoal, não desobriga, todavia, do conhecimento do conjunto do arquivo que se estuda.”²¹

Considerando que o hábito de guardar lembranças é uma atitude comum nas pessoas, tendo como referência Artières,²² que percebe como “anormal” o homem “sem-papéis”, busquei indicar algumas particularidades na análise desta fonte por historiadores, especialmente no que se refere à compreensão de que trabalhar com este material exige atenção às suas características e especificidades, pois arquivar não pode ser observada como uma prática neutra ou livre de interferências.

¹⁸ HALBWACHS. *Op. cit.*

¹⁹ PALMEIRA, Miguel S. Arquivos pessoais e história da história. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle e HEYMANN, Luciana (Orgs.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p.79-99.

²⁰ *Ibid.*, p. 92.

²¹ *Id.*

²² ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricas**, Rio de Janeiro, 1998. v. 11, n. 21, p.9-34. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2061>>. Acesso em: 20/5/2013, p. 11.

Segundo Dauphin e Poublan,²³ “a descoberta de uma carta incita sempre a contar: a história de sua descoberta, a história dos que escreveram, a história dos acontecimentos que evoca. O atrativo está no suspense, na decifração dos enigmas.”²⁴ Assim, atenta ao que dizem essas autoras no que concerne ao fascínio produzido pelas cartas, e como é instigante desvendar o seu conteúdo, busquei observar a crítica do documento, que Le Goff²⁵ aponta como o principal dever do historiador, e também refletir sobre o que Prochasson²⁶ indica como “armadilhas” na utilização desta fonte. Nas questões relativas à “escrita de si”, uma prática que Michel Foucault²⁷ denominou preocupação com o eu, desenvolvida a partir de uma “cultura de si,” incluí as contribuições propostas por Pierre Bourdieu²⁸ e Angela de Castro Gomes.²⁹ Deste modo, para proceder a uma análise do conteúdo do acervo epistolar, inicio apresentando um levantamento do conjunto documental e dos correspondentes nele envolvidos.

²³ DAUPHIN, Cécile e POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver. In: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (orgs.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo, RS: Editora UPF, 2002. p.75-87.

²⁴ *Ibid.*, p.79.

²⁵ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p.535.

²⁶ PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1998. v. 11, n.21, p.105-120. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2064>>. Acesso em: 20/5/2013.

²⁷ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

²⁸ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina, FERREIRA; Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.183-191.

²⁹ GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

No segundo capítulo o objetivo foi indicar alguns aspectos da biografia e da autobiografia, bem como os limites da escrita biográfica, para chegar aos dados esclarecedores que registraram a trajetória pessoal e institucional de Vladimir Kozák. A ênfase na biografia constituiu uma estratégia de abordagem para desvendar o personagem e um fundamento para analisar o conteúdo da correspondência, tendo em conta que a atenção a questões mais pessoais pode direcionar a interpretação de sua atuação institucional, pois não há como isolar essas relações que, geralmente, estão articuladas entre si e determinam comportamentos.

Nas considerações sobre a biografia destaco o quanto é apaixonante a experiência de desvendar um personagem, apesar dos limites impostos por esta fonte que exige atenção à necessidade de contínua avaliação ao risco da ilusão biográfica e aos silêncios. Nesse tema não há como prescindir das reflexões de autores como Pierre Bourdieu³⁰ e Jacques Revel³¹ como referência.

Quando se trata de apresentar a produção de Kozák há uma dificuldade em face da diversidade do que ele fez, exigindo a subdivisão em dois itens. O primeiro contempla aspectos do significado de fotografar e filmar para o personagem, o que e como ele realizou essas atividades. No segundo item, são observados as pinturas e os desenhos, tendo como enfoque a questão apontada pelo próprio personagem: era Kozák um artista?

³⁰ BOURDIEU, Pierre. *Op cit.*

³¹ REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: **História e Historiografia**: exercícios críticos. Curitiba: Editora UFPR, 2010. p.235-248.

As cartas como forma mais íntima de comunicação possibilitam a exposição de ideias e trocas de experiência entre os correspondentes e amigos que são apresentadas no terceiro capítulo, quando discuto a relação epistolar e as amizades do personagem. Amizade observada como uma relação humana caracterizada pelo vínculo interpessoal afetivo, revestido de escolhas, que independe de origem, tempo de relacionamento ou qualquer outra regra. Um tema que pode ser explorado pela poesia de Jorge Luis Borges, que aborda a amizade de modo tão especial: alguém que não soluciona ou não questiona, mas somente oferece a sua presença e o seu apoio.

No puedo darte soluciones para todos los problemas de la vida, ni tengo respuestas para tus dudas o temores, pero puedo escucharte y compartirlo contigo.

No puedo cambiar tu pasado ni tu futuro, pero cuando me necesites estaré junto a ti.

No puedo evitar que tropieces, solamente puedo ofrecerte mi mano para que te sujetes y no caigas.³²

Então, fundamentada nessa noção de amizade, busquei os correspondentes mais assíduos e permanentes, que propiciam a compreensão do personagem e dos sentimentos que envolveram suas relações pessoais e profissionais: o casal de antropólogos americanos, Robert Carneiro e Gertrude Dole, e a canadense Marjory Baillon. Os dois primeiros referem-se a uma comunicação direcionada a questões mais profissionais, enquanto a segunda trata-se da amiga escolhida que mantém um diálogo mais individualizado e pessoal. O fato de as cartas

³² BORGES, Jorge Luis. Poema a los amigos.

estarem escritas em inglês facilitou, mas de modo algum foi preponderante na escolha, já que as que estão escritas em idioma tcheco foram traduzidas, conforme indico no decorrer do texto.

A relação de amizade com o casal Robert Leonard Carneiro e Gertrude Dole parece ter sido estabelecida a partir de interesses intelectuais, após um encontro ocasional que os três tiveram durante uma viagem ao Alto Xingu. Em 1953, os antropólogos vieram para o Brasil estudar os índios Kuikuro e, casualmente, em um avião da Força Aérea Brasileira, conheceram Vladimir Kozák, que era passageiro no mesmo voo. Antes que o avião chegasse ao destino final, houve uma parada em Santa Izabel, na Ilha do Bananal, no rio Araguaia e, aproveitando a ocasião e o interesse de ambos, Kozák levou-os a um “núcleo dos índios Karajá, que ele já conhecia de visita anterior.”³³

Já o encontro com Marjory Baillon ocorreu em Curitiba, logo após a chegada da família Baillon à capital paranaense, no final da década de 1930. É difícil apontar com precisão as circunstâncias em que eles se conheceram. Contudo, há vários escritos mencionando excursões que envolviam longas caminhadas e escaladas difíceis, com sessões de fotografia da natureza nos arredores de Curitiba e Serra do Mar, que sugerem terem sido estes seus primeiros contatos.

O intercâmbio epistolar com Marjory Baillon foi mais longo que o havido com os antropólogos americanos, já que se estendeu entre os anos de 1940 a 1978. Trata-se de uma ligação revestida de afetividade, mais íntima e pessoal. Eles se conheceram quando ela morava

³³ CARNEIRO, Robert. Introdução. In: Os índios Hetá: Peixe em Lagoa Seca. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**, Curitiba, 1981.v. 38. p.14.

no Brasil e, após o seu retorno com a família, marido e filhos ao Canadá, continuaram mantendo contato por meio das cartas. Apesar da distância geográfica e do fato de nunca mais se encontrarem pessoalmente, as cartas mantiveram os dois próximos um do outro, partilhando muito de suas vidas e trocando ideias.

O diálogo em inglês dificultou, em alguns momentos, a compreensão de expressões utilizadas, exigindo releituras atentas do conjunto documental para esclarecer quanto ao tratamento e a relação entre os missivistas.

Na documentação do acervo há correspondência ativa e passiva. Nem sempre está presente a resposta do interlocutor – no conjunto observou-se que 80% das cartas referem-se à correspondência recebida e 20%, à expedida. No entanto, no geral, o acesso à parcela da correspondência de modo algum prejudicou o entendimento do diálogo entre as partes, pois as respostas, além de esclarecerem dúvidas e indícios, indicavam as perguntas. Na leitura das cartas é possível identificar diversas passagens, respostas a assuntos abordados ou mesmo a continuidade da discussão de alguns temas. Desse modo, anotações feitas nas primeiras leituras exigiram releitura detalhadas para a compreensão do enunciado.

Com tanto material, em princípio nem cogitei adentrar a seara da história oral, pois o foco de pesquisa era a correspondência particular do personagem. No entanto, surgiu uma proposta da antropóloga Maria Fernanda Campelo Maranhão, que desenvolve pesquisas acerca dos registros etnográficos de Vladimir Kozák, de manter contato com pessoas que conviveram com nosso objeto de pesquisa. Tratava-se de uma oportunidade única e imperdível, pois era a chance de tentar compreender o homem para além das cartas, obter informações complementares ou

esclarecedoras quanto à trajetória, relações pessoais, participação nas pesquisas desenvolvidas pelo Museu Paranaense, viagens e uma aproximação do objeto das pesquisas antropológica e histórica. Assim, em 2013, foram entrevistados o arqueólogo Oldemar Blasi e o empresário Tirone Hurt, cujas falas são trazidas no decorrer do texto.

E, finalmente, faz-se necessário um esclarecimento a respeito da escolha do título “lobo solitário”. Como a pesquisa aqui apresentada envolve interpretações sobre o significado da amizade para Vladimir Kozák, nada mais coerente que buscar o mesmo fio condutor. O diálogo com uma amiga, a retratista Gene Woiski, possibilitou encontrar embasamento tal, pois ela, observadora das características da personalidade de Kozák, e a dificuldade de fazer com que ele revelasse mais acerca de si, ainda que em diversas ocasiões o pressionasse a falar mais sobre si e eventuais problemas ou questões que o incomodavam, não obtendo resposta, apelidou-o carinhosamente de “Lone Wolf”, ou seja, “Lobo Solitário”, uma expressão utilizada em diversos momentos nas cartas.

De resto, a discussão em torno das relações mantidas por Vladimir Kozák indicou uma rede social ampla, possibilitando rica fonte de informações para pensar as relações de amizade como formas de sentir e de agir que aproximam homens e mulheres.³⁴

³⁴ MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidade nos salões iluministas. **História Questões & Debates**. Curitiba: Ed. UFPR, n. 46, p.51-67, 2007.

1

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ARQUIVOS

Guardar lembranças de atividades desenvolvidas ou interesses considerados relevantes, como registro de determinados momentos de suas vidas, é uma atitude relativamente comum nas pessoas; em face da impossibilidade de manter o todo, são guardados fragmentos, ou seja, vestígios que tenham significado, que remetam a lembranças do que já se perdeu. “Ao longo do tempo, indivíduos e sociedades têm comunicado, registrado e repassado muito de suas histórias, relembrando-as, armazenando-as, estruturando-as, representando-as de maneira seletiva, sob a forma gráfica ou textual.”³⁵ É difícil encontrar alguém que não tenha cartas, fotografias, documentos de trabalho, documentos pessoais, bilhetes de passagens, comprovantes, recibos, enfim algum tipo de papel, a ponto de Artières³⁶ considerar como “anormal” o homem “sem-papéis”.

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta primeira distribuição cultural é o primeiro trabalho. [...]

As origens de nossos Arquivos modernos já implicam, com efeito na combinação de um grupo (os “eruditos”), de lugares (as “bibliotecas”) e de práticas (de cópia, de impressão, de comunicação, de classificação, etc.).³⁷

³⁵ McKEMMISH, Sue. Provas de mim... Novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle e HEYMANN, Luciana (Orgs.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p.25.

³⁶ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1998. v. 11, n. 21, p.9-34. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2061>>. Acesso em: 20/5/2013.

³⁷ CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p.81.

Observando o gesto de registrar dos indivíduos como uma “espécie de testemunho”, Sue McKemmish afirma:

Os registros sob qualquer forma, nos oferecem, em primeiro lugar, testemunhos de nossas interações com os outros, no contexto de nossas próprias vidas do lugar que ocupamos nas deles – “são provas de nossa existência, de nossas atividades e experiências”. Fabricamos e guardamos os registros que compõe [sic] um arquivo pessoal para assegurarmos nosso lugar no presente e no futuro.³⁸

Esse combinado de documentos, muitas vezes descrito como uma papelada ou papéis velhos, observados individualmente podem parecer desconexos e irrelevantes. No entanto, quando observados no conjunto, constituem-se em arquivo pessoal que revelam múltiplas e diferentes informações de quem guardou, experiências, hábitos, preferências ou trajetória de vida; fornecem vestígios e uma infinidade de traços do titular que o tornam único e que são passíveis de serem estudados.

Arquivos podem ser observados como fonte e matriz para interpretar um percurso. Referem-se a indícios de uma trajetória, são a materialidade da relação entre o titular e o seu contexto, podendo apresentar sinais reveladores do pensamento individual e (ou) do grupo. Geralmente, os documentos encontrados nos arquivos pessoais refletem o ideário do titular.

Arquivar é tentar salvar da perda ou da dispersão. Os arquivos resultam do registro de uma atividade humana, seja organizacional,

³⁸ McKEMMISH. *Op cit.*, p.24.

oficial ou pessoal, podendo surgir de modo intencional ou não. Nos arquivos pessoais a identidade do acervo se define pelo titular e constituem importantes fontes de informações para a pesquisa histórica, revelando-se como recordações do passado que sobreviveram ao processo seletivo da memória e do tempo. Remetem às atividades de um indivíduo e seu natural processo de acumulação, refletindo vestígios de um passado.

Porém, convém destacar que conjuntos documentais denominados “arquivos pessoais” guardam informações bem mais abrangentes que detalhes de seu titular, podendo apresentar fragmentos de outras vidas.

Registros se apresentam como essenciais para o estabelecimento de memórias individuais e coletivas, assim como inserem o homem em determinado contexto. “Produzir e manter registros atesta nossas vidas, evidencia, representa e memorializa nossas interações e relacionamentos; e nos situa no mundo.”³⁹ O arquivamento propicia tanto preservar a memória de experiências vividas quanto constituir uma identidade pessoal, consistindo em uma tentativa de perpetuar-se.

Analisando aspectos dos arquivos pessoais, Heymann⁴⁰ indica o quanto é sedutor o contato com fontes primárias que possibilitam descortinar segmentos desconhecidos da história, especialmente, quando o material “tem uma origem privada, um caráter pessoal.”⁴¹ O manuseio desses documentos tem o poder de “simular o transporte no

³⁹ McKEMMISH. *Op cit.*, p. 29.

⁴⁰ HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: uma reflexão sobre arquivos Pessoais e o caso Filinto Müller. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p.41-63, 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2041>>. Acesso em: 20/5/2013.

⁴¹ *Ibid.*, p. 41.

tempo, a imersão na experiência vivida, de forma direta, sem mediações,” produzindo uma questionável sensação de intimidade. No entanto, apesar deste “irresistível encantamento”,⁴² é um equívoco imaginar que o acesso ao arquivo permite mergulhar na experiência de vida do titular, como se através dele fosse possível resgatar registros indubitavelmente seguros de “atuação, pensamento, preferências, pecados e virtudes”⁴³ dos indivíduos.

Trabalhar com esse tipo de material exige a compreensão de suas características, limites e especificidades. O arquivo pessoal é constituído pela vontade do titular e os documentos desses arquivos refletem múltiplas interferências. Os objetos e registros acumulados ao longo da vida são reflexos de operações pessoais que arquivam ou descartam: há sempre uma escolha do que fica registrado e do que é ignorado pelo autor. São escolhas que não seguem critérios fixos, mas que estão sujeitas a objetivos e temporalidades díspares.

Também é importante notar que, assim como a vontade do titular interfere na constituição do arquivo pessoal, há a possibilidade de outras intervenções externas, como, por exemplo, a dos responsáveis pela organização do material que, decidindo sobre organização do acervo, selecionam, avaliam, descrevem, impondo a sua subjetividade ao arquivo.

O que se observa no comportamento humano é uma ação seletiva periodicamente renovada, conforme as circunstâncias. “Na correspondência que recebemos, jogamos algumas cartas diretamente no lixo, outras são conservadas durante um certo tempo, outras enfim são

⁴² HEYMANN. *Op. cit.*

⁴³ *Ibid.*, p.42.

guardadas; com passar do tempo, muitas vezes fazemos uma nova triagem.”⁴⁴ Portanto, a seletividade evidencia que o arquivar não é uma prática neutra e isenta de interferências.

Artières, discorrendo sobre “arquivos de vida”,⁴⁵ afirma que as pessoas estão sempre deixando vestígios escritos de suas vidas e que o “exercício”⁴⁶ de arquivar reveste-se de escolhas, pois rotineiramente “fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens”.⁴⁷

Finalmente, arquivos pessoais não devem ser observados como um reflexo da história de vida de seu titular e depositários de todas as suas atividades. Nem todos os documentos produzidos durante uma vida fazem parte do arquivo, e nem tudo está registrado. “Nem sempre existe uma equivalência entre a história de vida e o arquivo pessoal.”⁴⁸ Qualquer noção de unidade é ilusória, documentos mantidos em arquivos pessoais possibilitam lacunas como qualquer outro registro.

Entender os conjuntos documentais de natureza pessoal como produto de investimentos pessoais ou coletivos, mais do que como produtos “naturais” da trajetória de indivíduos, pode nos ajudar a desvendar significados e a avançar na tarefa de refletir sobre procedimentos que possam auxiliar no tratamento. Investimentos pessoais, imagem pública e visões de mundo se objetivam nos arquivos pessoais e nos usos que

⁴⁴ *Ibid.*, p.11.

⁴⁵ *Ibid.*, p.10.

⁴⁶ *Ibid.*, p.18.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 11.

⁴⁸ HEYMANN. *Op cit.*, p.44.

seus titulares e herdeiros lhes conferem, e fornecem chaves para compreender o arquivo que vão além das tradicionais associações entre **trajetória** e **documentos**.⁴⁹ (Grifo do autor).

Por maior que seja a quantidade de documentos arquivados, estes indubitavelmente se apresentam apenas como fragmentos de trajetórias e experiências, visto que a memória é residual e mostra somente uma parte, uma fração de um passado. E compete ao historiador reunir esses fragmentos para escrever a história, sendo que questões como verdade, intencionalidade do produtor da fonte, subjetividade e seletividade da memória não podem ser ignoradas, mas devem continuamente ser avaliadas e problematizadas criticamente, especialmente quando o tema é pesquisa histórica envolvendo arquivos e documentos pessoais.

1.1 A CORRESPONDÊNCIA PESSOAL

Mas ficaríamos muito ricos se nos déssemos ao trabalho de assinalar nas cartas dos amigos os comentários singulares, as opiniões originais, as palavras espirituosas apenas esboçadas. Guardamos uma carta para nunca mais abri-la; finalmente por discrição, nós a destruimos, e assim, irremediavelmente, desaparece para nós e os demais o sopro de vida mais direto e formoso.

Johann Wolfgang Von Goethe

⁴⁹ HEYMANN, Luciana. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana. **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p.75.

As correspondências, manuscritas, datilografadas ou digitadas, pessoais ou profissionais, encontram lugar de destaque nos arquivos pessoais, em face das suas especificidades, e possibilitam a identificação de seu produtor e especialmente a rede de relacionamentos que o autor estabeleceu ao longo de sua vida. Detalhes como o tratamento dispensado entre as partes, o discurso, a frequência da troca de cartas, podem não só revelar o grau de intimidade, como também diversos outros aspectos das relações entre os missivistas. Igualmente são amplas as possibilidades de surgir esclarecimentos quanto às ideias, aos projetos, aos pensamentos e sentimentos dos interlocutores. Com a cautela necessária a qualquer historiador, as cartas podem ser observadas como uma fonte privilegiada para análise de relações pessoais e profissionais, sentimentos e paixões, e uma ampla variedade de outros temas.

Em todos os tempos os homens buscaram se comunicar, sendo a correspondência uma forma de viabilizar a comunicação com o ausente. “Forma utópica de conversa, registro particular do mundo,”⁵⁰ as cartas costumam ser consideradas o meio de comunicação mais antigo do mundo, sendo provável que o primeiro serviço organizado de correspondência tenha ocorrido no Antigo Egito, com a utilização de mensageiros pelos faraós. Nos séculos XVIII e XIX, com o crescimento da alfabetização, as transformações dos padrões de conduta e o surgimento da esfera privada, emerge a correspondência íntima. “A relação epistolar é então trabalhada pela ausência e pela espera de se rever ou de receber resposta, explorando vínculos para reavivá-los.

⁵⁰ BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (orgs.). *Laços de papel*. In: **Destino das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo, RS: Editora UPF, 2002. p.5-9.

Ela é a maneira de dar lugar ao outro expondo-se a si mesmo.”⁵¹ Nessa época a troca de correspondência compreende as relações de amizade, a circulação de informações culturais e sociopolíticas.

“A prática epistolar é sentida como um sinal de amizade, como um simples prolongamento da convivência amistosa que ela pretende imitar, dando a ilusão da oralidade, mas também como um testemunho que deixa vestígio.”⁵² Escrever cartas era uma prática cultural disseminada entre intelectuais em finais do século XIX e início do XX, quando os meios de comunicação como o telefone, o telex, o fax e mais recentemente o correio eletrônico ainda não estavam disponíveis.

A evolução tecnológica determinou amplas transformações nas comunicações reduzindo significativamente o uso da carta manuscrita, desde o surgimento do telefone,⁵³ da internet e da ampliação do uso do correio eletrônico, quando mensagens oficiais ou particulares podem ser trocadas em tempo real. As relações do indivíduo com as novas tecnologias e com o seu tempo vêm produzindo mudanças substanciais na sociedade, e o que se observa nos dias de hoje é uma modificação no uso da correspondência de caráter pessoal, no qual a carta manuscrita vem se tornando um meio de comunicação em declínio.

O universo da correspondência sofreu o impacto da internet com o surgimento de um espaço virtual onde prosperam sites, páginas pessoais, diários, “experiências *on-line* em constante movimento, invenções de si, jogos identitários, nada parece vedado à imaginação do

⁵¹ VINCENT-BUFFAULT. *Op cit.*, p.18.

⁵² *Ibid.*, p.21.

⁵³ Sobre as transformações no uso do telefone ver BASTOS; CUNHA e MIGNOT, 2002. p.5.

corpo e do espírito.”⁵⁴ Uma transformação que, além da tecnologia, segundo Arfuch,⁵⁵ propiciou o aumento dos relatos de si,

[...]uma revitalização do escrito, uma revalorização das formas canônicas talvez um tanto esquecidas (cartas, diários e relatos pessoais) e, apesar de uma participação predominantemente juvenil, um reforço do senso comum e dos ideogramas, mais do que abertura ética, temática ou estilística radical.

A internet conseguiu, assim, popularizar novas modalidades das (velhas) práticas autobiográficas das pessoas comuns, que, sem necessidade de mediação jornalística ou científica, podem agora expressar livre e publicamente os tons mutantes da subjetividade contemporânea.⁵⁶

Mas, apesar da mudança de paradigmas e reavaliação dos arquivos com “fronteiras redefinidas ou mesmo destruídas,”⁵⁷ essas transformações não excluíram o valor deste documento como registro do passado. As cartas como fonte de pesquisa adquirem importância para o resgate da memória escrita; elas registram fragmentos de um percurso histórico, podendo revelar diversos aspectos da sociabilidade do emissor e do receptor e uma diversidade de outras informações.

O intercâmbio epistolar é um segmento que se caracteriza como um espaço de sociabilidade que, além de favorecer a aproximação, permite explorar noções íntimas e pessoais, um lugar de troca de ideias,

⁵⁴ ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p.149.

⁵⁵ *Id.*

⁵⁶ *Ibid.*, p.150.

⁵⁷ McKEMMISH. *Op cit.*, p.27.

opiniões, interesses ou mesmo de sentimentos. “Escrevem-se e mandam-se cartas pelos mais variados motivos: conversar, seduzir, desabafar, agradecer, pedir, segredar, informar, registrar, vender, comprar, desculpar e desculpar-se, falar da vida, enfim!”⁵⁸ O conteúdo das cartas é extremamente variado, aponta para uma diversidade de temas discutidos que pode surpreender o leitor. A análise das “formas das cartas, sua frequência, sua função e o tom empregado estão sujeitos a variações”⁵⁹ possibilitando interpretar “fórmulas de civildade”⁶⁰ ou familiaridade que fundamentam relações pessoais. Nesse sentido, Angela de Castro Gomes afirma que:

As cartas são, portanto, uma prática de escrita que integra a produção de textos de muitos intelectuais, especialmente daqueles que viveram até meados do século XX, quando outros meios de comunicação, como telefone e e-mail, ainda não estavam disponíveis. A correspondência pessoal entre intelectuais é, sobretudo nesses casos, um espaço revelador de suas ideias, de seus projetos, opiniões, interesses e sentimentos. Uma escrita de si que constitui e reconstitui suas identidades pessoais e profissionais no decurso da troca de cartas.⁶¹

As transformações havidas na sociedade moderna ocidental, que reconhece o valor do indivíduo, produziram novos comportamentos que atingiram as relações sociais de intimidade. É o que a autora define como “uma espécie de intimização da sociedade”⁶² que autoriza

⁵⁸ BASTOS; CUNHA e MIGNOT. *Op cit.*, p.5.

⁵⁹ VINCENT-BUFFAULT. *Op cit.*, p.12.

⁶⁰ *Id.*

⁶¹ GOMES, Angela de Castro (Org.). **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005. p.13.

⁶² GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.19.

uma espontaneidade na expressão dos sentimentos tais como a amizade e o amor.

Escrever cartas é uma relação bilateral em que o destinatário mostra-se e ao mesmo tempo é visto pelo remetente. Trata-se de “uma interlocução, uma troca, um jogo interativo entre quem escreve e quem lê.”⁶³ Nas correspondências, a percepção do outro está sempre presente, emissor e destinatário fazem parte desta prática plural; quem escreve propicia leituras de si e do outro, produz informações de momentos da vida de ambos.

As escritas de si⁶⁴ podem, além de apontar para a trajetória de quem escreve, indicar esclarecimentos de questões dúbias ou mesmo desconhecidas que outras fontes não obtiveram êxito. Quem escreve cartas está fazendo um testemunho de sua vida. Para Venancio,⁶⁵ nos arquivos pessoais os titulares tornam-se concomitantemente objeto e sujeito de uma escrita de si e do outro, e autores de um registro de sua própria história.

O esforço para reconstruir o passado, as incertezas quanto aos detalhes e fragmentos resgatados dão sentido ao fascínio produzido pelas cartas pessoais no pesquisador, afinal elas adentram em um espaço de intimidade a que outros documentos não permitem acesso, referindo-se a uma comprovação de lembranças do autor.

Mas, apesar de ser considerado um filão precioso e de grandes possibilidades pelos historiadores, o trabalho com este material exige

⁶³ *Id.*

⁶⁴ Aspectos da escrita de si são comentados mais adiante, no item 1.2.

⁶⁵ VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.113.

atenção ao que Prochasson⁶⁶ aponta como “armadilhas” da utilização de cartas como fonte de pesquisa histórica, pois a proximidade com documentos pessoais permite um contato muito íntimo com o objeto da pesquisa, propiciando uma apreciação nem sempre objetiva de seu conteúdo.

A impressão de pegar desprevenido o autor de uma carta que se destinava unicamente ao seu correspondente, o sentimento de violar uma intimidade, garantia de autenticidade, quando não de verdade, são às vezes bastante enganadores. [...] Nada corre o risco de ser mais falso do que a “bela carta” ou o arquivo privado “que se basta a si mesmo”, que é “tão revelador”. Há aí algumas armadilhas preparadas.⁶⁷

É preciso perceber o homem que produziu este material como um indivíduo particular e fragmentado, que existe dentro de uma rede de relações culturais e sociais que influenciaram, interferiram, condicionaram, alteraram-no em determinado espaço e momento. Este homem é um sujeito histórico que está escrevendo com um objetivo, portanto com intenções, mas que não diz tudo o que sente e pensa, pois também produz silêncios que devem ser interpretados para a escrita da história. “Não é fácil penetrar na vida privada nem na vida íntima situada no interior da vida cotidiana, ou porque se confundem com a vida pública, ou porque ao contrário, escondem-se atrás do próprio pudor em revelá-las.”⁶⁸

⁶⁶ PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: v. 11, n.21, p.105-120, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2064>>. Acesso em: 20/5/2013.

⁶⁷ *Ibid.*, p.111.

⁶⁸ FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (orgs.). **História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.331.

Observando o papel das cartas na historiografia, Dauphin e Pouban⁶⁹ concluem que independente do escritor ou da escritura:

[...] cartas exumadas do sótão como dos arquivos oficiais não revivem, como a Bela Adormecida, no seu frescor original e na sua espontaneidade luminosa. Elas não podem ser consideradas como espelhos fiéis da realidade. Do mesmo modo que qualquer traço, comportam mecanismos de ilusão cujas regras e efeitos são constitutivos de sua significação.⁷⁰

A análise crítica é basilar para o pesquisador, é procedimento imprescindível e necessário a todas as fontes utilizadas para a pesquisa histórica. A crítica do documento é apontada por Le Goff⁷¹ como o dever principal do historiador. Mas, no que concerne à utilização do conteúdo dos arquivos pessoais, esta análise deve ir além e contemplar os limites e as especificidades desta fonte. Trabalhar com a correspondência pessoal impõe a necessidade de uma observação criteriosa de diversos aspectos desse gênero de documento e a identificação de suas particularidades.

1.2 A ESCRITA DE SI

A escrita denominada autorreferencial ou “escrita de si” é um termo que caracteriza a narrativa em que o narrador se identifica como autor. A escrita de si refere-se a memórias, diários, cartas e escritos produzidos em primeira pessoa. São práticas do que Michel Foucault

⁶⁹ DAUPHIN; POUBLAN. *Op cit.*

⁷⁰ DAUPHIN; POUBLAN. *Op cit.*, p.76.

⁷¹ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p.535.

denomina preocupação com o *eu*, desenvolvidas a partir de uma “cultura de si.”⁷² É uma característica do texto no qual se revela um *eu*; em todos estes escritos de si há sempre um *eu* que narra.

A escrita de si não é algo novo, vem sendo praticada há muito tempo pelos homens. Está presente nas *Confissões* de Santo Agostinho, nos *Ensaio*s de Montaigne e nas *Confissões* de Rousseau. Não é, porém, privilégio de alguns, de grandes homens ou personagens relevantes da história local ou nacional. “Todo indivíduo em algum momento da sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a este exercício.”⁷³

Para Gomes, esta escrita “integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar de produção de si no mundo moderno ocidental,”⁷⁴ compreensível a partir das relações estabelecidas entre o homem contemporâneo e seus documentos.

O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado. Embora o ato de escrever a própria vida e a vida de outros, bem como de escrever cartas, seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno. A chave, portanto, para o entendimento dessas práticas culturais é a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais.⁷⁵

⁷² FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**, 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

⁷³ ARTIÈRES. *Op cit.*, p.31.

⁷⁴ GOMES, 2004. *Op cit.*, p.10.

⁷⁵ GOMES, 2004. *Op cit.*, p.11.

A ideia de homem moderno indicado pela autora refere-se às transformações das sociedades ocidentais tradicionais, nas quais permeia a lógica coletiva para o homem como portador de uma identidade singular e regido pelo individualismo. É a singularidade dessa individualidade que permite a fragmentação do indivíduo e suas memórias através do tempo. “O *eu* do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico,”⁷⁶ mas apresenta uma “ilusão de linearidade e coerência.”⁷⁷ A escrita de si permite perceber alterações ocorridas em trajetórias individuais, indica a não linearidade de um percurso e “podem mostrar como o mesmo período de vida de uma pessoa pode ser *decomposto* em tempos com ritmos diversos, um tempo da casa, um tempo do trabalho etc.”⁷⁸

Na sociedade moderna individualista, que separa os espaços público e privado, se consolida “o triunfo do indivíduo como sujeito voltado para si, para sua razão e seus sentimentos”;⁷⁹ é compreensível que os registros de memória do homem moderno sejam subjetivos e fragmentados, com seu valor como documento histórico apresentando as mesmas características.

A narrativa do eu na contemporaneidade busca registrar um eu que é fragmentado, um eu plural, portador de identidades múltiplas. Dentro dessa perspectiva, com o individualismo moderno emerge a noção de verdade, que tem um vínculo direto com a subjetividade do indivíduo e se apresenta como sinceridade. Uma verdade que não é única, mas deve ser vista como plural, “como são plurais as vidas individuais, como é plural e diferenciada a memória que registra os acontecimentos da vida.”

⁷⁶ *Ibid.*, p.13.

⁷⁷ *Id.*

⁷⁸ *Id.*

⁷⁹ *Id.*

A noção de descontinuidade, fragmentação e incoerência apontadas por Bourdieu⁸⁰ na biografia também pode ser pensada para os arquivos pessoais e as escritas de si. Ao escrever sobre a biografia, o sociólogo sustenta a ideia de que unidade e coerência de acontecimentos não correspondem à história de vida do biografado: “tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica [...]”⁸¹ Não se pode ter a pretensão de observar a vida humana como um modelo de coerência e continuidade, tensões e contradições são inerentes à natureza humana.

Discutindo sobre a verdade na escrita de si, Gomes⁸² refere-se à relação entre dois sentidos de verdade, a dos fatos e a da sinceridade do homem, como fatores que irão interferir nessa escrita. Na escrita de si, a verdade como sinceridade aponta para a dimensão da subjetividade, seja da documentação observada, seja do autor como construindo sua verdade. Toda a “documentação de *produção do eu* é entendida como marcada pela busca de um *efeito de verdade* [...] que traduz a intenção de revelar dimensões íntimas e profundas do indivíduo que assume sua autoria.”⁸³

Essas considerações permitem perceber como uma narrativa de si é marcada por ambiguidades que transitam entre o que é verdadeiro e o que é falso. Documento algum vai “dizer o que houve”, mas pode

⁸⁰ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina, FERREIRA; Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.183-191.

⁸¹ *Ibid.*, p.185.

⁸² GOMES, 2004. *Op cit.*

⁸³ *Ibid.*, p.14.

identificar as emoções, o que o autor viu e sentiu em relação a um determinado fato. Um discurso que exige análise crítica como qualquer outro, e que pode, ou não, de acordo com o tema discutido e a linguagem intimista, revelar aspectos introspectivos no seu conteúdo.

É imprescindível perceber que por trás de um discurso há um sujeito que o produziu, e que os arquivos escritos estão impregnados tanto da subjetividade do produtor do discurso quanto de quem os interpreta. A escrita ou a impressão possibilitaram a sobrevivência da fonte, mas esse vestígio do passado não pode ser tomado como verdade indiscutível, uma vez que, “existem mentiras gravadas no mármore e verdades perdidas para sempre.”⁸⁴

José Carlos Reis analisando as relações entre verdade e história afirma ser inviável reduzir a verdade histórica a uma simples definição. “Obtém-se algo próximo dela examinando todas as leituras possíveis de um objeto. O exame exaustivo, multifacetado, nuançado de um tema é que diz sua verdade.”⁸⁵ Enfim, há que se observar a impossibilidade de dominar uma verdade absoluta, “fechada, homogênea e atemporal”,⁸⁶ pois cada fato pode indicar mais de uma verdade, dependendo de como é observado e escrito pelo historiador.

Desse modo, partindo-se da noção que documento nenhum é neutro e fornece informações objetivas, é importante estar atento ao

⁸⁴ ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p.88, 1996. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2019/1158>>. Acesso em: 26/5/2013.

⁸⁵ REIS, José Carlos. **História & teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.175.

⁸⁶ *Id.*

discurso produzido e à narrativa que o construiu, contextualizar o documento a fim de buscar a compreender seu conteúdo e o significado das palavras utilizadas pelo emissário. Portanto, observadas as particularidades da escrita de si, a escrita da história utilizando cartas como fonte encontra dificuldades semelhantes a outras na pesquisa histórica. Exigem-se especial atenção e análise crítica às noções de verdade e subjetividade que estão contidas nesta fonte e são objeto de preocupação teórico-metodológica. Ainda que sejam conceitos distintos e discutidos separadamente, verdade e subjetividade estão imbricadas, fazendo parte do mesmo objeto histórico.

Após estas considerações sobre os arquivos e a correspondência pessoal como fonte, será apresentado um inventário do acervo epistolar utilizado nesta pesquisa.

1.3 INVENTÁRIO DO ACERVO EPISTOLAR DE VLADIMIR KOZÁK

A descrição do arquivo pessoal de Vladimir Kozák é relevante para a compreensão de seu conteúdo e possibilidades. Trata-se de um inventário que revela intenso fluxo de correspondência e um desejo de divulgação, não manifestado formalmente, mas evidenciado pela acumulação e o arquivamento dos documentos pelo autor. O material é bem diversificado, refere-se a documentos pessoais, correspondência expedida e recebida, diários, cadernetas de campo de diversas viagens,⁸⁷ anotações em cadernos e papéis avulsos, entre muitos outros. O conteúdo do conjunto é abrangente, rico para a pesquisa e as

⁸⁷ As cadernetas de campo e anotações em cadernos e blocos correspondem a 40 itens.

reflexões – por exemplo, no campo específico da História e da Antropologia, bem como no campo arquivístico.

Este conjunto documental é composto de aproximadamente 5.400 itens, nos quais estão inclusos correspondência pessoal, a correspondência que envolve questões técnicas de engenharia e equipamento de cinema e fotografia e alguns documentos pessoais. No que concerne a esta pesquisa, não foram contabilizados os números que se referem à correspondência técnica; portanto foram consideradas aproximadamente 3.200 cartas trocadas com 270 correspondentes, cujo conteúdo está organizado e arquivado tendo como referência o interlocutor. Há ainda 107 cartas de autoria não identificada porque foram arquivadas separadamente (as cartas e os seus envelopes).

O conjunto das cartas é do período compreendido entre 1924 e 1978, estando a maioria delas bem conservadas e em perfeitas condições de legibilidade. Vale destacar que parte do material expedido pelo autor, quando datilografado, conta com cópia em papel muito fino, quase transparente, que exige extremo cuidado no manuseio, tendo em vista a fragilidade do suporte.

Quanto aos correspondentes, foi possível observar que 51% deles eram do exterior e 49% do Brasil. E, também, quase a metade deles eram pessoas com quem Vladimir Kozák manteve contatos comerciais, como compra ou pesquisa para material de filmagem, fotografia e pintura; pagamento de material importado; solicitação para uso de imagens produzidas por Kozák e doações para soldados e crianças refugiados da Segunda Guerra, entre outros temas. As correspondências restantes dizem respeito a diálogos com amigos de diferentes meios e intelectuais, homens e mulheres do Brasil e do exterior. Com os amigos ele discute pintura e literatura, mantendo-se atualizado acerca do mundo editorial, produzindo reflexões sobre o que estava lendo no momento, bem como do que ansiava ler e como obter os livros, já que nem sempre

estavam disponíveis no país. Também há trocas de ideias e livros – ele os enviava e solicitava, possibilitando a circulação do material entre seus correspondentes do Brasil e do exterior.

Um tema recorrente são as suas considerações sobre os povos indígenas. Kozák manifestava preocupação com o olhar e o tratamento dispensado pelo Estado brasileiro a estes grupos, que ignorava os extermínios praticados por frentes de expansão, responsáveis pela modernização do país.

Vamos ver se os Bororo ainda existem – os tais últimos. Os fatos recentemente colhidos: o governo do Mato Grosso vendeu agora mais de metade dos terrenos dos índios Kadiu-éu [sic] e lançou mão nos terrenos dos Bororo, aliás área determinada e medida pelo Marechal Rondon há mais de 60 anos. Ahí [sic] amigo é que o tal amor à pátria significa comer a terra dos outros. E estes homens – Índios – não têm defesa – e nem recurso contra aventureiros do Senado e da Câmara e outros.⁸⁸

É do conhecimento de todos que os nossos índios, por estranho que pareça, vem sendo condenados à extinção, pela nossa própria civilização, e mais estranho ainda é que nada se faz no sentido de deter esse processo e muito menos há o cuidado em documentar aspectos da sua vida para futuros estudos.⁸⁹

Outro tema sempre presente diz respeito à organização de suas viagens, uma atividade trabalhosa, que exigia uma série de procedimentos burocráticos como autorizações, transporte e outros de ordem bem mais

⁸⁸ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Oldemar Blasi**. Cuiabá, 06 ago. 1957. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

⁸⁹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Brasil Pinheiro Machado**. Curitiba, 29 jan. 1962. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

prática, como, por exemplo, questões ligadas à alimentação, equipamentos necessários, segurança e contatos pessoais.

Prezado Senhor Coronel:

Por meio desta venho agradecer a atenciosa carta de V.S., datada de 12 de maio próximo passado, [...]. Também muito agradeço a autorização que V.S. teve a gentileza de enviar-me por intermédio da 7^a. Inspetoria Regional de Curitiba.

Com esta autorização de V. S. poderei movimentar-me mais facilmente para o campo, poupando assim muito tempo e dinheiro [...].⁹⁰

As autorizações as quais ele se refere não dizem respeito apenas às expedidas pelo Serviço de Proteção ao Índio⁹¹ e pelo Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas;⁹² inclui também a de particulares, pois Kozák necessitava estabelecer uma base para seus deslocamentos pelo interior do Brasil, o que nem sempre ocorria em espaços públicos. Por exemplo, para viabilizar sua estadia

⁹⁰ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Cel. José Luiz Guedes**. Curitiba, 24 jun. 1958. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

⁹¹ O Serviço de Proteção aos Índios ou Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPI/LTN, a partir de 1918 apenas SPI) foi criado, a 20 de junho de 1910, pelo Decreto n.º 8.072, tendo por objetivo prestar assistência a todos os índios do território nacional. O Serviço foi organizado pelo Marechal Rondon, seu primeiro diretor. Foi extinto e substituído pela Funai, em 1967. **SPI**. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/servico-de-protacao-aos-indios-spi>>. Acesso em: 05/9/2014.

⁹² O Conselho de Fiscalização das expedições Artísticas e Científicas foi criado em 1933 com objetivo de inspecionar, controlar e fiscalizar as expedições científicas realizadas no Brasil, seja por iniciativas de estrangeiros, seja de brasileiros. Foi extinto no final da década de 1960, quando a pesquisa antropológica se institucionalizou na universidade brasileira, com a criação dos programas de pós-graduação. GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Coleções e Expedições Vigeadas**: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. São Paulo: Editora Hucitec/Anpocs, 1998.

no Pantanal, em 1950, com o objetivo de registrar em filme e fotografia a região, ele precisou fazer diversos contatos com o fazendeiro Ruy de Barros Maciel, de Corumbá, e seu preposto, solicitando autorização para se instalar na sua fazenda e tratar das condições de sua atividade.

[...] Nada impede na minha ausência, a sua viagem ao Pantanal e nas minhas fazendas. Em Corumbá o Sr. deverá procurar o meu auxiliar e representante o Sr. Hélio Preza a rua Frei Mariano 166, a fim de que ele possa combinar sobre sua viagem. O Pantanal é interessante em certos meses do ano e principalmente por ocasião das enchentes, onde se vê mais aves e bichos. Nos meses de seca é mais interessante nas beiras dos brejos, onde há mais reuniões de bichos, etc.⁹³

Com autorização expressa do fazendeiro e tendo um local onde pudesse acampar, Kozák escreveu para o representante indicado, comunicando sua visita. Na mesma ocasião, preocupou-se em informar ao destinatário que não pretendia incomodar ou alterar a rotina local, já que estaria munido de certa infraestrutura.

Tem a presente ainda por finalidade levar ao conhecimento de V. Sa. que de modo algum desejo, com minha visita, causar incômodos, nem para o senhor nem para os seus auxiliares. Eu desta vez venho equipado com barraca, cozinha, botes com respectivo motor, ficando assim bastante independente, desde que consiga comprar mantimentos, gasolina e óleo em Corumbá. Desta forma, tenho a cozinha no meu próprio acampamento. Não pretendo molestar ninguém nas fazendas, sendo assim também conveniente, uma vez que eu terei

⁹³ MACIEL, Ruy de Barros. **Carta para Vladimir Kozák**. Rio de Janeiro, 19 jul. 1950. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

sempre a necessidade de acampar o mais próximo possível dos viveiros naturais dos pássaros e demais animais, para assim conseguir uma filmagem completa dos respectivos habitats.⁹⁴

Outro exemplo da necessidade de organização prévia ocorreu em 1952, quando ele pretendeu se deslocar ao rio Xingu. O planejamento da viagem começou cerca de um ano antes, exigindo atenção não só ao deslocamento em si como aos equipamentos necessários. Neste caso as anotações falam por si acerca de detalhes da organização.

O plano dessa viagem (ao Xingu), tudo começou cerca de um ano, ao quando eu estive no Rio de Janeiro, aonde eu participei de uma convenção. [...] A preparação para essa viagem foi bastante curta, pois somente algumas pequenas coisas puderam ser adicionadas ao equipamento já existente, que eu já havia tido nas minhas viagens anteriores ao interior do país (Brasil). Mesmo assim, essa expedição requeria um envolvimento de muito trabalho. Eu tinha em minhas mãos vários objetos adequados para certos tipos de trabalho, embora todos devessem ser revisados e checados, com perfeição e funcionamento pleno. Havia ainda, alguns problemas pela frente, que deveriam ser resolvidos. O problema com a rede de dormir tinha que ser resolvido no Rio de Janeiro. Eu pensei em adquirir uma das melhores, relativamente boa, e que não tão fosse tão cara, na Casa do Anzol, no Rio de Janeiro. Minha própria cama de armar, conversível em rede, aparentava e realmente estava, muito pesada, para ser levada e acondicionada às já pesadas câmeras e filmes.

⁹⁴ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Helio Preza**. Curitiba, 22 ago. 1950. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

O problema de uma câmera complementar, com disparo automático de flash, para trabalho interno, estava para ser solucionado, com a aquisição de uma câmera semelhante; a compra de um equipamento de flash e, pelo menos, uma centena de lâmpadas. Isso também, eu esperava resolver no Rio de Janeiro, porém, somente nos poucos dias antes da viagem.⁹⁵

Quando o assunto das cartas são as fotos, filmes e pintura, é apresentada a constante preocupação dos interlocutores em buscar inovações e melhorias técnicas nesta área, bem como a busca de contatos para agilizar de algum modo a importação de material e revelação de filmes, que somente era realizada no exterior. Conforme o autor explicou, as condições oferecidas no país para aquisição deste tipo de material eram precárias.

Nos Estados Unidos, é possível entrar em qualquer loja de material fotográfico, pois há várias nas cidades, ou ainda entrar na farmácia da esquina e comprar um rolo de filme de sua escolha. E, se é exposto no mesmo dia pode ser encaminhado pelo correio para revelar. O prazo de você ter o filme volta e vê-lo é de menos de uma semana.

Para nós, na América do Sul não é tão fácil. Primeiro de tudo, os distribuidores não têm o tipo de filme que você quer, nem há o tipo de embalagem, revistas ou rolos, que são necessários para a sua câmera. E quando enviamos um rolo de filme para revelar nos Estados Unidos, particularmente filmes coloridos, há um lapso de muitas semanas e algumas vezes meses para o retorno.

Quando saímos para o país ao lado ou áreas de selva em uma expedição fotográfica, não há lojas nas pequenas comunidades

⁹⁵ KOZÁK, Vladimir. **Registro da viagem** à cabeceira do Rio Xingu (Rio Koluene) em julho e agosto de 1952. Museu Paranaense/SEEC-PR.

que tenham filme. Então, cada pequena filmagem deve ser prevista porque é preciso uma grande viagem para obter material.⁹⁶

Quanto à sua pergunta sobre conservação de filmes revelados ao abrigo da umidade, só posso confirmar o seu sistema de sílica-gel. Não conheço outros e creio ser o mais viável, embora dê um certo trabalho.⁹⁷

As cartas estão escritas em português, inglês, tcheco, alemão e espanhol. Aproximadamente 42,5% delas estão em tcheco, com 16% dos seus interlocutores sendo do país de origem de Kozák, como é o caso do ilustrador de paleontologia Zdenek Burian, do linguista Cestmir Loukotka e do arquiteto Frantisek Faulhamer. Entre os missivistas que se correspondiam em tcheco, dos identificados, somente uma parcela de 16% encontrava-se no Brasil, sendo que os demais possuíam endereço no exterior, a grande maioria da Tchecoslováquia. Já as missivas em inglês representam 36% do total e as em português somente 20%, sendo que as demais estão escritas em alemão e espanhol.

A correspondência apresenta-se manuscrita e datilografada, às vezes uma mesma carta utiliza ambas as formas; sob este aspecto não há um critério distintivo na apresentação de uma carta comercial e as que envolvem as relações pessoais, mas tão somente de conteúdo. A maioria das cartas que busca informação comercial está datilografada, o que não se caracteriza como uma regra fixa porque há entre elas cartas manuscritas.

É necessário esclarecer que há algumas interferências externas nas cartas, produzidas posteriormente à sua expedição ou recebimento,

⁹⁶ KOZÁK, Vladimir. **Filming under difficulties**. 14 p. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁹⁷ VENTURELLI, Ângelo J. **Carta para Vladimir Kozák**. Campo Grande, 24 ago. 1958. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

que devem ser indicadas. Na grande maioria, cerca de 95%, consta um carimbo: “Doc. N^o. __.HVK”, colocado na justiça, a título de levantamento, no decorrer do processo judicial que determinou o destino dos bens. Em outras, cujo número não foi contabilizado, constam frases do texto sublinhadas ou ainda alguns comentários sobre o conteúdo, em lápis colorido, cujo autor foi Oldemar Blasi,⁹⁸ arqueólogo e diretor do Museu Paranaense no período de 1967 a 1986. Referem-se a observações pessoais do Diretor, quando se procedeu a uma primeira análise no conteúdo do material que pertence ao acervo, com o propósito de organizá-lo. Por exemplo, em uma carta de Desidério Aytai⁹⁹ para Vladimir Kozák, expedida de Monte Mor, São Paulo, datada de 07 de dezembro de 1978 e na carta de Desidério Aytai para Egon Schaden,¹⁰⁰

⁹⁸ O arqueólogo Oldemar Blasi, ex-diretor do Museu Paranaense, e o advogado Edilberto Trevisan, amigo pessoal de Kozák, foram os responsáveis pela preservação do acervo, buscando os caminhos legais para preservá-lo.

⁹⁹ Desidério Aytai (1909 – Budapeste, Hungria /1998 – Monte Mor, São Paulo). Engenheiro mecânico e antropólogo. Trabalhou no serviço diplomático da Hungria em Paris, Washington D.C. e Roma. Em 1948 imigrou para o Brasil. Iniciou pesquisas nos sambaquis do litoral sul paulista. Em 1963 foi convidado pela PUC de Campinas para ocupar a cadeira de Antropologia nos três primeiros anos no curso de Ciências Sociais. Trabalhou em várias faculdades como professor e pesquisador, inclusive na Unicamp, e como engenheiro na Merck Sharp e Dohme, General Electric. Após aposentar-se, fundou na PUC a Faculdade de Engenharia, sendo o seu primeiro diretor. **DESIDÉRIO AYTAI**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=623>>. Acesso em: 21/4/2013; **DESIDÉRIO AYTAI**. Disponível em: <<http://www.montemor.sp.gov.br/novo/paginas/museuelizabethaytai/autobiografia.html>>. Acesso em: 21/4/2013.

¹⁰⁰ Egon Schaden, antropólogo brasileiro. Professor catedrático de Antropologia e Etnografia da então Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo, seu nome está associado à formação da Antropologia no Brasil e a iniciativas inovadoras como a criação, juntamente com Sérgio Buarque de Hollanda, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), do qual foi diretor. No entanto, seu destaque está no papel desempenhado como sistematizador e consolidador do ensino e da pesquisa etnológica moderna na USP e por extensão no Brasil. PEREIRA, João Baptista Borges. Emilio Willems e Egon Schaden na história da Antropologia. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 8, n. 22. 1994. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000300029>>. Acesso em: 21/4/2013.

expedida de Paulínea, São Paulo, datada de 24 de outubro do mesmo ano, constam escrito, em lápis de cor azul, sublinhando datas, algumas frases; e a anotação: “Atenção, talvez a última corresp.[...]”

“*Neighbourhood of Curitiba,*” “*Yguaçu, a jungle wonderland,*” “*Filming under difficulties,*” “*The Hetá History,*” são alguns dos textos escritos em inglês por Kozák. Tratam da sua experiência em filmar ou fotografar em determinado momento, descrições de locais, o contato com grupos indígenas, e fornecem informações e indícios de acontecimentos que foram significativos para o autor.

E, finalmente, concluindo a descrição do conjunto documental existente, há um diário¹⁰¹ de Kozák, descrito por Vincent-Buffault,¹⁰² como “solidão concentrada”, ou seja, um diálogo silencioso do autor consigo mesmo, no qual o personagem narra sua viagem para o Brasil em 1924 e suas primeiras experiências e expectativas no país. O diário contém um registro regular até 08 de fevereiro de 1925, quando ele para de escrever. Somente retomou uma única anotação, no dia 16 de agosto de 1928.

O inventário das missivas revela um intenso fluxo de comunicação, possibilitando investigar a partir do que foi escrito, um universo de discursos, práticas e representações do autor. A análise do acervo contribui para ampliar a compreensão do conjunto, responder questões e identificar aspectos da trajetória do personagem.

¹⁰¹ KOZÁK, Vladimír. **Diário** 1924/1928. 77 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

¹⁰² VINCENT-BUFFAULT. *Op cit.*, p.12.

2

VLADIMIR KOZÁK

Apesar dos limites impostos pelos arquivos pessoais e pela escrita de si, discutidos anteriormente, observa-se que a análise da prática da escrita de Vladimir Kozák fornece elementos para interpretar traços e explorar os vínculos do personagem, permite distinguir as relações pessoais das sociais, revelando aspectos atinentes ao trabalho por ele realizado e apresenta uma ampla gama de projetos e aspirações. No entanto, para melhor traduzir o conteúdo destes diálogos e possibilitar a compreensão dos temas discutidos com os interlocutores, julgo conveniente apontar alguns aspectos mais significativos de sua trajetória de vida.

De todo modo, é necessário esclarecer que o objetivo desta dissertação não é escrever uma biografia nos moldes tradicionais, mas observar o percurso biográfico do homem, indicando cronologicamente momentos significativos do autor, apontados pelo próprio Kozák na sua documentação, em cartas, diários ou anotações avulsas.

2.1 SOBRE BIOGRAFIA E AUTOBIOGRAFIA

A multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas contam, de diferentes modos, uma história ou experiência de vida.

Leonor Arfuch

Embora muitas vezes contestada ou mesmo considerada uma narrativa de categoria inferior, a biografia é um tema permanente na escrita da história. “Para alguns a biografia está ameaçada desde a origem pela tensão entre a admiração e objetividade, entre uma suposta

‘verdade’ a restaurar e o fato de toda a história é apenas **uma história a mais** a ser contada sobre um personagem”¹⁰³ (grifo do autor). No entanto, possivelmente a sua resistência ao tempo e vitalidade está relacionada à curiosidade ou ao desejo de imortalizar o personagem, pois desde a Antiguidade os homens têm a preocupação de manter registros e saber sobre as trajetórias de personagens.

Para Alexandre de Sá Avelar,¹⁰⁴ a escrita biográfica “nunca teve fronteiras muito bem delimitadas,”¹⁰⁵ e o seu “perene sucesso editorial”¹⁰⁶ deve-se ao trânsito entre os meios de literatos e historiadores. “Dúvidas e incertezas”¹⁰⁷ permeiam o ofício do biógrafo que escreve transitando numa “zona fronteira entre o rigor científico e liberdade ficcional, entre o sonho de resgatar uma vida em sua objetividade e a ilusão biográfica, o esforço de dar sentido ao heterogêneo e de dotar uma existência de uma unidade significante [...]”¹⁰⁸

As pesquisas biográficas tornam possível o redimensionamento de várias problemáticas concernentes à escrita da história e às relações sociais. Elas evitam a formulação de paisagens monolíticas do passado, mostrando, ao contrário, que as condições de desigualdade entre os indivíduos limitam o campo de possibilidades e escolhas, sempre deixam margens de manobra através das quais os homens podem se movimentar socialmente e promover mudanças [...].¹⁰⁹

¹⁰³ ARFUCH. *Op cit.*, p.138.

¹⁰⁴ AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita da história, escrita biográfica. In: AVELAR, Alexandre de Sá e SCHMIDT, Benito Bisso. (orgs.). **Grafia da vida**: reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p.63-80.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p.63.

¹⁰⁶ *Id.*

¹⁰⁷ *Ibid.*, p.65.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p.66.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p.78.

O autor percebe a escrita biográfica como um locus privilegiado “para a revalorização dos atores sociais, alargando nossa compreensão do passado como unidade dada e coerente, mas como um campo de conflitos e de construção de projetos de vida.”¹¹⁰

A biografia, numa observação mais superficial, remete à percepção unitária de um indivíduo. No entanto, Arfuch¹¹¹ destaca nela uma característica significativa, a “qualidade coletiva”,¹¹² dado que não é possível mencionar a “subjetividade sem intersubjetividade”,¹¹³ o que implica a condição de que “toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, **coletivo**, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade”¹¹⁴ (grifo do autor).

Jacques Revel¹¹⁵ afirma que produzir uma biografia não é um “exercício livre”, há pressões que recaem sobre a produção deste gênero histórico, apontando as fontes como um elemento significativo, pois “como toda a história, a biografia deve poder se apoiar nas fontes [...]”¹¹⁶ As palavras do historiador francês evidenciam que o conhecimento do acervo/fonte e a crítica são fundamentais para compreender o personagem e proceder objetivamente identificando os diferentes momentos da vida do biografado.

¹¹⁰ *Id.*

¹¹¹ ARFUCH. *Op cit.*

¹¹² *Ibid.*, p.100.

¹¹³ *Id.*

¹¹⁴ *Id.*

¹¹⁵ REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: **História e Historiografia**: exercícios críticos. Curitiba: Editora UFPR, 2010, p.235-248.

¹¹⁶ REVEL. *Op cit.*, p.240.

Mesmo com grande quantidade de material disponível para pesquisar acerca de um indivíduo, isso não significa que é possível abranger todo o percurso de uma vida. Sempre haverá lacunas e vazios que necessitam ser preenchidos e interpretados, respeitando o máximo de fidelidade ao que indicam as fontes. É impossível imaginar a vida de qualquer pessoa passível de “uma narração linear”.¹¹⁷ A vida não se apresenta marcada por “regularidades, repetições e cruzamentos”,¹¹⁸ é necessário considerar que “há uma parte indecifrável do aleatório, do imprevisível, do misterioso da vida”.¹¹⁹ Há uma constante tensão entre o vivido e o que foi imaginado e o desejado.

Buscar a compreensão de uma vida é como juntar fragmentos de um quebra-cabeça na tentativa de formar uma unidade. Só que neste caso o objetivo é desvendar um personagem que é um ser humano, e como tal complexo e por vezes incoerente, com o agravante de que nem sempre todas as peças do quebra-cabeça estão disponíveis. Esse paralelo possibilita a percepção de que é essencial a quem escreve uma biografia estar consciente da impossibilidade de apreender um indivíduo na sua totalidade, pois observando o que afirma Jean Orioux: “Os homens, ou as mulheres, apenas mostram àqueles que lhes estão próximos uma determinada face.”¹²⁰

De qualquer modo, apesar dos limites, desvendar um personagem realmente é uma aventura emocionante. É simplesmente apaixonante ir

¹¹⁷ AVELAR. *Op cit.*, p.77.

¹¹⁸ AVELAR. *Ibid.*, p.71.

¹¹⁹ BORGES, V. P. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: Algumas reflexões. In: NAXARA, M., MARSON, L; BREPOHL, M. (orgs). **Figuração do outro**. Uberlândia: Edufu, 2009, p.233.

¹²⁰ ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY et al. **A História e Nova História**. Lisboa, Teorema, 1986, p.36.

descortinando o biografado, esmiuçar seu percurso na busca de pistas e esclarecimentos. Porém, este aspecto extremamente sedutor da pesquisa de modo algum pode suplantar a análise crítica das fontes, pois como já foi comentado anteriormente, ela é dever do historiador.

O interessado na escrita da biografia deve estar atento à aparente objetividade ou neutralidade do que se constitui como verdadeiro, pois informações constantes do acervo decorrem de obras pessoais do autor, e como tal, passíveis de acúmulos e descartes conforme o desejo do produtor em determinado momento. E há também que se considerar a possibilidade de interferências externas, como a dos responsáveis pela organização do material que impõem sua subjetividade ao arquivo.

Peter Gay¹²¹ afirma que: “Falar ou escrever sobre o ‘eu’, pintá-lo ou exibi-lo pública ou privadamente – e até mesmo pensar sobre ele – nunca consiste apenas em descrever algo que existe, mas sim criar um objeto na medida em que o descreve.”¹²² Este autor aponta para a dificuldade em conhecer a vida interior de uma pessoa, isolando-a da “interferência das paixões, desejos, ou dos limites impostos pela linguagem – como se fosse possível ver esses mundos com olhos infalíveis, através de uma janela transparente.”¹²³ Deve somar-se a essa advertência do autor a noção de que documento nenhum é neutro e fornece informações prontas e objetivas. É imprescindível contextualizar o documento a fim de buscar a compreensão de seu conteúdo e do seu real significado. Assim, diante dessas ponderações é possível concluir que não há regras exatas e perfeitas para elaborar uma biografia,

¹²¹ GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹²² *Ibid.*, p.16.

¹²³ *Ibid.*, p.17.

a escrita biográfica encontra dificuldades semelhantes a outras na pesquisa histórica.

Definitivamente, o que interessa destacar é a constatação de que há aspectos de relevância a serem observados nesta escrita, como a atenção à noção de que “a biografia não possui sentido unívoco e, portanto, não pode requisitar o estatuto de depositária única da verdade.”¹²⁴ Reconstituir vidas é escrever no presente acerca de fatos ocorridos em um passado, o que exige atenção às influências do momento da escrita e à contextualização para possibilitar a compreensão dessa trajetória. Questões como silêncios e o risco de uma ilusão biográfica estão sempre presentes, exigindo uma contínua avaliação. Há que se considerar, ainda, o fato de que personagens não são modelos de coerência: é preciso perceber o homem como um indivíduo particular e fragmentado, um sujeito histórico que é influenciado, condicionado por uma rede e relações culturais e sociais.

Segundo Rosenthal,¹²⁵ “o enfoque da pesquisa biográfica possibilita a percepção tanto de padrões interpretativos atuais ou perspectivas subjetivas dos agentes no cotidiano quanto de suas histórias de ação entrelaçadas com o universo social.”¹²⁶ Os textos biográficos delineiam-se como uma reconstrução do passado, com lembranças de uma realidade que já passou, de modo que “o presente da narração ou

¹²⁴ MEGID, Daniele Maria. De homem a personagem: as construções sobre Machado de Assis. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.) **Grafia de Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p.149-168.

¹²⁵ ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: A interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p.227-249, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17116>>. Acesso em: 10/11/2014.

¹²⁶ *Ibid.*, p.228.

escrita biográfica define o olhar retrospectivo sobre o passado e gera um passado recordado específico em cada caso.”¹²⁷

A autobiografia refere-se a uma escrita na qual narrador e personagem são a mesma pessoa. Enquanto a biografia fundamenta-se em documentos, a autobiografia apoia-se na memória. Algumas vezes objeto de críticas, a autobiografia é um desafio em face da complexidade de narrar o vivido, o lembrado e o narrado.

Para Verena Alberti,¹²⁸ quando uma pessoa se dispõe “a escrever uma autobiografia,”¹²⁹ o seu desejo é dar um sentido em sua vida, fazendo uma síntese. Portanto, o que o escritor de uma autobiografia faz é selecionar “episódios ‘significativos’ que se encaixem na ‘estrutura’ do texto, para elaborar uma síntese.”¹³⁰

Síntese que envolve omissões, seleção de acontecimentos a serem relatados e desequilíbrio entre os relatos (uns adquirem maior peso, são narrados mais longamente do que outros), operações que o autor só é capaz de fazer na medida em que se orienta pela busca de uma significação: busca essa que lhe dirá quais acontecimentos ou reflexões devem ser omitidos e quais (e como) devem ser narrados. É essa busca também que prevalece na estrutura do texto, os relatos ganhando sentido à medida que vão sendo narrados, acumulando-se uns aos outros, de modo que a significação se constrói no momento mesmo em que o autor escreve a autobiografia.¹³¹

¹²⁷ *Ibid.*, p.229.

¹²⁸ ALBERTI, Verena. Literatura e auto biografia: a questão do sujeito na narrativa. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p.66-81, 1991. Disponível em: < http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/414.pdf>. Acesso em: 3/11/2014.

¹²⁹ *Ibid.*, p.76.

¹³⁰ *Ibid.*, p.77.

¹³¹ *Ibid.*, p.76.

O historiador Wilton Silva¹³² escrevendo sobre este tema afirma que há uma tendência de homogeneizar, racionalizar e formatar esses três aspectos, fornecendo-lhes “uma sequência regular, coerência atribuída, primado racional e moralidade incontestável, que encobre o aleatório, o imprevisível, o subjetivo e o desvio.”¹³³

Segundo Rosenthal, “no processo da narração de vivências feitas pela própria pessoa, a participação da lembrança pode variar muito. Nem toda narração de vivência feita pela própria pessoa se baseia num processo de recordação que ocorre durante a narração.”¹³⁴ Isso porque, segundo a autora, nesse “fluxo recordativo” tanto há experiências que podem ser acrescidas quando omitidas.

É possível, sobretudo, que no processo de rememoração exigido ou induzido pela narração se apresentem impressões, sentimentos, imagens, percepções sensoriais e físicas ou componentes até agora recalçados das situações lembradas que não sejam compatíveis com a perspectiva presente. [...].¹³⁵

Portanto, quando se refere ao processo de rememoração de “vivências feitas pela própria pessoa é preciso atentar para as diferenças fundamentais entre a vivência no passado, a recordação dela e a narração.”¹³⁶ Há “diferenças entre vivenciar, recordar e narrar ou falar ou também escrever”¹³⁷ que devem ser observadas criteriosamente na

¹³² SILVA, Wilton C. L. Espelho de palavras: escrita e si, autoetnografia e ego-história. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.) **Grafia de Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

¹³³ SILVA. *Op cit.*, p.51.

¹³⁴ ROSENTHAL. *Op cit.*, p. 230.

¹³⁵ *Ibid.*, p.231.

¹³⁶ *Id.*

¹³⁷ *Ibid.*, p.232.

análise de autobiografias, uma vez que “todo o passado apresentado no presente pode ser condicionado pela perspectiva do presente e, inversamente, o presente seja determinado pelo passado.”¹³⁸

Quando se trata de diários e correspondências a ideia que surge é de “autenticidade,” liberdade absoluta, uma escrita livre e sujeita ao imprevisto, a incontáveis “registros de linguagem e do colecionismo – tudo pode encontrar lugar em suas páginas: contas, bilhetes, fotografias, recortes, vestígios, um universo inteiro de ancoragens fetichistas, sujeitas apenas ao ritmo da cronologia, sem limite de tempo nem lugar.”¹³⁹

Para Arfuch, “o diário cobiça o excedente, aquilo que não é dito inteiramente em nenhum outro lugar ou que, assim que é dito solicita uma forma de salvação. De qualquer maneira, contém o sobrepeso da qualidade reflexiva do viver.”¹⁴⁰ Enquanto nas correspondências trata-se de diálogos que aproximam distâncias, alimentadas por afinidades e interesses, trocas de sensibilidades e sociabilidades, que, em princípio, estariam mais próximos de uma “autenticidade”, porque “não responderiam inicialmente a uma vontade de publicação”.¹⁴¹

Diante da impossibilidade de indicar todas as dificuldades para a escrita biográfica apontamos apenas algumas questões. A existência de autobiografia ou de diários auxilia muito a compreensão da escrita biográfica, mas isto não significa conhecer o outro plenamente, pois nem tudo é escrito; há os silêncios e as lacunas, já mencionados, que precisam ser interpretados para a escrita da história.

¹³⁸ *Id.*

¹³⁹ ARFUCH. *Op cit.*, p.143.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p.145.

¹⁴¹ ARFUCH. *Op cit.*, p.147.

Entre os escritos pessoais de Kozák, há um texto de 1966 que pode ser interpretado como autobiográfico e destinado a um público específico, cujo conteúdo revela tão somente o esboço de alguns aspectos de sua vida, omitindo completamente qualquer informação mais pessoal e intimista. Esse texto, que mais se assemelha a um *curriculum*, é resultado de uma solicitação da instituição canadense *Glenbow Art Gallery Foundation*, de Alberta, Canadá, que em 1968 foi responsável pela exposição *Portraits of Brazilian Indians by Vladimir Kozák*, patrocinada pela *Glenbow Alberta Institute Museum*, do Canadá. Parece que o personagem tinha pouco interesse em escrever sobre si, fazendo-o somente quando pressionado. Em maio de 1966, Kozák recebeu um pedido da instituição, de envio de dados biográficos para compor um catálogo: “Nós sentimos necessidade de algumas notas biográficas de interesse para esta exposição.”¹⁴² Ao que parece, as primeiras informações enviadas não foram suficientes porque em abril do ano seguinte houve um pedido de complementação das informações.

A exposição apresentou 20 quadros de sua autoria, entre aquarelas e desenhos, cujo tema era o índio brasileiro, e um catálogo contendo a descrição deles com uma pequena biografia do autor, escrita por David N. P. Baxter.¹⁴³ Possivelmente, o conteúdo desta decorre do manuscrito assinado, que leva o título “Vladimir Kozák (por ele mesmo)”¹⁴⁴ e dos sucessivos pedidos de complementação de informações. Os escritos de ambos os textos se assemelham, embora no manuscrito as informações surjam sob a forma de tópicos, apresentando o local de

¹⁴² Glenbow Foundation. **Carta para Vladimir Kozák**. 26 maio 1966. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

¹⁴³ Antropólogo da *Glenbow Foundation*, Alberta, Canadá.

¹⁴⁴ KOZÁK, Vladimir. **Vladimir Kozák por ele mesmo**. 5 p. Curitiba, 27 fev. 1966. Manuscrito. Museu Paranaense/SEEC-PR.

nascimento e formação, empregos, exposições e publicações. Nas descrições das viagens está indicado o ano e alguma referência sobre o grupo indígena visitado que, possivelmente, teve maior relevância para o autor, conforme se pode perceber neste trecho:

1952 – Uma viagem à região do Xingu foi realizada para a filmagem dos Kuikuro e outros índios. Todavia muito pouco pode ser esboçado e pintado.

1953 – Foi repetida a viagem ao Xingu, o filme dos jogos esportivos do Yawary das tribos do Xingu. Uma porção de esboços foram feitos e algumas pinturas de valor. Aqui se originou a coleção de 29 pinturas (chamadas esboços) de pinturas corporais dos índios do Xingu usados durante festivais e jogos.

1954 – Viagem [à aldeia] aos índios Karajá foi realizado e completo sucesso com esboços e pinturas além da modelagem de cabeças em escultura – esses índios têm argila ou barro, existem entendidos em trabalho no barro, com eles estão artistas em trabalhos singulares.

[...] Eu faço questão do desenho com a vida, conforme a maior possibilidade, com melhores detalhes e absoluta fidelidade dos caracteres faciais, além da absoluta correção do desenho, pintura facial, ornamentos e armas tribais, plumagem, etc. Como os índios não são modelos pacientes os desenhos são feitos de preferência rapidamente, revistos e corrigidos e os detalhes completados como for possível. Nenhum detalhe importante e ornamento característico deve ou pode ser esquecido. Muitas vezes eu prefiro vigiar o indivíduo e desenhar

suas características separadamente, corrigindo-as redesenhando se for necessário mais tarde.¹⁴⁵

Aqui, nesse escrito, o autor deixa bem claro a sua preocupação em registrar os detalhes de cada cultura, utilizando a linguagem visual como narrativa. Seus desenhos e esboços narram costumes e tradições, desvendando as características individuais de cada grupo visitado. Em diversos documentos o autor tenta explicar como surgiu o seu interesse em conhecer os diferentes grupos indígenas, referindo-se a esta escolha como sendo um “impulso pessoal” relacionado ao seu desejo de conhecer o homem e a natureza: “Todo o meu trabalho foi feito por um impulso pessoal e apreciação do HOMEM e da NATUREZA e do mundo em torno dele”¹⁴⁶ (grifo do autor).

No que diz respeito a sua relação com os índios, em um processo de rememoração, em que revê suas práticas do passado e lamenta para si mesmo não ter dado individualidade aos índios retratados, percebe-a como laços de amizade: “[...] todos esses índios os quais eu tenho pintado são meus amigos, eu os conheço pelos seus nomes e eu nunca tive o cuidado de escrever seus nomes embaixo.”¹⁴⁷

¹⁴⁵ KOZÁK, Vladimir. **Vladimir Kozák por ele mesmo**. 5 p. Curitiba, 27 fev. 1966. Manuscrito. Museu Paranaense/SEEC-PR.

¹⁴⁶ *Id.*

¹⁴⁷ *Id.*

 ESTADO DO PARANÁ

(1966)

Vladimir Kozák (por ele mesmo)

Nascimento - 19. IV. 1897
Local - BYSTRICE pod Hestynem - Morávia - Tchecoslováquia.

Cursos - Engenharia Mecânica - Escultura e Pintura com o
professor JAN KOLÁR - DEP. DE ARQUITETURA DA CIA.
DE BRNE - MORÁVIA.

Empregos no Brasil - de 1923 a 24 - Engenheiro da Companhia
Elétrica Bond e Schaefer ~~em~~ Minas Gerais - Bahia
e Paraná.
- Chefe do Dep. de filmes documentais da UFPR.

Exposições por ~~por~~ análise - Salão Museu de Belas Artes
+- 19 Museu Paulista em Spornogr, St. Vitor.
cidade federal de Caracas - exibição priv.
das em Curitiba. (mas também Glémbro Museu -
Canadá).

Colleções - na data possui uma coleção de filmes etnográficos -
cas de Belle Tribu antigas (-16 mm - Kodakchroma)

O documentário da desaparecida STONE AGE PEO.
PLE HETA do Norte do Paraná e de grande
interesse científico (O filme material filmico
ali o percurso e de 5 mil pés de comprimento e
o autor continua o trabalho de filmes, com o
remanuscritos de Heta, entretanto um grupo
de pintas a óleo no campo, aquarela, seris,
cel, pastel, papel têm sido feitos, desde
fui o papel não cria volume, um problema
na transposição. Todos os assuntos ligados com a
vida índios não de incluir.

VUSO

IMPRESSÃO OFICIAL
PARANÁ
184

FIGURA 1 – MANUSCRITO DE KOZÁK

KOZÁK, Vladimir. Kozák por ele mesmo. Curitiba, 27 fev. 1966. Museu Paranaense/SEEC-PR.

Essa afirmativa de amizade é repetida reiteradas vezes quando Kozák menciona acerca de suas relações pessoais com os índios. Uma amizade que se reveste de uma escolha pessoal, que faz parte da sociabilidade e do convívio dos indivíduos, cujo significado, possivelmente, somente pode ser apreendido no decorrer de análises da subjetividade do autor.

2.2 ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DO PERSONAGEM

Ao analisar a escrita biográfica, Giovanni Levi indica os limites desta escrita: “as fontes que dispomos não nos informam acerca dos processos de tomada de decisões, mas somente acerca dos resultados destas, ou seja, acerca dos atos.”¹⁴⁸ De qualquer modo, o que fica claro ao tratar deste tema é que escrever sobre um personagem exige algum conhecimento de aspectos de sua trajetória. Assim, o que se apresenta aqui não é uma biografia, mas uma reflexão biográfica, com o objetivo de observar a dimensão individual do homem, buscando elementos para avaliar o peso das práticas sociais e das relações emocionais que envolviam o autor na troca de correspondência articulada ao longo de sua vida.

Vladimir Kozák nasceu em 19 de abril de 1897, em Bystrice pod Hestým, zona rural da Morávia, antigo Império Austro-Húngaro, filho de František e Adolfinia Kozák. A família, constituída dos pais e uma irmã, Karla Kozák,¹⁴⁹ um ano mais velha, vivia da produção no campo e do trabalho mais especializado de seus pais. O pai

¹⁴⁸ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.173.

¹⁴⁹ Karla Kozáková ou Karla Kozák (*Bystrice pod Hostýnem*, 05 mar. 1896 - Curitiba, 1960).

mantinha uma oficina “de serralheiro mecânico,”¹⁵⁰ onde produzia instrumentos de precisão, enquanto a mãe, além de cuidar da casa, fazia bordados regionais.

Ele iniciou seus estudos no Colégio Francisco José I, na vila de origem, onde aliou aos deveres escolares à ajuda em casa, na horta e no trato dos animais, com pouco tempo dispensado às brincadeiras infantis, pois a mãe era exigente e costumava repetir aos filhos: “não roube o dia do Senhor, faça sempre alguma coisa útil.”¹⁵¹ Estudou engenharia mecânica na Escola Nacional Tcheca de Ensino Industrial de Brno¹⁵² e, ao mesmo tempo, escultura e pintura com o professor Jan Kolár, da *Purkyne University*, no Departamento de Arquitetura, pois desde a infância demonstrou interesse pelo desenho, recebendo estímulo de professores e prêmios na sala de aula do Colégio Francisco José I.

As primeiras atividades na área de engenharia remetem ao trabalho em Viena que envolvia a montagem de pontes metálicas sobre o rio Danúbio, uma atividade perigosa que às vezes exigia mergulho no rio gelado durante o rigoroso inverno europeu.¹⁵³

Ele tinha 17 anos quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial e incorporou-se ao exército, servindo no Regimento de Aviação,¹⁵⁴ onde trabalhou como *apparat-chauffeur* de aviões na Bulgária e Itália.¹⁵⁵

¹⁵⁰ TREVISAN, Edilberto. Vladimir Kozák (1897-1979), “O Braide Pemegare” dos Bororo. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, 1979. v. 36, p.10.

¹⁵¹ *Id.*

¹⁵² Capital da Morávia.

¹⁵³ TREVISAN. *Op cit.*, p.11.

¹⁵⁴ Kozák esteve incorporado ao exército no período compreendido entre 08 de fevereiro de 1916 e 28 de outubro de 1918. Participou de exercício de mobilização em novembro de 1921. **CARTEIRA MILITAR** de Vladimir Kozák. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução de Martina Cermakova.

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 12.

Segundo Blasi,¹⁵⁶ foi durante a guerra ou logo após que sofreu um sério acidente, no qual foi ferido com o manche de um avião que o afetou gravemente, impedindo-o inclusive de ter filhos.¹⁵⁷

Aqui, considero importante apontar alguns aspectos do ambiente local que, sem dúvida alguma, refletiram na formação intelectual e nas aspirações pessoais do engenheiro. Ele não somente observou, como também vivenciou grandes transformações na Europa que modificariam as relações com as classes dominantes e a maneira de pensar até então estabelecida para o continente e para o contexto global. Durante sua juventude, antes de mudar-se para o Brasil, esteve muito próximo de acontecimentos marcantes como a decadência do Império Austro-Húngaro, a Primeira Guerra Mundial e a independência da Tchecoslováquia.

Kozák é filho do Império Austro-Húngaro, um importante Estado europeu, que resultou de um compromisso entre as nobrezas austríaca e húngara em 1867, formando uma monarquia dualista.¹⁵⁸ O imenso Império abrigou diferentes grupos étnicos e nacionalidades,¹⁵⁹ constituindo-se em um verdadeiro mosaico étnico, possibilitando o contato com diferentes grupos linguísticos, o que, presumivelmente,

¹⁵⁶ BLASI, 2013. **Entrevista sobre Vladimir Kozák**. Curitiba, 05 maio.2013. Entrevista concedida a Rosalice Carriel Benetti e Maria Fernanda Campelo Maranhão.

¹⁵⁷ Os comentários sobre esse fato são reticentes e pouco esclarecedores, incapazes de definir com segurança a extensão do acidente e das consequências.

¹⁵⁸ A monarquia dualista do Império Austro-Húngaro apresentou-se como dois Estados iguais, com capitais e sistemas políticos próprios, mas com elementos em comum, como a figura do imperador e os ministérios da Marinha, Finanças, Guerra e Negócios Estrangeiros. Segundo a Constituição de 1867, além do Poder Executivo exercido pelo imperador, havia uma Câmara dos Nobres e outra de Deputados, designados pelas assembleias provinciais; também as minorias tinham suas assembleias próprias. OLIVEIRA. *Op cit.*

¹⁵⁹ Tchecos, eslovacos, ucranianos, poloneses, eslovenos, sérvios, romenos, croatas, entre outros.

facilitou o seu conhecimento do tcheco e do alemão, bem como estimulou-o a estudar inglês e esperanto.¹⁶⁰

Quando ele estava com 21 anos, em 1918, foi proclamada a independência da Tchecoslováquia que, apesar das diferenças culturais, linguísticas e religiosas, uniu os tchecos e os eslovacos. No período compreendido entre 1918 e 1938, denominado de Primeira República Tchecoslovaca, o novo Estado, concebido como democracia parlamentar, caracterizou-se pela estabilidade política e pelo desenvolvimento econômico. Mas, apesar desse ambiente geral, em 1924 Kozák optou por transferir-se para o Brasil.

Desejo de conhecer novos lugares e (ou) ímpeto da juventude? Não são claros os motivos que influenciaram a sua escolha de emigrar. Muitos são os fatores que podem ter contribuído para isso: leitura, curiosidade, oportunidade ou quem sabe, provavelmente, a soma destes fatores. Quando jovem, ele foi um leitor voraz e assíduo das aventuras e viagens fantásticas do escritor alemão Karl Friedrich May¹⁶¹ e do personagem Tarzan, do escritor norte-americano Edgar Rice Burroughs,¹⁶² leituras retomadas quando ficou mais idoso e não podia viajar.

Não resta dúvida que o conteúdo dos livros do escritor alemão Karl May estimulou a fantasia de toda uma geração na Europa e na Alemanha, despertando o desejo de emigração para a exótica e ainda inexplorada América Latina. Para o professor de história, Stefan

¹⁶⁰ Esperanto é uma língua criada pelo médico polonês, Dr. Lázaro Zamenhof, em 1887, com o objetivo de facilitar a comunicação no mundo.

¹⁶¹ Escritor alemão de livros de viagens e aventuras em paisagens distantes no Oriente, América do Norte e América do Sul.

¹⁶² No acervo de Vladimir Kozák no Museu Paranaense, entre os livros, há uma coleção das histórias de Tarzan.

Rinke,¹⁶³ “a tomada ficcional de um continente estranho era fundamentada em um pensamento político mundial, que condizia com o espírito imperia- lista daquela época e legitimava a busca alemã de um ‘lugar ao sol’.”¹⁶⁴

Creio ser conveniente acrescentar aos fatores que influíram na opção de Kozák de buscar a América Latina, a observação de selos estranhos que frequentemente surgiam em casa quando criança, pois o pai correspondia-se com um parente, possivelmente um avô¹⁶⁵, que morava no Rio Grande do Sul.¹⁶⁶

De qualquer modo, com 27 anos de idade, após ter vivido em *Bystrice pod Hostyn, Brno* e Viena, ele emigrou para o Brasil em busca da realização de seus sonhos e de novas oportunidades de trabalho. Ao embarcar no navio *Almonzora*, como imigrante de 3ª classe, manifestou o estranhamento e as dificuldades de entrosamento com os demais passageiros, quer por problemas de comunicação, quer pela falta de boas maneiras de alguns companheiros de viagem.

Cada um de nós fica junto de sua bagagem e logo estamos sendo levados para o vapor, que ancorou no mar alto! Passa- geiros de primeira e segunda classe estão embarcando numa ponte especial no navio *Almanzora*. [...]

Aqui consigo perceber que meu conhecimento de inglês é zero. Todos usam uma gíria que nem diabo entende! Talvez

¹⁶³ RINKE, Stefan. O continente ainda inexplorado: a República Federal Alemã na era Adenauer e a América Latina em contexto global. In: **Revista História Unisinos**, São Leopoldo, RS, v.17, n. 2, p.71-80, 2013. Disponível em: < <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/issue/view/408>>. Acesso em 30.10.2014.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p.73.

¹⁶⁵ FAULHAMER, František. **Carta para Vladimír Kozák**. Bratislava, 07 mar. 1966. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução Martina Cermakova.

¹⁶⁶ TREVISAN. *Op cit.*, p.10.

mais tarde me acostume e compreenda. Estou aqui numa Babel flutuante. Difícil contar as nacionalidades da 3.^a classe. [...] Talvez me acostume, mas da próxima vez viajarei de 2.^a classe e não de 3.^a como agora. Suponho, porém, que conseguirei ganhar o suficiente para tanto.

Sobre a alimentação no navio não falarei, cozinha inglesa com carne e acho que 90% da viagem de 3.^a classe nunca sentou numa mesa com toalha branca. É triste o quadro como agem ao comer.

Os encarregados agem com discricção nos refeitórios, nos separam um pouco, mas assim mesmo é um ponto triste da viagem, e não pretendo mais me exteriorizar sobre o assunto. Prefiro me virar para nada ver, apesar, que é difícil desviar o olhar. Irei repousar a minha vista no mar imenso.¹⁶⁷

Durante a viagem, ele mencionou a trajetória do navio pelo Golfo de Biscaia,¹⁶⁸ costa espanhola: La Coruña e Vigo; Lisboa; Ilha da Madeira; Ilhas São Vicente e Cabo Verde, sempre atento às paisagens, às cores locais e às possibilidades de descrever, desenhar e fotografar o que observava. Quando se aproximaram de Fernando de Noronha houve necessidade de uma parada. E, finalmente, no dia 1º de maio, chegaram à cidade de Recife, em Pernambuco. No percurso a atenção de Kozák esteve muito voltada a detalhes da natureza e do céu; ele ficou encantado com o pôr do sol local, diferente daquele que estava acostumado na Europa. Pensou nas suas expectativas com essa mudança, rememorando seus sonhos de infância, observando o anoitecer, o céu e as

¹⁶⁷ KOZÁK, Vladimír. **Diário** 1924/1928. 77 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

¹⁶⁸ Zona do oceano Atlântico situada entre a costa norte da Espanha e a costa sudoeste da França.

estrelas, ou como ele se expressou comentando “a noite tropical que desde criança esperava sentir na própria pele.”

Hoje de manhã dia 30 de abril, chegamos na ilha Fernando de Noronha e desembarcamos um doente, que afirmou que tomou muita água contra a febre amarela. A ilha mencionada é muito bonita. Penhascos rochosos e mesmo assim, bem verde, árvores, palmeiras. Nem paramos, continuamos rumo a Pernambuco. Enormes nuvens cobrem o azul do céu e vejo água jorrando delas só que bem longe sem podermos tomar banho. Arco íris de cores exuberantes, como nunca vi em terra firme. Há peixes voadores nos acompanhando, tentei desenhá-los, só que é difícil, pois como tem lombo escuro não se fazem nitidamente visíveis. Gaivotas sobrevoam-nos, encontramos alguns navios... Pôr do sol de beleza invulgar, vermelho, amarelo, como enorme fogueira. Aqui na altura do Equador estou observando a rapidez com que a noite vem. Na Europa a escuridão vem lenta e gradativamente, enquanto aqui em 15 minutos passamos de sol claro para noite escura. Vênus aparece com brilho claríssimo, Sirius também e a noite tropical que desde criança esperava sentir na própria pele. O Cruzeiro do Sul, porém, me decepcionou, pois achei-o pouco apagado em vista de outros corpos celestes como Argus e Sirius.

Primeiro de maio, tempo de amor e eu? Estou na primeira estação do Brasil. Pernambuco costa cheia de vendedores dando voltas no navio oferecendo papagaio, cocos, caranguejos, bananas, mas não gritam como aqueles da Europa. [...]

Dois de maio, estamos na Bahia. Próxima estação, desembarque dentro de quatro dias. Ancoramos numa linda baía. Bahia é cidade bonita. Aqui recebi carta do Alves, do Rio

que vai me aguardar e que vem me buscar no navio. Já estou emocionado e espero esta vivência com ansiedade.¹⁶⁹

Após cumprida a burocracia local, o navio seguiu de Pernambuco para a Bahia e, no dia 04 de maio, os passageiros desembarcaram no Rio de Janeiro, onde Kozák era aguardado. Ele continuou apreciando o que via, anotava acerca da natureza e das cores, ponderou a insignificância da caneta para registrar tanta beleza. A visão do Pão de Açúcar e da cidade simplesmente encantou o imigrante.

Hoje, 04 de maio, sempre acompanhando a costa, surgiram grandes montanhas a tarde devemos chegar no Rio. [...]

Pelas duas horas apareceu o Pão de Açúcar, conhecido dos cartões postais. Começam preparar desembarque. As montanhas aumentam de tamanho e casas surgem na costa no meio das palmeiras. No instante seguinte entramos na baía entre rochas e aí aparece uma bonita paisagem da cidade e gente não se livra da impressão de uma especial vibração interior. [...]

Talvez não haja vista mais bela do que do Pão de Açúcar (usamos bondinho) para a cidade que desperta. À noite milhares de luzes azuis e verde como pérolas num colar iluminam e formam linhas de invulgar beleza na costa e nas avenidas. Bondes faíscam na escuridão da noite e contornos de grandes montanhas se desenham contra o céu cheio de pequenas estrelinhas. Não sei se ainda na vida terei outra oportunidade de ficar com espírito tão elevado como agora.

Difícil, muito difícil descrever o espetáculo que a gente assiste. Tem que ser visto, vivido; caneta é elemento fraco demais para

¹⁶⁹ KOZÁK, Vladimír. **Diário** 1924/1928. 77 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

esboçar esta beleza toda. Brilho das luzes na água lembrando multidões de cometas nesta escuridão tropical, que deixa um sentimento especial dentro da alma da gente. O Rio também merece uma página especial e quem sabe ainda terei oportunidade de voltar...¹⁷⁰

Mas a bela paisagem descrita tantas vezes e que o fascinou não impediu certo estranhamento e incompreensão quanto ao comportamento de alguns brasileiros, traduzida pelo comentário: “a palavra certa que ouvi na costa do Rio foi AMANHÃ, palavra brasileira que resolve tudo. Tempo tem de sobra, o que não se fez hoje talvez pudessem se fazer amanhã”¹⁷¹ (grifo do autor).

Após alguns dias de estadia no Rio de Janeiro, ele tomou o trem com destino a Vitória, Espírito Santo, onde finalmente se estabeleceu, pois contatos anteriores haviam lhe garantido um emprego no governo. No entanto, houve dificuldades, parece que somente havia uma promessa e as coisas não transcorreram conforme suas expectativas iniciais, exigindo a busca de outra solução, até mesmo porque, como ele afirmou, não tinha reserva financeira.

A natureza é difícil descrever, tantas novidades e coisas interessantes, plantas exóticas, flores variadas passam pela vista da gente que é difícil captar nesta velocidade. Depois de 24 horas já é noite escura quando chegamos à Vitória, o lugar do meu destino. Por muito tempo? Difícil dizer se será por muito tempo, pois não posso ir a outro lugar, as coroas tchecas estão terminando.

¹⁷⁰ *Id.*

¹⁷¹ *Id.*

[...] A diferença cambial é grande para minhas poucas economias. A cabeça, porém, está cheia de planos. [...]

A história do meu emprego no Governo, resumindo está na mesma situação. O Senhor Holyday [?] prometeu, mas só prometeu, passou muito tempo até que conseguimos encontrá-lo. Depois esperar o Senhor Quilo [?], gordão americano, e depois do teste esperar de novo até segunda-feira, pois sozinho não pode resolver, muita conversa e nada...

[...] Dia 18 de maio de 1924 [...] O tempo passa, já estou fora de casa meses e nada escrevo, pois nada sei de concreto. Só se fala e nada se realiza.

Hoje 23 de maio, eu estou no segundo dia com Sr. Pann, o que pelo menos parece, que a parte deu certo, e eu continuo com minha história. O sr. Quilo [?] prometeu que a partir de 1º de junho, vai acelerar para minha colocação no governo. Mas da promessa para a realidade é longe, daí por enquanto nada.¹⁷²

Decorrido um tempo, com a falência dos seus planos originais, em novembro de 1924 ele constituiu uma empresa, em sociedade com outro cidadão tcheco, especializada em conserto ou mesmo produção de peças novas para uma fábrica de tecidos de Vitória.¹⁷³ A empresa não foi bem-sucedida, teve percalços e algumas dificuldades com o sócio e finalmente, após muito empenho de Kozák, surgiu um emprego e ele foi contratado como engenheiro da empresa *Electric Bond and Share Company*, com sede em Nova Iorque, trabalhando no Espírito Santo. Mais tarde ele mudou-se para Minas Gerais¹⁷⁴ e depois Bahia.¹⁷⁵

¹⁷² *Id.*

¹⁷³ ESCRITURA do contrato entre Leandro Nicoletti e Cia e os sócios Alois Humka e Vladimir Kozák, registrada em 11 nov. 1924, em Vitória, Espírito Santo. 6 f. Museu Paranaense. SEEC-PR.

¹⁷⁴ Gerente do Setor Técnico da Companhia Força e Luz de Minas Gerais.

Em 1938, ele instalou-se em Curitiba, trabalhando como engenheiro mecânico da Companhia Força e Luz do Paraná, no cargo de Superintendente de Energia. No ano seguinte, em virtude da morte dos pais, Karla Kozák,¹⁷⁶ veio para Curitiba, passando a residir com a irmã. “Ela estava acompanhando os pais idosos. Quando eles faleceram ela resolveu vir. O que para ele foi uma felicidade.”¹⁷⁷

Nessa ocasião Karla assumiu o compromisso de se ocupar dos afazeres domésticos, além de acompanhá-lo em viagens ao interior do país e auxiliá-lo nas expedições e nas filmagens. Na Tchecoslováquia, ela tinha frequentado a escola profissional de bordado e era professora, formada pela Escola de Artes Aplicadas de Praga (1926-1929).¹⁷⁸ No Brasil, pintou muitas aquarelas, a maioria de flores, que fazem parte do acervo de Vladimir Kozák.

Kozák trabalhou na Copel até se aposentar, quando então passou a dedicar o seu tempo, integralmente, ao Museu Paranaense e à Universidade do Paraná. Segundo Oldemar Blasi, o engenheiro “foi considerado um dos maiores técnicos” da Força e Luz, fazendo “coisas fantásticas.”¹⁷⁹ Perfeccionista, exigente, criativo e dedicado, é interessante observar o método adotado por ele para localizar as pessoas que se utilizavam de um ardil para não pagar a conta da luz, e

¹⁷⁵ Engenheiro Chefe da Companhia Mista Circular de Carris da Bahia.

¹⁷⁶ Karla mudou-se para o Brasil em 1939 e em 1954, obteve cidadania brasileira. Foi companheira e amiga do irmão, participando de diversas excursões pelo Brasil a grupos indígenas. Faleceu em 1960, em decorrência de complicações de malária, fato que pesou negativamente em Vladimir Kozák que, possivelmente, se culpou pelo ocorrido.

¹⁷⁷ BLASI, 2013.

¹⁷⁸ HISTÓRICO Escolar da Escola de Artes Aplicadas de Praga. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução Martina Cermakova.

¹⁷⁹ BLASI, 2013.

estariam furtando energia elétrica. Algo elementar, mas somente viável na Curitiba dos anos 40 e 50. Ele simplesmente passou a verificar, pessoalmente, as casas que mantinham a luz acesa à noite e comparar com o consumo registrado na conta.

E como o preço ficou muito caro. Então começou a divulgação, disseminação do “gato.”¹⁸⁰ A pessoa mexia no contador. Punham um cabo lá. Então o consumo aumentou e a renda diminuiu porque as pessoas não pagavam. O que ele fez? Ele saiu diversas vezes entre 6:00 horas e 7:00 horas da noite, rua por rua para ver se tinha lâmpada acesa e tudo. Ora, se a casa tinha lâmpada acesa a noite toda e não gastava tanto. Então havia um “gato”. Então ele começou a procura dos “gatos”.¹⁸¹

Ainda que estivesse envolvido com sua atividade profissional na Força e Luz, Kozák não perdeu seu entusiasmo inicial com o registro de paisagens e da natureza do Brasil, e prosseguiu fotografando no tempo livre. Possivelmente, foi o entusiasmo pela fotografia¹⁸² que fez com que se unisse a um grupo de pessoas interessadas na natureza, dispostas a excursionar pela periferia de Curitiba, Rio Branco do Sul, Serra do Mar, litoral e algumas grutas, em longas caminhadas a locais de difícil acesso,¹⁸³ mas que resultavam em produção de belas imagens.¹⁸⁴

¹⁸⁰ Gato é o nome dado à ligação clandestina, neste caso de energia elétrica, com a finalidade de furtar energia elétrica ou alterar a leitura do medidor.

¹⁸¹ BLASI, 2013.

¹⁸² No item 2.3.1 são apresentadas algumas considerações sobre a atividade de fotografar e a produção de Kozák.

¹⁸³ BLASI, 2013.

¹⁸⁴ Em 1943 Kozák estava filiado ao Foto Clube do Paraná. Os fotoclubes surgiram no Brasil a partir dos anos 30, caracterizando-se “pelo seu perfil elitista e pela busca de



FIGURA 2 - EXCURSÃO NA SERRA DO MAR

KOZÁK, Vladimir. 194-. Acervo. Museu Paranaense/SEEC-PR.

A descrição desses passeios indica muito do bom condicionamento físico de Kozák, que ao longo dos anos participou e organizou frequentes idas a campo¹⁸⁵ que exigiam um bom preparo físico, disciplina e tenacidade. Entre as pessoas que faziam parte dessas aventuras são mencionados o cônsul inglês Norman Rowe, o escultor argentino

fazer da fotografia uma atividade artística.” Em geral seus integrantes eram profissionais de condição financeira estável “que podiam dedicar-se a fotografia nas horas vagas.” SILVA, Andressa Ignácio. Fotógrafos lambe-lambe e fotoclubista: análise de perfil e perspectiva social da produção fotográfica. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, II, 2009, Londrina, PR. *Anais*. Londrina, UEL, 2009. p.1232-1239. Disponível em: <www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/SILVA_AndressaIgnacio> Acesso em: 17/3/2014.

¹⁸⁵ Detalhes das idas a campo e viagens de Kozák exigiriam um capítulo à parte, que está além dos objetivos desta pesquisa, mas que poderão ser explorados em outro trabalho.

José Peon¹⁸⁶ e a canadense Marjory Bayllon.¹⁸⁷ Em uma das cartas endereçadas a Kozák, ela relembra:

No meu último domingo escalei minha primeira montanha...no caso de você pensar, eu quero dizer que escalei uma colina e estou fazendo um esboço das fotografias que eu fiz. PICO DE MARUMBY [sic]. Eu não tinha ideia do esforço.

Eu fui com Norman Rowe, Vladimir Kozák (engenheiro) e um escultor argentino chamado Peon. Os dois últimos (ambos artistas) são entusiastas montanhistas. Embora perfeitamente gentis, eles me trataram como se eu fosse outro homem, ajudando-me somente em dois ou três lugares, onde eles também se ajudaram, principalmente, como eu estou em forma, deixando-me afundar ou nadar¹⁸⁸ (grifo do autor).

Um aspecto marcante que convém destacar, é que todas as pessoas indicadas que participavam dessas excursões não eram brasileiras, mas de outras nacionalidades, que encontraram nesta atividade um espaço de sociabilidade que os agregava.

Kozák já se encontrava residindo em Curitiba desde 1938, no entanto, apesar da passagem dos anos, observando suas anotações, é possível constatar que as relações sociais estabelecidas se apresentavam com outros semelhantes, estrangeiros como ele. Sem dúvida, ele

¹⁸⁶ José Peon foi escultor e medalhista argentino que veio para o Paraná em 1914. Teve uma prolífera produção nos anos de 1940. FERRARINI, Sebastião. **Círculo de Estudos Bandeirantes Documentado**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2011. p.253.

¹⁸⁷ Marjory Brysson ou Marjory Doble Baillon manteve correspondência com Kozák entre os anos de 1940 à 1978. Descreve pelo menos três destas excursões no ano de 1940: Pico do Marumbi, Gruta das Fadas e Serra do Mar na cachoeira do rio Ipiranga.

¹⁸⁸ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. [19--]. 3 f. Museu Paranaense /SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

era um *outsider*¹⁸⁹ e nessa associação estavam presentes questões da alteridade e da diferença, pois o grupo era composto de indivíduos de fora da comunidade local, estrangeiros, ou seja, o outro, o estranho. Possivelmente, a comunidade receptora, o grupo estabelecido, percebia-os como os diferentes, excluindo-os da fronteira do “nós.”

Devo, no entanto, esclarecer que esta é a minha avaliação, até porque, não foi localizado, em apontamentos de Kozák, qualquer referência à participação de outros indivíduos naturais do local em excursões; quando é mencionado alguém diverso, não é identificado, trata-se no máximo de um guia do local. O que possibilita vislumbrar a referência de Pierre Bourdieu ao tratar a questão do imigrante como um indivíduo sem lugar, um deslocado.¹⁹⁰

Como Sócrates, o imigrante é atopus, sem lugar, deslocado, inclassificável. Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e inoportuno ele suscita o embaraço [...].¹⁹¹

Mas, de qualquer forma, foi por intermédio destas pessoas que Kozák conheceu e estabeleceu relações profissionais com José Loureiro

¹⁸⁹ ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

¹⁹⁰ BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

¹⁹¹ *Ibid.*, p.11.

Fernandes,¹⁹² na ocasião Diretor do Museu Paranaense que, em 1946, convidou-o para coordenar a Seção de Cinema da instituição, função que ele exerceu até 1963.

Empreendedor e disposto a inovar, Loureiro Fernandes¹⁹³ havia assumido a direção do Museu em 1936 e dois anos após já havia reorganizado a instituição, reestruturando-a, contando com o apoio de colegas do Círculo de Estudos Bandeirantes e da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná.¹⁹⁴

Não foi simples o ingresso de Kozák na instituição, houve todo um trâmite burocrático. Foi necessário que o Diretor do Museu solicitasse ao Diretor Geral da Secretaria de Educação, o Dr. Osvaldo Pilotto, a nomeação do engenheiro ao corpo técnico, como “Assistente Voluntário” justificando no pedido que ele já vinha colaborando com a instituição, pois estava “documentando fotograficamente valioso material” de estudos e estaria iniciando “a organização do [...] Serviço de Cinema Educativo”.¹⁹⁵

¹⁹² BLASI, 2013.

¹⁹³ O professor, médico, antropólogo e historiador português José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-1977) foi uma “figura icônica da história do Paraná nos anos 1940.” Pessoa de influência nos meios políticos e culturais, assumiu a direção do Museu Paranaense em 1936, inaugurando uma fase científica da instituição. Completamente inserido na sociedade local, teve participação ativa na política cultural e na política acadêmica paranaense. Atuou como Secretário de Estado da Cultura e Saúde Pública; Provedor da Santa Casa de Misericórdia; cumpriu mandato político de vereador. FURTADO, Maria Regina. José Loureiro Fernandes: o paranaense dos museus. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006; ARDIGÓ, Fabiano. Uma ciência improvável: o Museu Paranaense entre 1940 e 1960. In: ARDIGÓ, Fabiano (org.). **Histórias de uma ciência regional**. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p.109.

¹⁹⁴ CECCON, Roseli Santos. **Em busca de uma “arqueologia brasileira”**: Universidade do Paraná, décadas de 1950 a 1970. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3853>>. Acesso em: 12/8/2013.

¹⁹⁵ MUSEU PARANAENSE. Curitiba. **Ofício expedido em 20 nov. 1946**. Correspondências de 1947. Museu Paranaense/SEEC-PR.

Apesar do bom trânsito e da influência do diretor nos meios políticos do estado, a nomeação demorou a acontecer. A condição de ser estrangeiro criou algumas dificuldades e Loureiro Fernandes precisou insistir na necessidade institucional da participação de Kozák nas atividades do Museu. Exigiu, ainda, uma consulta formal à instância superior, a Diretoria da Secretaria de Educação do Estado, acerca de possíveis impedimentos.¹⁹⁶ No entanto, a resposta positiva dirimiu quaisquer dúvidas existentes, esclarecendo as exigências legais para a designação: “[...] foi informado de nenhum impedimento haver em nomear pessoas estrangeiras [sic] para os cargos honorários do Museu, desde que as mesmas não tenham exercido atividades anti-brasileiras [sic].”¹⁹⁷ Sem dúvida, essa condição trata-se de uma referência à situação que envolveu as atividades e o tratamento dispensado ao estrangeiro, o imigrante, naquele momento; uma ação preventiva exercida sobre essa “classe perigosa”¹⁹⁸ que colocava em risco o status quo do grupo dominante. Um claro apelo, lembrando

¹⁹⁶ Durante o Estado Novo (1937-1945), algumas culturas como italiana, alemã e japonesa, tornaram-se visadas pela polícia. O clima intelectual da década de 1930 favoreceu políticas eugenistas e influenciou na elaboração da Constituição de 1934, trazendo as primeiras barreiras à entrada de estrangeiros no país. O Decreto-Lei n.º 3.175/41, que restringiu a imigração, traduziu-se “numa generalizada proibição para a concessão de vistos temporários e permanentes, relacionando, ao mesmo tempo, os critérios das exceções admissíveis à regra.” LAFER, Celso. In: KOIFMAN, Fábio. **O imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

A entrada em vigor do decreto, além de ampliar dificuldades aos estrangeiros residentes no Brasil, criou uma prática burocrática que perdurou nas instituições públicas. Portanto, não se trata de lugar comum dizer-se que nos anos 40-50 o peso das políticas restritivas aos estrangeiros ainda estava presente nos impedimentos e limites impostos ao imigrante.

¹⁹⁷ MUSEU PARANAENSE. Conselho Administrativo. Curitiba. **Ata da 97ª Sessão realizada no dia 1º nov. 1946**.

¹⁹⁸ SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

que ele, o imigrante, não é um nacional, é o “diferente” que precisa ser submetido, condicionado.

Afinal, um imigrante só tem razão de ser no modo provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele.¹⁹⁹

A partir de 1946, Kozák “passou a documentar por meio de fotos e filmes cinematográficos”²⁰⁰ as pesquisas que, anteriormente, “eram executadas pelos próprios excursionistas ou encomendadas a profissionais”.²⁰¹ A primeira referência encontrada sobre a sua participação nessas atividades foi em fevereiro de 1946, quando o diretor do Museu indicou-o para produzir uma filmagem da “parte norte da Baía de Paranaguá”.²⁰²

No entanto, oficialmente Kozák ingressou no “corpo de assistência” do Museu em 1947, mediante ato do interventor Manoel Ribas, por proposta da Diretoria Geral de Educação, como chefe da “subseção de cinema educativo”, uma atividade de projeção no meio intelectual, mas não remunerada.²⁰³ Essa foi uma opção que gerou

¹⁹⁹ *Ibid.*, p.55.

²⁰⁰ CECCON. *Op cit.*, p.32.

²⁰¹ *Id.*

²⁰² MUSEU PARANAENSE. Conselho Administrativo. Curitiba. **Ata da 88ª Sessão realizada no dia 02 fev. 1946.**

²⁰³ “A nomeação para os chefes de seções do Museu, caracterizava uma função honorária, considerada como nobre atitude de tão ilustres pioneiros [...]” FURTADO, Maria Regina. **José Loureiro Fernandes: o paranaense dos museus.** Curitiba: Imprensa Oficial. 2006. p.73.

questionamentos de nossa parte, já que ele não era uma pessoa de posses, tratava-se de um estrangeiro que estava há poucos anos na cidade e dependia de seu trabalho para o sustento, portanto não poderia prescindir de uma remuneração.

Nessas circunstâncias, analisando o contexto, o ambiente nacional e o local, foi possível interpretar alguns significados que envolvem a nomeação de Kozák. Primeiramente, estar vinculado a uma instituição como o Museu poderia se apresentar como o acesso a contatos úteis, especialmente em um regime político em que estrangeiros enfrentavam restrições. Segundo Fabiano Ardigó, que estudou o Museu Paranaense, no período entre 1940 e 1960, naquela ocasião, “[...] pertencer a uma instituição estatal garantia certos privilégios e benefícios. Por exemplo, funcionários de instituições públicas tinham autoridade na emissão de documentos pessoais, o que novamente era crucial em uma época de liberdades restritas”.²⁰⁴ Desse modo, esse conjunto de informações possibilita interpretar como uma questão pessoal, facilitadora de entrosamento no meio local a designação de Kozák para o cargo, ou ainda, uma tentativa do outsider de se inserir no grupo dominante.

Observando atentamente, buscando compreender todos os interesses envolvidos, tanto o do diretor do Museu como o do engenheiro, indiscutivelmente, ambos se beneficiavam reciprocamente desse pertencimento – o que esclarece porque o diretor insistiu e trabalhou politicamente para efetivar o seu ingresso na instituição. O interesse de Loureiro Fernandes em incluir Vladimir Kozák no corpo técnico era plenamente justificado em face do processo de reestruturação pelo

²⁰⁴ ARDIGÓ, Fabiano. Uma ciência improvável: o Museu Paranaense entre 1940 e 1960. In: ARDIGÓ, Fabiano (org.). **Histórias de uma ciência regional**. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 106.

qual o Museu Paranaense passava nos anos de 1940, inaugurando uma fase científica, cujos objetivos oscilavam “entre fins educacionais e interesses científicos”.²⁰⁵

Mas, para compreender o significado da denominada fase científica do Museu e a participação de Kozák nesse ambiente, convém apresentar a posição dos museus no contexto nacional e no surgimento de pesquisas etnográficas. A institucionalização da Antropologia no Brasil somente se iniciou a partir da década de 1930, quando surgiram a Escola Livre de Sociologia e Política (1933) e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934), oferecendo cursos regulares de antropologia. Antes da fundação das primeiras faculdades de Filosofia e Ciências Humanas, os museus dominavam a produção antropológica do país. Pesquisadores oriundos de diversas áreas acadêmicas, geralmente das ciências médicas e biológicas, se agregavam aos museus, tornando-se autodidatas ou mesmo especializando-se no exterior, em face da inexistência local de uma formação específica. Nessas circunstâncias, os museus eram, no período, importantes pontos de referência não somente para expor, como também para gerar reflexão científica.²⁰⁶

A situação do Museu Paranaense nessa ocasião era precária, com poucos recursos e projetos sem muito planejamento.²⁰⁷ “Os diretores eram voluntários e auxiliavam na manutenção das coleções

²⁰⁵ ARDIGÓ. *Op cit.*, p.114.

²⁰⁶ PASSADOR, Luiz Henrique **Herbert Baldus e a antropologia no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000241403>>. Acesso em: 20/6/2013.

²⁰⁷ ARDIGÓ. *Op cit.*, p.113.

de acordo com suas limitações de tempo e compromissos profissionais”.²⁰⁸ Segundo Maranhão,²⁰⁹ o diretor Loureiro Fernandes “deu início à pesquisa científica na instituição contrapondo-se à visão mítica de Romário Martins sobre a identidade do homem paranaense.”²¹⁰ Desenvolvendo pesquisas nas áreas de antropologia física, antropologia e arqueologia, “Loureiro Fernandes adotou uma perspectiva científica, ligada a uma discussão nacional mais ampla sobre o processo de substituição do intelectual literário e polivalente pelo cientista especializado.”²¹¹ Para implementar a mencionada fase científica, precisava dar credibilidade e visibilidade à instituição. No entanto, “credibilidade naquele meio não se construía”²¹² repentinamente, tratava-se de um “processo lento”²¹³ que exigia investimento. E credibilidade institucional geralmente estava associada ao “reconhecimento de credenciais científicas do seu corpo científico e da qualidade do que ele produzia.” Pesquisadores buscavam “instituições que ofereciam potencial para que eles pudessem [...] publicar mais, fazer descobertas originais e ganhar prêmios.”²¹⁴ Assim, uma das estratégias do diretor foi atrair pesquisadores, registrar seus trabalhos e publicar artigos no periódico institucional local Arquivos do Museu Paranaense.

²⁰⁸ *Ibid.*, p.116.

²⁰⁹ MARANHÃO, Maria Fernanda Campelo. A institucionalização da Antropologia no Paraná: Loureiro Fernandes, o Museu Paranaense e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. In: OLIVEIRA, Márcio de. (Org.) **As ciências sociais no Paraná**. Curitiba: Editora Prottexto, 2006. p.69-84.

²¹⁰ *Ibid.*, p.76.

²¹¹ *Id.*

²¹² ARDIGÓ. *Op cit.*, p.120.

²¹³ *Id.*

²¹⁴ *Id.*

Durante toda a gestão de Loureiro Fernandes o Museu Paranaense apesar de vinculado administrativamente ao estado, tornou-se uma extensão científica da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – FFCLPR. Desta forma, nos laboratórios do Museu Paranaense eram realizadas aulas práticas de antropologia e ciências naturais. Os chefes das seções especializadas organizavam excursões de pesquisa ao interior do estado com seus alunos da FFCL. Alguns eram admitidos como assistentes de pesquisa passando a colaborar com as atividades do Museu.²¹⁵

Em 1944, um decreto do interventor federal Manoel Ribas transformou o Museu Paranaense em uma “instituição complementar de ensino superior”.²¹⁶ Essa medida possibilitou o desenvolvimento de pesquisas científicas e uma maior integração com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná. Mas, é conveniente destacar que antes mesmo do decreto já havia uma estreita ligação entre a faculdade e o museu, pois os diretores da instituição eram catedráticos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCL).

[...] A FFCL é viabilizada com a reestruturação do Museu Paranaense, equipando esta casa de cultura com fundamentos científicos e, por sua vez, o Museu passou a propiciar a pesquisa e o ensino prático dos cursos do departamento de ciências da FFCL que, sem espaços adequados, passaram a contar com os laboratórios do Museu Paranaense reformado com essa finalidade.²¹⁷

²¹⁵ MARANHÃO. 2006a. *Op cit.*, p.78.

²¹⁶ MUSEU PARANAENSE. Conselho Administrativo. Curitiba. **Ata da 69ª sessão realizada no dia 15 ago. 1944.**

²¹⁷ FURTADO. *Op cit.*, p.64.

Desse modo, o ambiente do Museu Paranaense transformou-se, configurando-se, no período, como um local de efervescência cultural, envolvido em discussões científicas e voltado a pesquisas em diversos campos da ciência. Em linhas gerais, houve uma intensificação de atividades e frequente contato com outras instituições científicas nacionais e internacionais,²¹⁸ com a prática de intercâmbio cultural por meio de troca de correspondência, publicações e visitas de professores, pesquisadores de outros países e alunos universitários. Nesse momento, o Museu ocupou um lugar de destaque na comunidade científica que foi muito além dos limites locais – a ligação com o Smithsonian Institut²¹⁹ nos Estados Unidos é um exemplo: espécimes coletados em expedições organizadas pelo Museu foram utilizados por aquela instituição por intermédio da Universidade de São Paulo, USP.

Todos esses aspectos expostos fornecem indícios que justificam a preocupação do corpo diretor em assumir compromissos com uma pesquisa científica de qualidade. Segundo Fabiano Ardigó,²²⁰ entre os anos de 1940 e 1960 foram realizadas mais de sessenta expedições científicas, com o objetivo não só coletar espécimes, mas também de estudar a fauna e a flora do estado. Eram expedições que contavam com a participação de diversos cientistas de outros centros de pesquisa, principalmente da Universidade de São Paulo, que precisavam ser

²¹⁸ Atas e correspondências do Museu Paranaense. Museu Paranaense/SEEC-PR.

²¹⁹ O *Smithsonian Institution* foi criado pelo cientista britânico, James Smithson (1765-1829), que deixou sua propriedade nos Estados Unidos para fundar, em Washington, um estabelecimento para o aumento e difusão do conhecimento. Desde a sua fundação, em 1846, o *Smithsonian* se tornou o maior complexo de museus e de pesquisa do mundo, com dezenove museus, o Zoológico Nacional, e nove centros de pesquisa. **Smithsonian Institution**. Disponível em: <<http://www.si.edu/About/History>>. Acesso em: 5/1/2014.

²²⁰ ARDIGÓ. *Op cit.*, p.133.

registradas, por meio de fotografias ou filmes, a fim de obter um título de excelência para o Museu.

O início da fase científica do Museu se consolida quando a instituição lança sua primeira publicação. Em vez de uma acanhada revista de divulgação que se esperaria de um museu provincial, os Arquivos do Museu Paranaense surpreenderiam pela sua qualidade editorial ao abordar, com ares de grande centro, temas de interesse das mais prestigiosas instituições científicas do país.²²¹

Em um cenário como esse, fica bem evidenciado que a presença de Vladimir Kozák foi significativa para o Museu; possibilitou a ampliação das ações e pesquisas desenvolvidas na instituição e atendeu aos interesses do diretor Loureiro Fernandes já que a utilização do filme e da fotografia era algo novo na Antropologia brasileira.

Até então o uso da fotografia e do filme na pesquisa antropológica brasileira, era considerado um método de documentação extremamente inovador no início da década de 1940, tendo sido utilizado de forma pioneira enquanto prática institucional pelo alemão Harald Schultz,²²² assistente de Herbert

²²¹ *Ibid.*, p.117.

²²² Harald Schultz (1909-1966), fotógrafo e etnólogo, nasceu em Porto Alegre, filho de alemão com brasileira. Dos 6 aos 15 anos estudou na Alemanha e, na volta, apaixonou-se pela fotografia. Na capital federal trabalhou para o Serviço de Proteção ao Índio (SPI, atual Funai). Em 1947, Schultz deixou o SPI e foi trabalhar no Museu Paulista a convite de Herbert Baldus, professor alemão do curso de etnologia brasileira da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Embora não tivesse formação acadêmica, escreveu monografias e também recolheu material arqueológico para estudo. Seus artigos foram publicados em revistas no exterior e as fotos frequentaram as páginas da *National Geographic*.

Baldus,²²³ na Secção de Etnologia do Museu Paulista, entre 1944-1965.²²⁴

Além de conhecimento técnico sobre fotografia e filmagem, em muitas ocasiões Kozák utilizou equipamento de sua propriedade particular para produzir material, ou seja, “documentação cinematográfica, de interesse cultural, sobre o Estado do Paraná,”²²⁵ assim como custeou ou adiantou o pagamento de despesas que seriam de responsabilidade do Estado.

Fica reforçada a noção de participação de Kozák quando se observa que, em 1947, José Loureiro Fernandes oficiou ao Secretário de Educação e Cultura, Gaspar Velozo, solicitando a compra de material fotográfico para a instituição, pois a documentação que vinha sendo produzida ainda utilizava o equipamento pessoal de Vladimir Kozák.²²⁶ Em outra ocasião, no mesmo ano, atestando a necessidade e a utilidade da atividade em desenvolvimento, o Diretor manteve contato com o Secretário, enfatizando as qualidades do trabalho realizado pelo engenheiro para a Secção de Cinema Educativo:

²²³ Herbert Baldus (1899-1970): etnólogo alemão, naturalizado brasileiro, que chegou ao país na década de 1920. Empreendeu pesquisas etnográficas entre vários grupos indígenas americanos, majoritariamente no Brasil. Participou do processo de institucionalização da Antropologia no Brasil nos anos 30. Ocupou a cadeira de Etnologia Brasileira na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (1939-1960), assumiu a chefia da Secção de Etnologia do Museu Paulista (1947-1968) e posteriormente diretor. PASSADOR, 2002.

²²⁴ MARANHÃO, Maria Fernanda Campelo. **Vladimir Kozák e os índios do Brasil**. Curitiba. Digitado.

²²⁵ MUSEU PARANAENSE. Curitiba. **Ofício Expedido no dia 25 jul. 1947**. Correspondências de 1947.

²²⁶ *Id.*

O Dr. Kozák, que voluntariamente já vinha cooperando com o Museu, participando de suas excursões e realizando valiosa documentação cinematográfica, poderá assim, graças às suas altas qualidades técnicas e sensibilidade artística, realizar obra meritória em prol de nosso cinema educativo.²²⁷

A presença dele no Museu teve características muito particulares. Em 1949, o chefe da Seção de Cinema Educativo (Kozák) alertava ao então Diretor do Museu Paranaense, Júlio Moreira, que continuava produzindo material para pesquisa científica, apesar das precárias condições de trabalho, da falta de dinheiro, de material e equipamento e das dificuldades com o transporte. O chefe da Seção de Cinema continuava pagando por despesas institucionais.

Embora com essas dificuldades continuei trabalhando e colecionando material, pagando as despesas do meu bolso como de costume, e consegui colecionar boa documentação, a qual será preciosa para futuras atividades do Museu. [...] Ficou recondicionado um já imprestável aparelho projetor de 36 mm., sonoro, e cuja despesa de seu recondicionamento, importando em Cr\$ 1.800,00, adiantei de meu bolso. Mandamos fazer uma bolsa protetora de couro para o tripé da câmara [sic], cujo pagamento, para facilitar, foi feito com meu próprio dinheiro.²²⁸

Mas, em que pese o esforço de Kozák para implementar os projetos do Museu, as relações com o diretor da instituição foram

²²⁷ *Id.*

²²⁸ MUSEU PARANAENSE. Curitiba. **Relatório Anual, 1949**. Correspondências, 1949.

permeadas por divergências e conflitos. O engenheiro ocupava um lugar claramente definido de subordinado, pois o referencial naquele ambiente era Loureiro Fernandes. Kozák era o estrangeiro ocupando um lugar marginal, ou seja, um outsider.

Na opinião do arqueólogo e professor da UFPR Igor Chmyz,²²⁹ embora Kozák tenha sido levado por Loureiro Fernandes para o Museu Paranaense e posteriormente para a UFPR, os dois mantinham um relacionamento difícil e “viviam em litígio”.

As brigas eram motivadas nos trabalhos de campo, a exemplo da ocasião em que Kozák ficou dias e dias “abraçado” aos xetás para que produzissem um machado de pedra. [...] A contenda era quase sempre a mesma: a quem pertencia o trabalho? Kozák o reivindicava para seu acervo. Fernandes para a universidade.²³⁰

Oldemar Blasi²³¹ buscou explicar a relação entre ambos afirmando que os dois tinham um “temperamento forte” e opinião própria, no entanto, quem dominava o espaço era Loureiro Fernandes, e a Kozák restava “obedecer”.

²²⁹ Igor Chmyz, arqueólogo, professor de arqueologia da Universidade Federal do Paraná. Foi estagiário voluntário do Museu Paranaense e estudante do Centro de Estudo e Pesquisa em Arqueologia (Cepa) da Universidade Federal do Paraná. Para isso, contou com a indicação de Oldemar Blasi e a mediação de José Loureiro Fernandes, fundador do Cepa. CHMYZ, Igor. Depoimentos de Arqueólogos Pioneiros. **Revista história e história**. Campinas (SP), n. 6, nov., 2007. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=arqueologia&id=11>>. Acesso em 07/12/2014.

²³⁰ FERNANDES, José Carlos. O resgate da vida de Vladimir Kozák. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 23 jun. 2012, p.8.

²³¹ BLASI, 2013.

O antropólogo era o Loureiro. Então ele seguia. Claro que a parte técnica era dele e tudo mais. O Loureiro dizia filme isto Kozák, faça isto, faça... E ele obedecia, sinceramente, ele obedecia. Brigava com o Loureiro, mas obedecia. [...] O Loureiro não conseguia sintonizar. Porque o Loureiro também, ele não era mole. Era difícil lidar com o homem não é. Ele tirava o chapéu mostrava a careca assim e batia com o chapéu. [...]

Mas continuavam fazendo trabalho juntos porque um precisava do outro na verdade.²³²

Apesar dessas dificuldades, os interesses institucionais sobrepujaram o relacionamento pessoal. E, em 1952, por influência e interesse pessoal de Loureiro Fernandes, que também era professor da Universidade, Kozák foi nomeado para a atividade remunerada de cinetécnico²³³ da Universidade do Paraná.

Acumulando ao mesmo tempo as funções de professor da FFCL e diretor do Museu Paranaense, José Loureiro Fernandes utilizou-se de suas prerrogativas, transformando a instituição em uma extensão científica da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – FFCL. Desta forma, nos laboratórios do Museu Paranaense eram realizadas aulas práticas e etnologia, arqueologia e ciências naturais. Os chefes das seções especializadas organizavam excursões de pesquisa ao interior do estado com seus alunos da FFCL.

²³² BLASI, 2013.

²³³ PARANÁ. Universidade do Paraná. **Portaria n.º 137**, de 06 de fevereiro de 1952. Museu Paranaense/SEEC-PR.

Como professor dos cursos de Ciências Sociais, História e Geografia na FFCL, José Loureiro Fernandes ministrou as cadeiras de Antropologia, Etnografia Geral e Etnografia do Brasil.²³⁴

O emprego de engenheiro mecânico na Companhia Força e Luz do Paraná garantia a sua subsistência e possibilitava que Kozák dedicasse os finais de semana e as férias ao prazer de filmar e fotografar, produzindo documentários fotográficos e cinematográficos para o Museu e para a Universidade. Nas férias ele viajava pelo interior do país, registrando aspectos da natureza, das pessoas e do fazer do povo brasileiro, cujos filmes eram posteriormente apresentados em escolas públicas e encontros culturais. Quando ele se aposentou na Força e Luz ampliou sua participação, passando a dedicar parcela maior do seu tempo a ambas as instituições.

Segundo o advogado Edilberto Trevisan, Kozák foi um idealista que, sem preocupações com o lucro, investiu na produção de seus filmes, sendo “o idealizador, roteirista, produtor, cinegrafista, diretor e editor de todos os filmes que produziu.”²³⁵ A verdade é que ele produziu filmes em uma atividade sem muito retorno financeiro. Para Blasi, “tudo era caro. E não tinha retorno. Onde ele ia vender filme?”²³⁶

E depois ele gastava muito com material. Era caro comprar filme por exemplo. Depois ele dizia: sabe quanto eu gastei com....? Sabe quanto eu gastei com estes seis rolos aí? Custou quase metade do que eu ganho. E era caro mesmo porque

²³⁴ MARANHÃO, Maria Fernanda Campelo. **Contextualizando imagens paranistas (1940-1950): o filme etnográfico de Vladimir Kozák e as Ciências Sociais no Paraná.** 2006. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História e Geografia do Paraná) – Faculdade Padre Bagozzi, Curitiba, 2006. p.24.

²³⁵ TREVISAN. *Op cit.*, p.14.

²³⁶ BLASI, 2013.

vinha tudo importado. [...] Você imagina? [...] E a revelação custava também dinheiro. Tanto é que eu paguei... quando eu tirei os filmes lá em Nova Iorque.²³⁷

Conhecendo as atividades do engenheiro, o amigo de infância que manteve diálogo com ele durante anos, o arquiteto František Faulhamer,²³⁸ quando soube que as despesas de Kozák não eram subsidiadas pela universidade, ficou muito surpreso. “Você está fazendo viagens longas e cansativas, pensei que as suas viagens fossem pagas pela universidade local (pelo papel com logo da universidade), mas você paga tudo sozinho sem nenhum apoio!”²³⁹ O arquiteto expressou a sua admiração pelo trabalho realizado, ao mesmo tempo em que demonstrou preocupação, desejando que o esforço do amigo fosse logo reconhecido: “admiro que realize viagens com dinheiro próprio e desejo que seja famoso agora, não somente depois da morte.”²⁴⁰

Na troca epistolar com Oldemar Blasi, quando este se encontrava nos Estados Unidos, observam-se indícios do supracitado idealismo, pois nela o engenheiro disse que mantinha uma reserva financeira, que lhe permitiria prosseguir nas filmagens dos índios caso ocorresse alguma dificuldade.

²³⁷ BLASI, 2013.

²³⁸ O escritor Vinek Nedbálek publicou em 1998, na Tchecoslováquia, o livro *Dopisy z Brazílie* (Cartas do Brasil) em tcheco, que trata da correspondência entre Vladimír Kozák e o amigo de infância, o arquiteto František Faulhamer, entre maio de 1961 até outubro de 1978.

²³⁹ FAULHAMER, František. **Carta para Vladimír Kozák**. Bratislava, 12 fev. 1963. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução de Martina Cermakova.

²⁴⁰ FAULHAMER, František. **Carta para Vladimír Kozák**. Bratislava, 17 dez. 1970. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução de Martina Cermakova.

Meus planos para este ano ainda são bastante confusos, devido que ainda estou tentando obter alguma carona para frente. Mas na hora tudo falhando eu pego o avião, e pago a minha passagem e meus planos ficam bem claros e definidos. Por hora ainda não sei como vou operar desta vez. Quero repetir os Bororo, pois meus filmes já chegaram, e todos os filmes são excelentes. Assim vale a pena completar este documentário. Acho que para isto tenho a coragem (dinheiro) ainda suficiente. E, para isso esta tentativa será a tal reserva, em caso de tudo falhar. Pois você sabe ahi [sic] como a coisa anda. Todos os amigos são bons, mas money não sai.²⁴¹

Como é fato eu atrasei a viagem devido que a FAB me atrapalhou e atrasou devido ao mau tempo e falta de avisos. Esta lataria deles está em mau estado e vive em reparos. Assim eu perdi o sepultamento secundário dos Bororo, no que fui devidamente convidado. Assim, devido a estas nossas misérias, falta de interesse nós apanhamos sempre. Para a minha viagem não ganhei nenhum centavo. Vai tudo do meu bolso e veja a gente toda vida fala do trabalho coletivo??²⁴²

Kozák filmou, e filmou muito. Foram inúmeros os temas de seus filmes, dos quais citamos somente alguns: As Araras, Borboletas, Orquídeas, Congada da Lapa, Cavalhadas, Fazenda Paraíso, Visita do cardeal a Curitiba, Carnaval em Paranaguá, Ilha dos Currais, Produção de café, Paraná grutas calcárias, Índios Kaigang e Índios Xetá. Eram

²⁴¹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Oldemar Blasi**. Curitiba, 13 jun. 1957. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

²⁴² KOZÁK, Vladimir. **Carta para Oldemar Blasi**. Cuiabá, 06 ago. 1957. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

filmes que não foram exibidos em escala comercial, no entanto, foram muito utilizados, conhecidos e discutidos no meio acadêmico.²⁴³

O relatório anual de 1949, de atividades da Seção de Cinema Educativo do Museu Paranaense, encaminhado por Kozák a Júlio Moreira, na ocasião Diretor do Museu, referiu-se à realização de “mais de 30 sessões cinematográficas,” que ocorreram no Seminário Seráfico de Rio Negro, Santa Casa de Misericórdia de Curitiba e outros hospitais, colégios de Curitiba, Londrina e na Universidade do Paraná. Na mesma ocasião, ele também afirmou que a limitação imposta pela falta de recursos financeiros e materiais, exigiu, inclusive, a utilização de filmes de sua “coleção particular.”²⁴⁴ Donde é possível constatar que persistiu a utilização de material de propriedade particular do engenheiro para as atividades pertinentes ao Museu.

O antropólogo Loureiro Fernandes organizava projeções para os alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para os membros do Círculo de Estudos Bandeirantes e para os colégios católicos como Santa Maria e Bom Jesus. Também eram realizadas projeções em casa de políticos, autoridades religiosas e para a equipe de pesquisadores que participava das viagens de campo.²⁴⁵

Durante sua trajetória, em mais de um momento, houve propostas para que ele mudasse do país, tanto para voltar para a Tchecoslováquia, quanto para transferir-se para o Canadá. A amiga

²⁴³ MARANHÃO. 2006b. *Op cit.*, p.34.

²⁴⁴ MUSEU PARANAENSE. Curitiba. **Relatório Anual, 1949**. Correspondências, 1949.

²⁴⁵ *Id.*

Marjory Baillon insistia para que ele fosse para o Canadá, onde ela acreditava que ele teria melhores oportunidades.²⁴⁶ Após a morte da irmã Karla, o linguista tcheco, Čestmir Loukotka, propôs seu retorno ao país de origem. Loukotka colocou-se à disposição para conversar com autoridades tchecas no intuito de solucionar qualquer possível dificuldade: “não quer voltar para casa? Eu falaria com o ministro.”²⁴⁷ Como o engenheiro simplesmente ignorou a pergunta do amigo, um ano depois, em 1961, o linguista retomou o assunto, insistindo para o seu retorno à Tchecoslováquia, apresentando algumas possibilidades para que ele pudesse se manter, como vender sua coleção de artefatos indígenas e suas pinturas²⁴⁸ e viver de rendas, ou mesmo colocar esse material à disposição do governo tcheco e usufruir dos benefícios.²⁴⁹

Mas, apesar desses insistentes convites, em diferentes ocasiões, a sua opção foi de permanecer residindo no Brasil, tendo como companhia suas coleções,²⁵⁰ correspondências, filmes e fotografias. Ele retornou à Tchecoslováquia uma única vez, em 1935,²⁵¹ para visitar os pais e a irmã. Segundo Blasi,²⁵² ele sentia falta da família, mas o regime político do país e a Segunda Guerra dificultaram o contato entre eles, pois houve períodos em que até mesmo as cartas enviadas da Tchecoslováquia eram censuradas.

²⁴⁶ Mais detalhes sobre a possibilidade de mudança para o Canadá encontra-se na discussão da correspondência de Marjory, item 3.1.2.

²⁴⁷ LOUKOTKA, Čestmir. **Carta para Vladimir Kozák**. Praga, 11 dez. 1960. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução de Ivone Vasconcelos.

²⁴⁸ Referência a coleção de artefatos indígenas de Kozák.

²⁴⁹ LOUKOTKA, Čestmir. **Carta para Vladimir Kozák**. Praga, 04 dez. 1961. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução de Ivone Vasconcelos.

²⁵⁰ Kozák manteve consigo, além da coleção de artefatos indígenas, um número expressivo de borboletas e insetos.

²⁵¹ KOZÁK, Vladimir. **Passaporte**. Museu Paranaense/SEEC-PR.

²⁵² BLASI, 2013.

[...] Aí ele fez esta viagem. Imagine, ele fez uma volta tremenda. Ele foi para os Estados Unidos, dos Estados Unidos foi para um país lá do sul da Europa, na parte mais oriental da Europa. Aí, passou por tudo isto para chegar e ver os pais. Tudo foi muito rápido também.²⁵³

Kozák morreu com 82 anos, em 1979. Vivendo só desde 1960, quando a irmã Karla faleceu, foi encontrado inconsciente sobre uma tela que estava pintando no dia 30 de dezembro de 1978, vindo a falecer alguns dias depois, deixando aproximadamente 60 mil metros de filmes coloridos (a maioria sobre os índios), sete mil fotografias, 500 livros, objetos confeccionados por índios e apreciável quantidade de pinturas, desenhos e esculturas.²⁵⁴ Tratava-se de material produzido ou adquirido durante suas viagens, anotações, quadros, livros, fotos, filmes e plumária indígena, que foi sendo reunido em casa ao longo dos anos.

Uma quantidade expressiva de sua coleção de artigos indígenas, cerca de 3.000 objetos de arte, plumária, armas, utensílios e pinturas foi comprada em 1967 pela *Glenbow Foundation* para o Museu de Calgary, Canadá, por meio de uma negociação que durou quase três anos e que envolveu, além do negócio em si, avaliações, descrição do material e autorizações para a exportação.

Outras instituições também manifestaram interesse em adquirir trabalhos de Kozák, no entanto, até o momento não foram encontrados quaisquer indícios da efetividade ou não de transação. É o caso da

²⁵³ BLASI, 2013.

²⁵⁴ Estes números referem-se a dados constantes no inventário do material quando encaminhado à Justiça.

Wenner-Gren Foundation,²⁵⁵ de Nova Iorque e do *Royal Ontario Museum*,²⁵⁶ de Toronto. A *Wenner-Gren*, que nos anos 60 estava investindo em estudos na área da Antropologia, contatou o engenheiro e buscou obter um filme sobre os índios Kuben-Krân-Krên.²⁵⁷ O Dr. Helmuth Fuchs, curador do *Royal Ontario Museum*, escreveu para Kozák consultando sobre a possibilidade de adquirir material sobre os índios Xetá.²⁵⁸

Parece que o valor do trabalho dele somente foi percebido por outros que não as instituições a que estava vinculado. Embora sua produção imagética apresentasse qualidade superior em relação aos materiais produzidos à época, o seu trabalho não foi valorizado localmente, pois em alguns momentos ele reclamou do uso indevido e da apropriação de seu material – filmes e fotografias.

²⁵⁵ A Fundação *Wenner-Gren* é uma entidade sem fins lucrativos, que tem o objetivo de apoiar a pesquisa significativa e inovadora na área da antropologia e fomentar a comunidade internacional de pesquisadores acadêmicos em antropologia. **Wenner Gren**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/?gwsrd=ssl#q=wenner+gren+foundation>>. Acesso em: 02/08/2014.

²⁵⁶ *Royal Ontario Museum* (ROM) está entre os maiores museus da história natural e culturas do mundo, localizado em Toronto, Canadá. **Royal Ontario Museum**. Disponível em: <<http://www.rom.on.ca/en>>. Acesso em: 27/8/2014.

²⁵⁷ BAXTER, David. **Carta para Vladimir Kozák**. Waltham, Massachussets, 16 jun. 1970. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

²⁵⁸ FUCHS, Helmuth. **Carta para Vladimir Kozák**. Royal Ontario Museum, Toronto, Canadá 27 nov. 1968. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

O Padre jesuíta João Alfredo Rohr,²⁵⁹ fundador do Museu do Homem do Sambaqui de Florianópolis, solicitou informações de Kozák sobre os índios Xetá e os contatos que teve, para usar como referência em uma publicação. Na mesma ocasião, o jesuíta aproveitou para reafirmar a importância das atividades desenvolvidas pelo engenheiro afirmando: “já tive o ensejo de dizer, que o Sr. deveria escrever as suas memórias e ilustrá-las com desenhos originais. Daria uma obra fabulosa, que ninguém mais poderá escrever: porque o índio acabou.”²⁶⁰

O pintor Zdenek Burian,²⁶¹ conhecendo a produção de Kozák, externou sua avaliação acerca da qualidade das fotografias do conterrâneo, acreditando na permanência do registro dessas imagens: “estou com inveja das viagens, as fotografias estão lindas, e todo mundo vai acreditar nelas até daqui cinquenta anos.” No entanto, desejando que o trabalho dele fosse, de forma efetiva, respeitado localmente, expressou

²⁵⁹ João Alfredo Rohr, “nascido em família católica descendente de imigrantes alemães do Sul do Brasil, teve toda a sua formação em casas da ordem e toda a sua carreira a serviço das mesmas. Desde cedo havia orientado seus interesses para Biologia e para o Museu [...] Depois de formado, durante anos, foi professor, diretor e construtor num colégio da província. A partir do momento em que a preservação do patrimônio cultural se tornou importante meta nacional, já sem o compromisso com aulas regulares, dedicou três décadas de sua vida à defesa, à preservação ou escavação de sítios arqueológicos.” SCHMITZ, Pedro Ignácio. Centenário de nascimento de João Alfredo Rohr s.j. e outros projetos. **Antropologia**, São Leopoldo, RS, n. 67, 2009. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/antropologia/antropologia67/apresentacao.pdf>. Acesso em: 30/9/2014.

²⁶⁰ ROHR, João Alfredo. **Carta para Vladimir Kozák**. Florianópolis, 18 out. 1967. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

²⁶¹ Zdeněk Burian František Michael (1905, *Kopřivnice*, Moravia – 1981, Praga): artista, pintor e ilustrador de livros. Ilustrou mais de 500 livros, especialmente de história natural e numerosos romances clássicos como Robinson Crusóé, Tarzan, Plutônia. Tornou-se mais conhecido fora de seu país a partir de 1950, especialmente pelo seu trabalho na área da paleontologia e da paleoantropologia.

sua preocupação comentando “espero que a Universidade do Paraná avalie o trabalho.”²⁶²

Embora a opinião positiva de instituições estrangeiras e estudiosos legitimando o trabalho desenvolvido por Kozák, localmente ele foi quase ignorado. Somente após a sua morte, em 03 de janeiro de 1979, foi reconhecido o valor do material pelo arqueólogo Oldemar Blasi e pelo advogado Edilberto Trevisan, responsáveis pelo processo judicial de inventário.

Um dos poucos reconhecimentos locais do valor das pesquisas do engenheiro, quando ainda era vivo, encontra-se registrado na escritura pública assinada pelo Dr. Paulo Júlio Fonseca Bittencourt, em novembro de 1976, que admite o “alto valor humano do Sr. Vladimir Kozák, [...] que vem dedicando parte de sua vida ao estudo de nossos silvícolas,”²⁶³ em especial ao “ÍNDIO PARANAENSE” e aos Xetá.²⁶⁴ Homenageia-o, assumindo o compromisso de garantir a assistência clínica e hospitalar para Kozák, por meio da *Golden Cross* - Cia. Internacional de Seguro Saúde, durante toda a sua vida.

Por fim, no intuito de viabilizar a compreensão do personagem, ainda que o objetivo desta pesquisa não seja discutir as viagens e a

²⁶² BURIAN, Zdenek. **Carta para Vladimir Kozák**. Praga, 28 abr. 1969. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução de Martina Cemakova.

²⁶³ BITTENCOURT, Paulo Júlio Fonseca. **Escritura Pública 5º**. Tabelaio, livro 288 N/A, fls.447. Curitiba, 11 nov. 1976. 2 p.

²⁶⁴ Os Xetá foram a última etnia do Estado do Paraná a entrar em contato com a sociedade nacional. Na década de 1940, frentes de colonização invadiram seu território, reduzindo-os drasticamente. No final dos anos 50, estavam praticamente exterminados. Em 1999 restavam apenas oito sobreviventes. Hoje, vivem dispersos nos estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo. SILVA, Carmen Lúcia da. **Povos Indígenas no Brasil**: Xetá. 1999. Disponível em: < <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xeta>>. Acesso em: 7/2/2014.

relação de Kozák com os índios, é imprescindível, em termos de contexto, observar como esses temas estão imbricados e fazem parte da vida do engenheiro.

2.2.1 As viagens e os índios

Desde a juventude o engenheiro demonstrou que sua atenção estava voltada a viagens, aventuras e aos índios, como é possível observar na já mencionada preferência pela leitura dos escritos do alemão Karl May e também do americano Edgar Rice Burroughs. A primeira incursão de Kozák a uma aldeia indígena no Brasil ocorreu em 1924, no Espírito Santo, e resultou em uma grande decepção. Esse fato foi relevante e teve repercussões, pois acabou afastando-o, temporariamente, desse ambiente; desiludido, abandonou a possibilidade de visitar outros grupos indígenas.

Seus impressões desses índios, principalmente dos remanescentes do Espírito Santo, foram as mais desfavoráveis possíveis, em face das péssimas condições em que viviam, despojados, quase que totalmente de sua cultura tradicional. Essa frustração levou-o a abandonar, por três anos, seus planos de visita a outras comunidades.²⁶⁵

Aliás, anos depois, quando ele relembrou suas escolhas, mencionou, melancolicamente, a amarga experiência no Espírito Santo:

Nos velhos tempos, em 1924, eu conheci o grupo dos Aymoré no Vale do Rio Doce, Espírito Santo. Era um grupo de Kayapós

²⁶⁵ BLASI, *Op cit.*, p.13.

com grandes discos de madeira nos lábios inferiores e nos lóbulos das orelhas. Um grupo muito legal – que veio de Minas Gerais e foram realocados em Pancas, no lago Juparanã. Depois de realocados, morreram todos.²⁶⁶

O interesse do engenheiro em pesquisar e registrar a cultura indígena somente ressurgiu em 1948,²⁶⁷ a partir de uma excursão ao Mato Grosso, próximo à fronteira do Paraguai, quando esteve entre os índios Kaiowa.²⁶⁸ “Nesta ocasião ele concluiu que a vida dessas pessoas esquecidas somente poderia ser recordada apropriadamente pelo cinema e pela fotografia, assim como pelo desenho e pintura.”²⁶⁹

Parece que a partir desse período Kozák assumiu o compromisso de registrar aspectos da cultura desses indivíduos, buscando expor e dar a conhecer sobre eles. Consciente das dificuldades e limites desta empreitada, somente abandonou-a quando a idade não lhe permitiu mais viajar. Praticamente, todos os anos, às vezes mais de uma vez ao ano, ele viajou pelo interior do país registrando imagens de diferentes grupos ou mesmo permanecendo um período entre eles:²⁷⁰ Alto Xingu, Mato Grosso, Ilha do Bananal, rio Araguaia, Pará, Montanha do

²⁶⁶ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Marjory Baillon**. Curitiba, 23 set. 1973. 5 f. Glenbow Museum, Canadá. Original em inglês, tradução nossa.

²⁶⁷ KOZÁK, Vladimir. **Vladimir Kozák por ele mesmo**. Curitiba, 27 fev. 1966. Manuscrito. Museu Paranaense/SEEC-PR.

²⁶⁸ Os Kaiowa ou Guarani Kaiowa são uma das populações indígenas de maior presença territorial no continente sul-americano. Atualmente eles vivem na região sul do Mato Grosso do Sul, nas fronteiras entre Brasil, Argentina e Paraguai. ALMEIDA, Rubem Ferreira Thomaz; MURA, Fabio. **Kaiowa**. 2003. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa>>. Acesso em: 11/6/2014.

²⁶⁹ BAXTER, David N. P. **Vladimir Kozák (1879-1979): fotógrafo, artista e etnógrafo dos índios brasileiros**, 2000. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR.

²⁷⁰ Relação de viagens de pesquisas feitas pelo próprio autor, no período de 1948 a 1966, no Apêndice.

Trovão, Rio São Lourenço (Mato Grosso), Maranhão, Tocantins e Serra dos Dourados (Paraná) foram alguns dos locais onde esteve.

Nos anos 50 e 60, Kozák realizou demoradas viagens ao interior do Paraná, Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Pará, Alto Xingu e países da América do Sul. Participou “de diversas pesquisas de campo ao interior e litoral do Paraná, registrando aspectos históricos, antropológicos e ambientais” e também empreendeu viagens por sua conta “para o norte e centro-oeste do país, onde documentou em filmes, fotografias e desenhos diversos grupos indígenas brasileiros.”²⁷¹

Quando esteve no Brasil central, entre os Karajá, em 1954, procurou produzir esculturas dos índios, modelando pequenos bustos de argila, mas dificuldades com a matéria-prima obrigaram-no a desistir dessa atividade. Nessa ocasião, descreveu alguns dos problemas que surgiam nas viagens, como calor excessivo e falta de comida, no entanto, sua principal preocupação na maioria das vezes esteve voltada à possibilidade de perda de material.

Talvez dessa vez meus filmes sejam arruinados ou perdidos, minhas pinturas destruídas; e, como fiz cerca de 20 aquarelas dos rostos desses índios, posso até prever uma perda total dessas pinturas, mas o resto ainda veremos. Dos Karajá, fiz meia dúzia de cabeças de argila, agora, dos KubenKranKein [sic] pinteí rostos em aquarela. Veja, uma verdadeira caça a cabeças, no que concerne à minha cabeça, ela permanece firme sobre meus ombros – enquanto eu falo – logo veremos o resto da história.²⁷²

²⁷¹ BAXTER. *Op cit.*

²⁷² KOZÁK, Vladimir. **Carta para Marjory Baillon**. Pará, 20 set. 1954. 4 f. Glenbow Museum, Canadá. Original em inglês, tradução nossa.



FIGURA 3 - ÍNDIA KARAJÁ
KOZÁK, Vladimir. [1954 ou 1955]. Acervo
Museu Paranaense/ SEEC-PR.

Em 1957, estive em viagem pela região central do Mato Grosso, rio São Lourenço, buscando registrar os Bororo.²⁷³ No período entre

²⁷³ Bororo na língua nativa significa “pátio da aldeia”, uma referência à disposição circular das casas, fazendo do pátio o centro da aldeia e espaço ritual. Caracterizam-se pela sua “complexa organização social e pela riqueza de sua vida cerimonial”. Originalmente seu território atingia o oeste da Bolívia; “o centro sul de Goiás, ao leste; as margens da região dos formadores do Rio Xingu, ao norte; e, ao sul, chegava até as proximidades do Rio Miranda.” Atualmente têm “direito a um território descontínuo e descaracterizado, que corresponde a uma área 300 vezes menor que o território tradicional”, são seis Terras Indígenas demarcadas no Estado do Mato Grosso. **Bororo**. SERPA, Paulo. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/bororo/240>>. Acesso em: 3/2/2012.

1956 e 1961, Kozák esteve na Serra dos Dourados,²⁷⁴ noroeste do Paraná, onde filmou e fotografou os índios Xetá e aspectos de sua cultura, como preparo de alimentos, confecção de utensílios e rituais. “Até 1974, Kozák empreendeu cerca de 20 visitas aos Xetá, primeiro na floresta e mais tarde nas fazendas e nas cidades onde os poucos sobreviventes tinham se refugiado.”²⁷⁵ Parcela desse material foi produzido para as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas por Loureiro Fernandes desde 1955.

A exibição destes filmes em congressos científicos no Brasil e no exterior trouxe grande notoriedade para Loureiro Fernandes. Em 1960 o próprio Loureiro produziu documentário sonorizado de 40 minutos a partir dos filmes de Kozák. Com o título “Os Xetá na Serra dos Dourados”, este documentário foi editado na França, pelo Museu do Homem em Paris.²⁷⁶

Kozák realizou uma empreitada solitária, que consumiu anos de estudo e pesquisa etnográfica, a um alto custo financeiro, com um mínimo de retorno. Escrevendo ao amigo de infância o arquiteto František Faulhamer avaliou: “26.6.1961 – [...] Cada ida aos índios me custava mais do que duas viagens à Europa.”²⁷⁷ No entanto, apesar desses comentários, ele se dedicou, com avidez e persistência, à difícil

²⁷⁴ A Serra dos Dourados localiza-se no município de Umuarama, Paraná.

²⁷⁵ CARNEIRO, Robert. Introdução. In: Os índios Hetá: Peixe em Lagoa Seca. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, 1981.v. 38. p.15.

²⁷⁶ MARANHÃO. 2006b. *Op cit.*, p.49.

²⁷⁷ Comemorando o 80º aniversário de Vladimir Kozák. (*Kosmadesátinám Vladimira Kozáka*). **Jornal de Bystrice ped Hestýmem**, Bystrice ped Hestýmem, República Tcheca, 1977, p.29-31. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução de Ivone Vasconcelos.

tarefa de registrar os índios brasileiros, fazendo algo que lhe dava imenso prazer, pois entre os índios ele realmente se sentia à vontade e feliz. O professor Blasi afirmou: “eu sei o que ele me contou, ele me disse: os meus amigos índios, eu gosto de estar mais com eles do que aqui em Curitiba. Ele adorava os índios. Nas fotos você vê que ele está risonho, está alegre. Depois ele dançava com eles. Ele colocava cocar.”²⁷⁸

Também o empresário Tirone Hurt,²⁷⁹ que conheceu e conviveu com Kozák, afirma que ele gostava de estar entre os índios. “A vida dele era lá. Ele ia para onde estavam os índios, se vestia, comia com eles, fazia tudo como eles. Adorava. Gostava mesmo. Acho que porque eram simples como ele.”²⁸⁰

O colega de trabalho na Universidade, o arqueólogo Igor Chmyz²⁸¹ lamentou o fato de que Kozák nunca ter obtido ajuda oficial para suas viagens ou pesquisas, ele produzia de acordo com as suas possibilidades financeiras. E, reiterando o que outros já afirmaram, ele tinha um modo especial de tratar com os índios, respeitava-os e já nos primeiros contatos deixava de ser um estranho, tornando-se benquista e circulando livremente entre eles.

²⁷⁸ BLASI, 2013.

²⁷⁹ HURT, Tirone. **Entrevista sobre Vladimir Kozák**. Curitiba, 2 nov. 2013. Entrevista concedida a Rosalice Carriel Benetti e à antropóloga Ms. Maria Fernanda Campelo Maranhão.

Tirone Hurt, nasceu em 22 de fevereiro de 1941, em Teixeira Soares, Paraná, filho de imigrantes austríacos. Em 1956 mudou-se para Curitiba onde trabalhou como vitrinista. Especializou-se em montar stands para feiras, e acabou criando sua própria empresa. Conheceu Vladimir Kozák quando trabalhava como vitrinista da Ótica Boa Vista. Hurt frequentou a residência do engenheiro e foi, durante muitos anos, a pessoa responsável por emoldurar os seus quadros e fotografias.

²⁸⁰ HURT, 2013.

²⁸¹ TROMBINI FILHO, Wladimir Olympio et al. **Vladimir Kozák**. Curitiba: Mercambo, 1984. p.73

Parece que ele não media esforços para estar entre os índios, enfrentando sem dificuldades e com grande capacidade de improvisação as condições mais adversas. Para Blasi, “ele era um exímio entendedor de campo que sabia se virar”,²⁸² conforme descreve o ocorrido em uma viagem de pesquisa pelo rio Paraná.

Uma ocasião nós estávamos descendo, o rio Paraná: o barqueiro, ele e eu. E veio um toró, eram três horas da tarde e veio um toró terrível. Nós encostamos o barco sem almoçar, aí ele começou a tirar coisas: tirou leite, tirou bolacha, tirou maçã que a irmã dele fazia e ele também aprendeu. Maçã desidratada, pera desidratada e mais uma fruta que não me lembro qual é, desidratada. Tudo isso ele pôs em uma panela de alumínio que ele abria assim. Cem por cento material de guerra. Fizeram fogo e ele botou água. Fez uma sopa e aquilo com a bolacha foi o nosso almoço. Quer dizer ele improvisou. Isto é um conhecimento fantástico dele, de sobrevivência na selva.²⁸³

²⁸² BLASI, 2013.

²⁸³ BLASI, 2013.



FIGURA 4 - KOZÁK ENTRE OS KAYAPÓ

Acervo Vladimir Kozák. [1954 ou 1955]. Acervo Museu Paranaense/SEEC-PR.

Chmyz²⁸⁴ disse que aprendeu com Kozák “técnicas inimagináveis” para o trabalho no campo, como a impermeabilização de barracas e o preparo de alimentos saudáveis desidratados, que o sustentavam nas viagens pelo sertão do Brasil – um produto composto de farinha de biju e ovos postos a secar ao sol, que era hermeticamente acondicionado em latas, que Kozák acabava dividindo ou mesmo dando aos índios, diante de sua manifesta preocupação com as precárias condições em que eles viviam. Como resultado, “perdia vários quilos a cada viagem”.²⁸⁵

Essas viagens, além de disponibilidade financeira, exigiam preparo físico excepcional, pois Kozák costumava carregar uma carga de 80 quilos às costas, em equipamentos de filmagem e alimentos.

²⁸⁴ TROMBINI FILHO. *Op cit.*, p.73.

²⁸⁵ TROMBINI FILHO. *Op cit.*, p.74.

E, finalmente, uma questão que permite as mais diversas elucubrações, já que não foi localizada nenhuma explicação, além do contido no documento oficial do Museu: durante anos Kozák fez parte do Conselho Administrativo do Museu Paranaense, no entanto, quando em 1963, foi convocado para exercer a função de diretor do Museu ele recusou, alegando “motivos particulares”.²⁸⁶

2.3 A PRODUÇÃO DE VLADIMIR KOZÁK

Kozák registrou suas viagens com detalhes nos filmes, fotografias e algumas anotações em diários de campo, no entanto não se preocupou com questões mais acadêmicas ou científicas. No que diz respeito à produção de imagens, ele foi um perfeccionista, sempre atento às possibilidades tecnológicas e novidades do filme e da fotografia. Ele escreveu sobre suas viagens e os grupos indígenas por meio das imagens que produziu, o suporte audiovisual era sua linguagem. A história e o ambiente de cada grupo visitado foram contados e recontados inúmeras vezes pelas imagens de suas câmeras.

Foi um observador que documentou com talento, usando sua câmera, os costumes e as crenças de alguns grupos indígenas brasileiros. Além de contribuir para a Antropologia Visual como cinematografista, fotógrafo e desenhista, seus relatos têm muito valor [...].²⁸⁷

²⁸⁶ MUSEU PARANAENSE. Curitiba. **Ofício n.º 9/63 expedido no dia 11 fev. 1963.** Correspondências de 1963.

²⁸⁷ HELM, Cecília Maria Vieira. A contribuição de Kozák acerca dos ritos funerários dos índios Bororo. In: **Arquivos do Museu Paranaense**, Curitiba: Museu Paranaense/Biblioteca Pública do Paraná, 1983. p.18. Nova Série. Etnologia, 3.

No entanto, o registro escrito destas experiências não despertou seu interesse; ele não escreveu tanto quanto filmou e fotografou. Amigos sugeriam que ele escrevesse sobre os locais e as culturas que conheceu, e a sua resposta foi dada prioritariamente pelas imagens. Desde que chegou ao Brasil, em 1924, observou que a escrita era insuficiente para descrever a beleza da natureza local, percebia a caneta como um “elemento fraco demais”²⁸⁸ para narrar. Em 1958, o americano Harry Bernard Wright,²⁸⁹ ao receber algumas das fotos enviadas por Kozák, propôs que ele escrevesse sobre suas viagens e aventuras entre os índios.

Fiquei muito feliz em receber suas cartas e fotografias, as quais eu achei excelentes e interessantes. Eu creio que se você escrevesse uma história sobre esses índios e tudo, [...] muitas coisas interessantes em relação às suas experiências com eles, você tem os ingredientes de uma história.²⁹⁰ [...]

Em 1968, a amiga retratista Gene Woiski²⁹¹ buscou estimular a escrita dele afirmando: “Você é um artista – você escreve muito bem.

²⁸⁸ KOZÁK, Vladimir. **Diário** 1924/1928. 77 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

²⁸⁹ Harry Bernard Wright, dentista de Filadélfia, viajante apaixonado e cineasta amador. Fez filmes em 16 mm. em vários países da América Latina, oeste da África e Nova Guiné. Foi membro do Clube do Explorador de Nova Iorque, escreveu um livro baseado em suas viagens. **Harry Bernard Wright**. Disponível em: <https://archive.org/details/UPMAA_films>. Acesso em: 28/7/2014.

²⁹⁰ WRIGHT, Harry Bernard. **Carta para Vladimir Kozák**. Philadelphia, PA, 04 maio 1958. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

²⁹¹ Gene Woiski manteve uma correspondência regular com Kozák de 1967 a 1974. Ela foi ilustradora, retratista e decoradora. Casada com pintor e escultor João Woiski, o casal teve “importante atuação no meio cultural de Curitiba até a década de 1950, quando então transferem-se para São Paulo.” ARAUJO, Adalice Maria de. **Dicionário das Artes Plásticas no Paraná**. Curitiba: Edição do Autor, 2006. p.57, v.1.

Você poderia escrever na sua própria língua e traduzir!”²⁹² Alguns anos mais tarde ela retornou ao mesmo assunto, dessa vez, com algum cuidado no uso das palavras, sugerindo: “Você gostaria de aceitar uma sugestão? Por que não escreve sobre a maravilhosa e excitante aventura de sua vida? Escreva na sua própria língua, pode ser traduzido. Isto poderia valer a pena.”²⁹³

O amigo de infância, o arquiteto František Faulhamer, também insistia para que Kozák escrevesse afirmando: “só tem valor para a história aquilo que fica registrado, escrito. Vivência e conhecimentos não registrados, com a morte caem no esquecimento. Pense nisto e procure um tempo dentro de seus momentos de folga e passe para o papel os seus conhecimentos.”²⁹⁴ Aproximadamente um ano depois desse comentário retomou ao mesmo tema, contando que leu parte das cartas de Kozák para um conhecido que avaliou positivamente a escrita dele e concluiu: “Kozák tem talento literário, devia publicar suas memórias.”²⁹⁵

Assim, anos mais tarde, quando soube que ele começou a escrever sobre os índios Xetá, Faulhamer demonstrou sua satisfação com a atitude do amigo, apoiando-o e estimulando-o a superar as possíveis dificuldades.

Estou satisfeito por saber que você começou a escrever um estudo sobre os índios brasileiros da tribo Xetá. Não se preocupe

²⁹² WOISKI, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 02 ago. 1968. 6 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

²⁹³ WOISKI, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 15 dez. 1973. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

²⁹⁴ FAULHAMER, František. **Carta para Vladimir Kozák**. Bratislava, 14 fev. 1962. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução de Ivone Vasconcelos.

²⁹⁵ FAULHAMER, František. **Carta para Vladimir Kozák**. Bratislava, 12 fev. 1963. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução de Martina Cemakova.

por estar dolorido de tanto permanecer sentado, escrevendo. Você está fazendo um trabalho de grande mérito e isto é o principal. Vejo-o sentado à lareira, com o fogo crepitando e você escrevendo suas memórias sobre sua convivência com eles.²⁹⁶

Mas, a despeito das sugestões de diversos amigos que reiteravam o pedido para que ele escrevesse mais, de modo a tornar conhecido seu trabalho, ainda assim ele resistiu, mantendo a sua preferência pelo registro imagético, apontando nomes de referência em diferentes áreas do conhecimento naquele momento, com a justificativa de que cada imagem valia mais que mil palavras.

[...] Posso atribuir isso à minha convicção pessoal que é a seguinte: uma boa fotografia vale mais que mil palavras, e uma boa sequência filmada tem o valor de dez mil palavras. Essa opinião não é só minha. Seu valor tem sido demonstrado por grandes etnógrafos, pesquisadores e artistas da indústria cinematográfica, tais como Robert Flaherty, Armand Denis, Martin Johnson, Walt Disney, Herald Schultz e muitos outros que valorizam o trabalho documentário visual.²⁹⁷

Embora se expressando desse modo, a ação e a declaração de Kozák se apresentam contraditórias, pois o inventário de sua correspondência revela um escritor profícuo. “Escrever cartas exige tempo, reflexão e disciplina, pois é uma forma de compartilhar vivências mais pessoais, íntimas e até mundanas.”²⁹⁸ O expressivo número de cartas e

²⁹⁶ FAULHAMER, František. **Carta para Vladimir Kozák**. Bratislava, 17 maio 19--. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução de Ivone Vasconcelos.

²⁹⁷ KOZÁK, Vladimir. **A história dos Xetá**. 64 p. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR.

²⁹⁸ BASTOS; CUNHA e MIGNOT. *Op cit.*, p.5.

correspondentes no seu arquivo indica que, possivelmente, ele manteve o hábito de escrever diariamente. O que se observa nele é que publicou relativamente pouco, embora tenha escrito muito. O desinteresse ou despreocupação com a produção escrita revela-se em textos de formato mais acadêmicos, pois ele publicou alguns ensaios sobre a atividade de fotografar no PSA – *Photographic Society of America* – Journal, como “*Filming under difficulties*”²⁹⁹ em novembro de 1951, além de quatro outros artigos.

Em setembro de 1947, a revista “Em Marcha” publicou o texto “A Gruta da Fada”, em que é descrita uma excursão com amigos e o “descobrimento de uma formação de estalactites e estalagmites”³⁰⁰ na caverna da região de Campinhos, atualmente Parque Regional de Campinhos, Paraná.³⁰¹ Nesse relato, também foram feitas algumas considerações sobre a experiência de fotografar o interior da gruta sob a luz de lâmpões.

²⁹⁹ KOZÁK, Vladimír. **Filming under difficulties**. 14 p. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR.

³⁰⁰ TREVISAN. *Op cit.*, p.24.

³⁰¹ O Parque Estadual de Campinhos está localizado na região montanhosa do Açungui, primeiro planalto paranaense, a 65 km de Curitiba, no município de Tunas do Paraná. O conjunto dos Jesuítas é formado por quatro cavernas: Gruta das Fadas, Portal Encantado, Abismo das Fadas e Gruta dos Jesuítas. A região apresenta alta concentração de cavernas e feições de relevo calcário. Suas galerias são ricamente ornamentadas por espeleotemas (formações calcárias), como estalactites, estalagmites, colunas e grandes cortinas. **CAMPINHOS**. Disponível em: <<http://www.iap.pr.gov.br/modules/ucps/aviso.php?codigo=41>>. Acesso em: 13/12/2013.



FIGURA 5 - INTERIOR DA GRUTA DAS FADAS

KOZÁK, Vladimir. 194-. Acervo Museu Paranaense/SEEC-PR.

Esse passeio, realizado em 1940, foi lembrado alguns anos depois pela amiga Marjory Baillon, com o significado de um dia especial, ou seja, “o dia mais feliz de minha vida.” Analisando o conjunto da correspondência entre ambos, é possível interpretar estas palavras como o marco do início de uma relação de amizade que perdurou por aproximadamente quarenta anos.

O dia mais feliz da minha vida foi 15 de novembro de 1940 quando Peon, Keneth e eu, fomos à Gruta da Fada [sic]. Em toda minha vida se eu pudesse repetir um dia teria sido este. Você lembra-se dele, eu desejaria que sim. Nós deixamos Curitiba cedo e fomos em direção à Serra, quando belas e delicadas cores começaram a aparecer no céu. Então quando

o dia nasceu, nós gastamos horas na caverna, comendo maravilhosas laranjas.³⁰²

Mr. Kozák e Mr. Peon estavam ocupados colocando as lâmpadas procurando o melhor efeito para suas fotografias. [...] Quando a última lâmpada foi colocada, brilhando diante de seu recanto escondido, nós estávamos no país das fadas e olhamos algo que ninguém tinha visto antes de nós [...].³⁰³

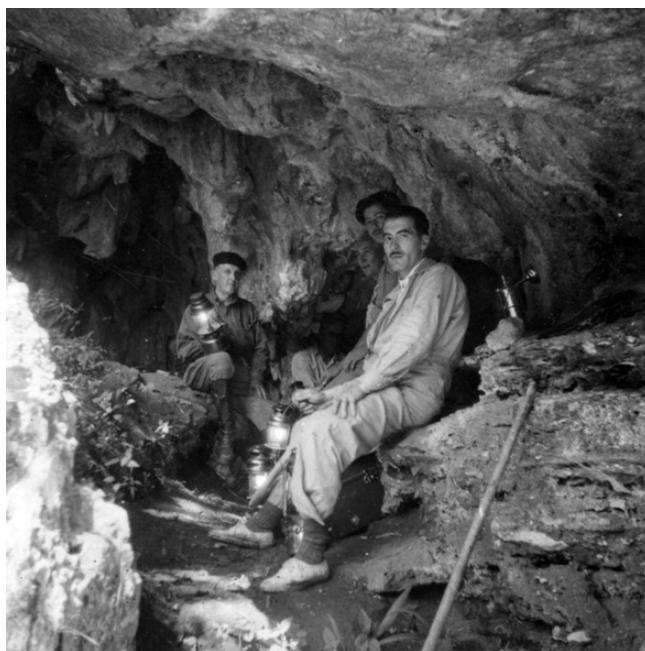


FIGURA 6 - EXCURSÃO À GRUTA DAS FADAS
KOZÁK, Vladimír. 194-. Acervo Museu Paranaense/SEEC-PR.

³⁰² BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimír Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 16 out. 1952. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

³⁰³ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimír Kozák**. [?], [19--]. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

Os seus demais trabalhos escritos referem-se aos índios e foram publicados no exterior, em inglês. Em janeiro de 1963 foi publicado *Ritual of a Bororo Funeral*, com muitas fotos, na revista *Natural History*, do American Museum of *Natural History* de Nova Iorque. Vinte anos depois, quando Kozák já havia falecido, esse texto foi traduzido e publicado, com autorização do *American Museum*, nos Arquivos do Museu Paranaense/Nova Série.

Em 1968, a *Glenbow Art Gallery*, de Alberta, Canadá, publicou *Portraits of Brazilian Indians*, um catálogo de 27 páginas descrevendo o trabalho desenvolvido por Kozák com imagens de índios brasileiros.

Esta exibição de retratos de Índios Brasileiros por Vladimir Kozák apresenta um assunto exclusivo. Essas pinturas são os principais documentos de índios brasileiros e servem a cientistas interessados nesta área e nestas pessoas. Porém não deve ser negligenciado que estas pinturas são trabalhos de arte. Kozák é um artesão e artista qualificado trabalhando com pastel, óleo e aquarela.³⁰⁴

³⁰⁴ RENDER, Lorne E. Introdução. In: BAXTER, David, N.P. **Portraits of Brazilian Indians by Vladimir Kozák**. Glenbow Art Gallery, Calgary, Alberta, 1968. Original em inglês, tradução nossa.

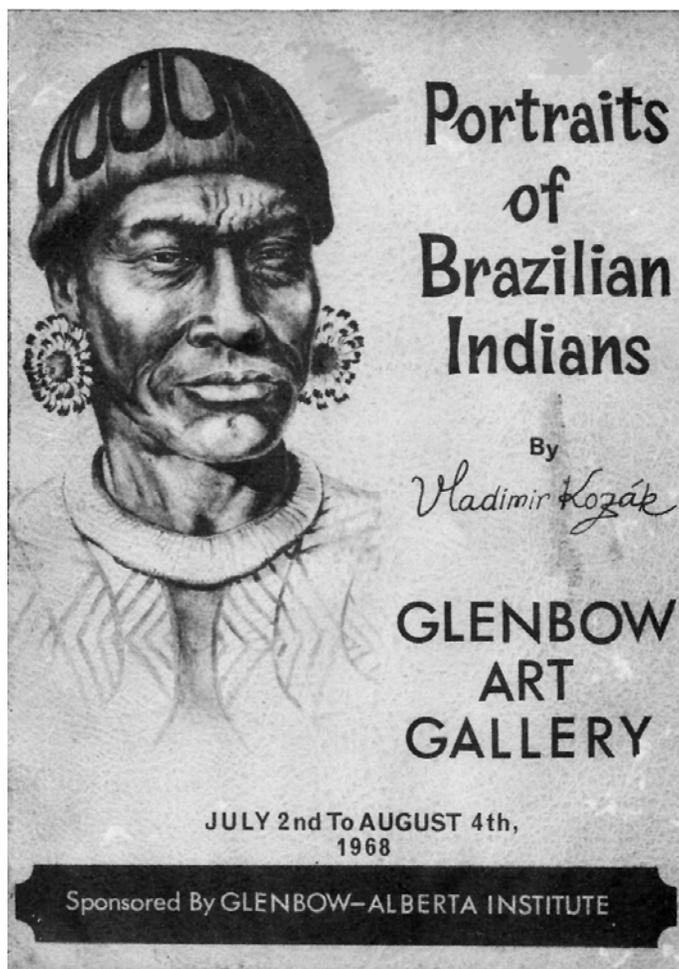


FIGURA 7- CATÁLOGO Acervo Museu Paranaense/SEEC-PR.

Em outubro de 1972, foi publicado seu artigo sobre a manufatura de um machado de pedra pelos índios Xetá, *Stone Age revised*, em colaboração com o antropólogo Robert L. Carneiro, na revista *Natural History* do *American Museum of Natural History* de Nova Iorque.

O ensaio *The Hetá American Indians: fish in a dry Pond*, de Vladimir Kozák et al., publicado pelo *Museum of Natural History* de Nova Iorque, encontrava-se no prelo quando o autor faleceu; foi

traduzido e editado no Brasil pelo Instituto Histórico e Geográfico e Etnográfico Paranaense, em 1981, com o título “Os índios Hetá: peixe em lagoa seca.”³⁰⁵

2.3.1 A paixão por fotografar e filmar

Analisando com atenção o diário de Kozák é possível apreender que o seu interesse pela fotografia e os procedimentos para obter imagens de qualidade são anteriores à sua chegada ao país. Em 1924, durante a viagem da Europa para o Brasil, ele já utilizava máquina fotográfica para registrar suas impressões, bem como possuía conhecimento na área, demonstrando preocupação com as possibilidades de registro de paisagens e as dificuldades para revelar o material: “Domingo à noite tentei revelar as chapas que achei boas, mas devido ao calor, ao lavar a gelatina diluiu e, neste caso aprendi. Uma experiência destas vale a pena, pois perdi três chapas de Cabo Verde e da baía da Ilha da Madeira.”³⁰⁶

Desde que chegou ao Brasil ficou muito entusiasmado com as possibilidades de fotografar, observando atentamente a beleza da natureza local. Foi difícil para ele compreender que as pessoas não estavam interessadas em registrar imagens que considerava tão surpreendentemente belas, até mesmo porque, conforme ele contou, na Europa precisava aguardar dias para que surgisse uma oportunidade que valesse a pena fotografar.

³⁰⁵ KOZÁK, Vladimir; BAXTER, David; WILLIAMSON, Laila; CARNEIRO, Robert L. Os índios Hetá: Peixe em Lagoa Seca. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**, Curitiba, 1981. v. 38.

³⁰⁶ KOZÁK, Vladimir. **Diário** 1924/1928. 77 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

Minhas fotos vão indo bem, pois tem tanta beleza natural aqui, que até um cego tiraria fotos boas. Principalmente as formas das nuvens que mudam diariamente e são belíssimas. Lembro bem, que na Europa fiquei esperando dias uma nuvem pitoresca. E, quando estava ao meu alcance não tinha material pronto à disposição. Aqui tem tantas e ninguém liga.³⁰⁷

Em suas anotações, há passagens em que ele expressa admiração e interesse pela natureza e as cores locais, descrevendo em detalhes os fenômenos e suas transformações. No entanto, apesar da observação deste comportamento e o registro de sua frustração pelo desinteresse local de detalhes das paisagens brasileiras, creio ser precipitado estabelecer um paralelo com os escritos de viajantes, exploradores e naturalistas do século XIX sem uma análise mais detalhada, já que as circunstâncias, o tempo e os interesses são diversos. De acordo com Karen Lisboa, que analisa as narrativas produzidas pelos viajantes naturalistas do século XIX, a literatura de viagem consiste em “invenção discursiva e de práticas visando à reiteração das relações desiguais de dominação entre o Novo e o Velho Mundo, nas quais se omite o quanto a ‘periferia’ marca indelevelmente os centros.”³⁰⁸

Valéria Lima³⁰⁹ afirma que, de modo geral, as narrativas das experiências dos viajantes do século XIX eram “pouco objetivas e

³⁰⁷ KOZÁK, Vladimír. 03 jul.1924. **Diário** 1924/1928. 77 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

³⁰⁸ LISBOA, Karen Macknow. O Brasil dos naturalistas Spix e Martius: taxonomia e sentimento. **Acervo**. Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p.179-193, jan/jun 2009. Disponível em: <<http://www.revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/77>>. Acesso em: 10/11/2014.

³⁰⁹ LIMA, Valéria. **J. B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

bastante superficiais,”³¹⁰ pois “salvo algumas exceções, a maioria dos viajantes permanecia por muito pouco tempo nos locais visitados.”³¹¹

O contexto de Kozák é diferente, já que ele chegou ao país com o objetivo de se estabelecer, buscava conhecer e registrar em profundidade o país e sua cultura, bem como não há nele demonstrações de avaliação de potenciais econômicos quando escreve sobre suas viagens.

[...] nos escritos desses forasteiros estão sendo avaliadas as potencialidades econômicas, sociais e naturais do país. Em jogo estão a conquista, a ampliação e a manutenção de novos mercados e a coleta de amostras da natureza. Daí uma das razões da variedade temática que caracteriza a literatura de viagem. De comerciantes, aventureiros, diplomatas, artistas a mercenários, todos estudavam com maior ou menor afinco, a fauna e a flora, os recursos naturais; observavam a vida social, tanto rural como urbana; investigavam as relações de trabalho, de produção, a economia e as questões escravistas e indígenas. E, dependendo dos objetivos da viagem, a ênfase nos assuntos é diferente.³¹²

Alguns dias após essa primeira observação sobre a beleza local, comentou sobre paisagens que poderiam ser facilmente fotografadas, demonstrando o quanto se encontrava extasiado com tudo o que observava na natureza: cores e formatos das nuvens e do céu, os raios do sol, o mar, a água e o arco-íris.

³¹⁰ *Ibid.*, p.34.

³¹¹ *Id.*

³¹² LISBOA, Karen Macknow. Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX. In: MOTA, Carlos Guilherme. **Viagem incompleta**. A experiência brasileira (1500-2000). São Paulo: Editora Senac, 2000. p.268.

O primeiro raio do sol rompe as nuvens que mudam de cor para púrpura, vermelho e rosado. Reflexos de beleza invulgar possível de assistir só no mar onde a água misturada com arco-íris deixam a pessoa sonhando. Ligeiro procuramos outro lugar, pois o sol escondeu-se atrás do nosso vizinho. Mas chegamos tarde para fotografar, pois os raios em abundância agora passam como prata derramada pelo céu. Nuvens baixas clareiam e o quadro da aurora bonita fica só no pensamento.³¹³

A paixão por fotografar acompanhou a vida de Kozák. Desde que descobriu a fotografia, incorporou-a a sua rotina e fotografar tornou-se um exercício contínuo e ininterrupto. A fotografia foi a sua linguagem e o seu modo de se expressar, por meio dela expôs seus sentimentos em relação aos grupos indígenas e registrou suas atividades, as paisagens e o folclore brasileiro, entre outros temas. Até o momento, em levantamento que está sendo realizado no Museu Paranaense, constam identificadas aproximadamente 15.000 imagens³¹⁴ entre fotos em preto e branco, diapositivo e *autochrome*.

A produção fílmica de Kozák exige um comentário à parte, pois filmar para ele foi uma empreitada pessoal. Ele trabalhou sozinho, exercendo o papel de “idealizador, roteirista, produtor, cinegrafista, diretor e editor de todos os filmes que produziu.” Após filmar um determinado tema previamente escolhido, o material era encaminhado para revelação nos Estados Unidos (sem previsão de tempo, um ou

³¹³ KOZÁK, Vladimír. 27 jul. 1924. **Diário** 1924/1928. 77f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

³¹⁴ Número fornecido pelo Museu Paranaense relativo a levantamento feito em jul. 2014.

seis meses), que no retorno era colocado “em improvisada mesa de corte” para ser editado com “narração, com título e letreiros.”³¹⁵

Trevisan refere-se ao trabalho de edição de filmes em uma mesa improvisada, assunto que exige uma breve explicação de detalhes que envolviam esta produção e o resultado final. O empresário Tirone Hurt,³¹⁶ que fez muitas molduras para pinturas e fotografias do autor, descreve-o como um “perfeccionista”. O engenheiro sabia, exatamente, em detalhes, o que desejava; quando ele apresentava um trabalho a ser feito estabelecia precisamente os parâmetros. Hurt, pela sua habilidade em trabalhos de marcenaria, participou, auxiliando na montagem de alguns filmes produzidos e editados por Kozák, ajudando a criar objetos para a animação. Na época, era impensável a computação gráfica que conhecemos atualmente, assim, para a montagem de filmes, como, por exemplo, as Cavalhadas, era necessário fazer a animação quadro a quadro.

Kozák tinha um equipamento de primeira linha de filmagem. [...] Ele fazia a animação das filmagens. Fazia o tabuleiro, as cavalhadas. Filmando quadro a quadro e fazia as animações. Como não existia a computação gráfica ele fazia os tabuleiros, os bonequinhos, os cavaleiros. Filmava, movimentava. Um trabalho paciente. Você vendo o filme hoje nem parece que era feito tão rudimentarmente. Eu ajudava ele na parte que me cabia, na parte de marcenaria. Eu ia lá e fazia os tabuleiros. [...] Ele dizia o material que precisava, dava a medida

³¹⁵ *Ibid.*, p.13.

³¹⁶ HURT, 2013.

precisa, tudo, tudo. Não podia sair do contexto. Ele fornecia o desenho e as medidas. E ele mesmo desenhava as figurinhas. Fazia em cartolina, fazia como era a Cavalhada, tudo detalhado.³¹⁷

Justificando tratar-se de um levantamento preliminar, passível de reavaliação, Trevisan³¹⁸ relacionou a produção fílmica de Kozák, classificando-os de filmes documentários, porque, segundo ele, havia preocupação do autor com a narrativa, produzida a partir de um roteiro minucioso e didático; dividiu em quatro categorias de filmes documentários: de etnologia, de natureza científica, de viagens, sobre tradições folclóricas. Para ele, trata-se de, aproximadamente, 50 horas de projeção em filmes de 16 mm, sendo dezenove filmes documentários de etnologia, quinze filmes documentários de natureza científica, vinte e três documentários de viagens e dois sobre tradições folclóricas.

³¹⁷ HURT, 2013.

³¹⁸ TREVISAN. *Op cit.*, p.16-20.



FIGURA 8 - VLADIMIR KOZÁK FILMANDO

Vladimir Kozák. 19---. Acervo Museu Paranaense/SEEC-PR.

No entanto, esse mesmo autor esclarece que não é seguro afirmar estes números porque há os filmes que foram “incorporados às cinematecas de Museus e Universidades do Brasil” e do exterior; e que, possivelmente, nem registram a verdadeira autoria.³¹⁹ Analisando com atenção as anotações em papéis avulsos, ou blocos de notas do acervo, é possível verificar que há fundamento nessa afirmativa de Trevisan, pois dentre os diversos apontamentos de Kozák há dois manuscritos em que consta a anotação que os filmes estão “prontos”. O primeiro, de 1952, traz uma

³¹⁹ *Ibid.*, p.16.

relação de filmes produzidos para o Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná com a data de conclusão ao lado:

1. Cenas da vida dos Kainkangue [sic] do Toldo das Lontras, Palmas, Paraná. Pronto em 30 abr. 1952;
2. Preparando serigóia [sic] para a colheita de pinhas. Pronto;
3. A colheita de pinhas / escalando com serigóia [sic];
4. Sepultamento de um pequeno índio (vitimado em 1951) pela queda de uma pinha sobre sua cabeça. Pronto em 30 abr. 1952;
5. O caixão já é preparado com a tradição sertaneja. Pronto em 1º maio 1952;
6. O cemitério índio jaz (escondido nos pinheirais) no alto de uma pequena serra. Pronto em 1º maio 1952.³²⁰

O segundo manuscrito contém a indicação de onze filmes curtos produzidos para o Museu Paranaense até julho de 1950 e mais uma relação por fazer: “3700 pés prontos, para fazer 1300. Em, 06 jul. 1950.”³²¹

É necessário observar a existência de “uns poucos rolos que ainda estavam sendo remanejados por Kozák, pouco antes de seu falecimento. Por exemplo, o filme de um enterro em Curitiba, pelos idos [dos anos] 30.”³²² Como pesquisador incansável, em suas anotações ele deixou relacionados pelo menos 24 temas,³²³ os quais ainda gostaria de filmar.

³²⁰ KOZÁK, Vladimir. **Papéis**. Museu Paranaense/SEEC-PR.

³²¹ KOZÁK, Vladimir. **Papéis**. Museu Paranaense/SEEC-PR.

³²² TREVISAN. *Op cit.*, p.20.

³²³ KOZÁK, Vladimir. **Papéis**. Museu Paranaense/SEEC-PR.

1. A pescaria no litoral e a vida dos pescadores; 2. A importância da mandioca para os pioneiros; 3. O milho e sua utilidade; 4. Palmito e seu aproveitamento em construção; 5. O bambu e seu aproveitamento na construção de ranchos e objetos de utilidade; 6. Derrubada, desmatamento e queimada; 7. O cipó e sua utilidade primitiva na construção de cercas; 8. Construção de casas e abrigos primitivos no mato – ranchos e galinheiros; 9. Monjolos e sua utilidade; 10. Roda d’água; 11. Pinguelas; 12. Transportes em animais, carretas, braçais, bruacas. 13. Erva mate; 14. Carvão vegetal e seu uso; 15. O café no litoral e seu uso; 16. Imbaúba, bambu, aquedutos, etc.; 17. Cestaria, bruacas, chapéus de bambu, cipó e palha, balaios; 18. Olarias na floresta; 19. Serrarias hidráulicas e a vapor no mato; 20. Festas e vida do povo no litoral e no interior; 21. Batizado, casamento, enterro; 22. Santuários e capelinhas, adorações, ritos e superstições; 23. Trabalhos em madeira e em barro, de uso doméstico: pilões, gamelas, colheres, pratos, tigelas, aproveitamento de cascas de frutas para conchas e canecas; 24. Animais domésticos: porcos, cabras, burros, cavalos, vacas, galinhas, perus, cachorros, gatos, etc., pássaros de estimação.³²⁴

Segundo Trevisan, é “impossível registrar suas experiências de cinegrafista free-lancer, trabalhando sozinho, amalhando pequenos sucessos através de fracassos desanimadores.”³²⁵

Dois de seus filmes documentários foram descritos como de “excepcional valor,”³²⁶ que são o do Bororo do rio São Lourenço, no

³²⁴ TREVISAN. *Op cit.*, p.14.

³²⁵ *Ibid.*, p.13.

Mato Grosso, e os Xetá do Paraná. O dos Bororo tem 160 minutos de projeção, refere-se à publicação de 1963 da revista *Natural History*, um estudo das representações relativas aos mortos, que informa como “um enterro comum resulta num mês inteiro de cerimônias altamente elaboradas e de preparativos.”³²⁷

A descrição dos ritos funerários não se limita aos vários episódios ligados ao cerimonial, mas nos dá preciosas sobre a vida na aldeia, sistema de crenças e representações elaboradas pelos índios Bororo, suas fórmulas rituais e também informa sobre suas práticas, que estão internamente vinculadas ao sistema de crenças.³²⁸

O filme dos Xetá exige uma explicação um pouco mais detalhada, pelo significado especial do documentário produzido, tendo em vista a “tragédia que envolveu os Xetá, exterminados que foram pela fome, devido à rápida e fulminante ação das frentes agrícolas que desbravaram as matas que os abrigavam, no oeste do Paraná.”³²⁹ Sobre este grupo foram produzidos dois filmes, realizados em épocas distintas. O primeiro com orientação e narração de José Loureiro Fernandes, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, com duas horas de projeção, montado e legendado por Kozák, foi apresentado no exterior, com uma cópia permanecendo no Museu do Homem de Paris.

³²⁶ BLASI. Oldemar. Vladimir Kozák. In: **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba: Museu Paranaense/Biblioteca Pública do Paraná. Nova Série, Etnologia 3.

³²⁷ KOZÁK, Vladimir. Ritual de um funeral Bororo. In: **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba: Museu Paranaense/Biblioteca Pública do Paraná, 1983. Nova Série, Etnologia 3.

³²⁸ HELM. *Op cit.*, p.18.

³²⁹ BLASI. *Op cit.*, p.14.

O segundo filme sobre os Xetá, relatando os costumes do grupo, foi realizado por conta de Kozák, com o objetivo de abordar aspectos de outras viagens do cineasta à região onde se encontrava o grupo. De acordo com Oldemar Blasi, “nele estão incluídas cenas tomadas no local onde viviam os índios e outras orientadas por ele, porém feitas em sua casa.”³³⁰ Apesar desta manifestação de Blasi e Trombini Filho, afirmando que o material sobre os Xetá que dispõe a Universidade é considerado “de excepcional valor, como documentário, o acervo de Kozák, em que ele trabalhou sozinho, sem a intervenção de especialistas, é ainda mais importante”,³³¹ é conveniente observar que os objetivos e interesses não eram os mesmos e, portanto, considero precipitado estabelecer um juízo de valores.

O que pode ser observado é que o engenheiro era movido pelo desejo incansável de registrar em filme e fotografia tudo o que estava ao seu alcance e, por isso, buscava estar atualizado de possíveis novidades nesta área. Estar atualizado nesta área significava estar em constante contato com o exterior; desse modo, objetivando suprir essa lacuna, Kozák tornou-se membro da PSA – *Photographic Society of America*³³² e do *The Amateur Cinema League-ACL*,³³³ esta, uma

³³⁰ *Ibid.*, p.1.

³³¹ TROMBINI FILHO. *Op cit.*, p.71.

³³² A *PSA - Photographic Society of America* é uma organização mundial para pessoas que tenham interesse em fotografia. Fundada em 1934, para fotógrafos casuais, amadores sérios e fotógrafos profissionais, tem membros em mais de 70 países. Oferecem uma grande variedade de serviços e atividades: revista mensal; galerias de fotos on-line; avaliação da imagem; grupos de estudo; cursos; concursos; conferência anual; oportunidades para o reconhecimento da realização fotográfica e de serviços. **PSA - Photographic Society of America**. Disponível em: <<http://www.psa-photo.org/index.php?home>>. Acesso em: 20/7/2014. Associado nº. 9399.

³³³ **The Amateur Cinema League - ACL**.

Disponível em: <<http://amateurcinemastudies.org/research/>>. Acesso em: 20/7/2014.

entidade fundada em 1926 em Nova Iorque, sem objetivos econômicos, que promoveu o crescimento da cultura cinematográfica amadora e atraiu muitos cineastas amadores. A *ACL* acabou se tornando um campo de testes para alguns cineastas de vanguarda, pois promoveu a produção de filmes produzidos para se divertir, sem preocupação com o retorno comercial, no qual os cineastas podiam experimentar e discutir técnicas e abordagens.

2.3.2 A pintura: Vladimir Kozák um artista?

Kozák demonstrou especial interesse pela cultura indígena, registrou diversos grupos que conheceu, retratou os índios e aspectos de sua vida tribal. No entanto, não se limitou a este tema, também pintou paisagens dos arredores de Curitiba e “paisagens da Bahia, de Ouro Preto, de Cachoeiro de Itapemirim, do Rio Grande do Sul, do carro de boi em Mato Grosso.”³³⁴ Buscava registrar o que via, “trabalhando quase sempre no próprio local, lançou mão da aquarela ou então do esboço de crayon, para em seguida fixá-lo em pastel ou óleo.”³³⁵

Os temas de suas pinturas, as mais conhecidas, de modo geral, são de paisagens e assuntos relacionados aos índios brasileiros. No caso dos índios, é possível perceber essas pinturas como suporte imagético para descrever aspectos da cultura indígena. Elas são o resultado de pesquisas de campo do autor na tentativa de interpretar a cultura de diferentes grupos indígenas e se constituem em fontes significativas para a reflexão antropológica.

³³⁴ TREVISAN. *Op cit.*, p.21.

³³⁵ *Id.*

São representações de rapto de criança pela harpia paranaense, nascimento de um bebê sob o tronco de uma árvore, mãe e filho untados com a seiva auana, de cor verde, o que lhes dá a coloração de pererecas [...], ou ainda a captura de um jaguar que matara alguém da tribo [...].³³⁶



FIGURA 9 - KODIYVATIBIA

KOZÁK, Vladimir. 1954. Acervo Museu Paranaense/SEEC-PR.

³³⁶ *Ibid.* p.23.

Kozák preocupava-se com a fidelidade de seus registros, anotando e fotografando os grupos indígenas que contatou. Desse modo, esboços deram origem às aquarelas, às vezes transformadas em pinturas a óleo. As anotações descrevem os rituais, as relações sociais e as manifestações culturais. Imagem e escrita trazem para a atualidade informações sobre culturas indígenas, “desvendam aspectos diversos de um mesmo objeto de conhecimento.”³³⁷ As imagens se traduzem como uma minuciosa narrativa do grupo representado.

É impossível não observar que ele sempre esteve muito envolvido com as artes – ainda na Tchecoslováquia estudou pintura e escultura. Kozák estava constantemente tentando melhorar sua técnica, quer buscando livros no exterior sobre o assunto, quer contatando com a orientação de profissionais experientes que conheciam acerca de técnicas de pintura, como o pintor paranaense Artur Nísio³³⁸ e a retratista americana Gene Woiski, que forneceram “receitas”³³⁹ de material a ser utilizado no preparo de telas e nas pinturas. Por exemplo, quando soube que a empresa americana *American Crayon Company*, de Ohio, Estados Unidos, tinha lançado um crayon novo para desenho, fez contato solicitando alguns exemplares para testar o resultado nos seus trabalhos.³⁴⁰

³³⁷ MENEZES, Ulpiano T. História e imagem: iconografia /iconologia e além. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p.243-262.

³³⁸ Artur Nísio (1923 - 1974): paranaense que se notabilizou como pintor animalista. Foi um dos fundadores da Embap. ARAUJO, Adalice Maria de. **Dicionário das Artes Plásticas no Paraná**. Curitiba: Ed. do Autor, 2006, v. 1, p.55.

³³⁹ KOZÁK, Vladimir. **Papéis**. Museu Paranaense/SEEC-PR.

³⁴⁰ KOZÁK, Vladimir. **Carta para The American Crayon Company**. Curitiba, 02 out. 1957. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

Trevisan afirma que Kozák desejou estudar pintura com o pintor e ilustrador norte-americano Norman Rockwell,³⁴¹ o que não teria sido viável porque ele não tinha como se afastar de suas ocupações diárias. De qualquer forma, foi observado na sua correspondência que, entre os anos de 1967 e 1968, estimulado pelas amigas Gene Woiski³⁴² e Marjory Baillon, Kozák escreveu para o pintor buscando orientação para melhorar sua técnica em desenho e pintura. Nessa ocasião, solicitou o envio dos livros publicados pelo artista: *Norman Rockwell Album* e *My adventures as an illustrator*.³⁴³

O engenheiro não se considerava de modo algum um artista – esta é uma afirmação recorrente nas suas anotações. Mas, apesar dessa observação pessoal, tal afirmativa, no mínimo, é contraditória. Além do número de pinturas do autor que se encontram no Museu Paranaense, mais significativo é observar que ele circulou por espaços onde a arte era discutida e se sentiu orgulhoso e valorizado quando o convidaram para participar de uma exposição artística, como se percebe no diálogo com o amigo João Monteiro. “Falando

³⁴¹ Norman Rockwell (1894-1978) foi um artista americano que iniciou sua carreira precocemente aos 16 anos. Foi muito popular nos Estados Unidos, especialmente pelas aproximadamente 300 capas da revista *The Saturday Evening Post* que realizou durante mais de quatro décadas, e das ilustrações de cenas da vida americana em pequenas cidades. Pintou os retratos dos presidentes Eisenhower, John Kennedy, Lyndon Johnson e Richard Nixon, e de outras importantes figuras mundiais, tais como Gamal Abdel Nasser e Jawaharlal Nehru. Um de seus últimos trabalhos foi o retrato da cantora Judy Garland, em 1969. **Norman Rockwell**. Disponível em: <<http://www.nrm.org/about-2/about-norman-rockwell/?lang=pt>>. Acesso em: 4/12/2014.

³⁴² WOISKI, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 1º mar. 1968. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

³⁴³ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Norman Rockwell**. Curitiba, 20 nov. 1967. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-Pr; ROCKWELL, Norman. **Carta para Vladimir Kozák**, Stockbridge, Massachusetts, 20 fev. 1968. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

mais uma vez das pinturas, mesmo eu não sendo pintor, recebi um convite *do Metropolitan Museum Art Gallery*, para fazer uma exposição de todas as minhas pinturas dos índios do Brasil.”³⁴⁴

No Brasil ele participou de exposições na VIII Exposição Mineira de Belas Artes (1931), de Belo Horizonte, onde apresentou oito pinturas a óleo e treze aquarelas de temas diversos. Também expôs seus trabalhos no Museu Paulista, na Universidade Federal do Paraná e em exibições privadas em Curitiba.

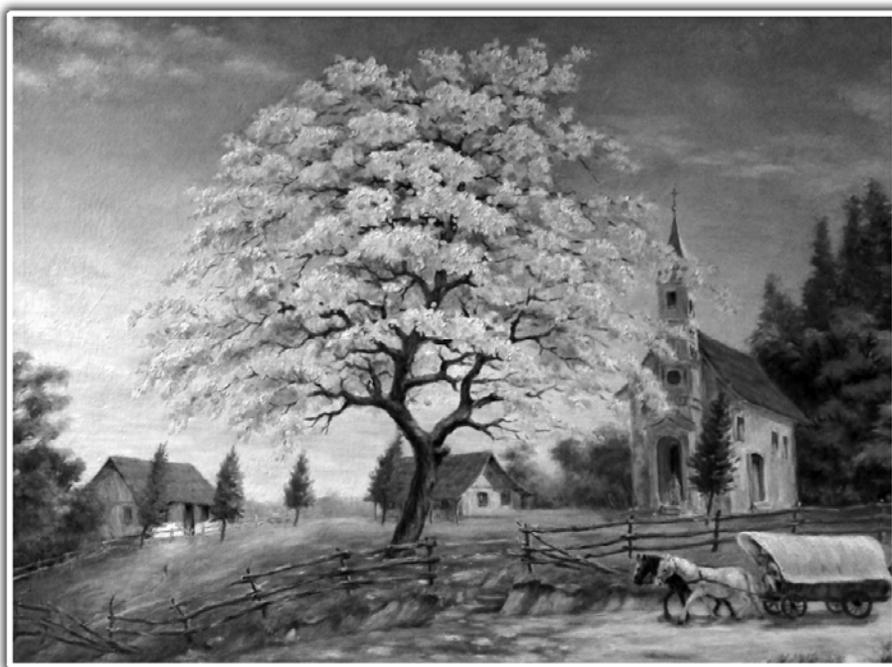


FIGURA 10 - PAISAGEM RURAL

KOZÁK, Vladimir. 19--. Acervo Museu Paranaense/SEEC-PR.

³⁴⁴ KOZÁK, Vladimir. **Carta para João Monteiro**. Curitiba, 30 jul. 1959. 1 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR.

Em 1965, uma coleção de aquarelas e pastéis representando a pintura corporal dos povos indígenas do Alto Xingu foi exibida na *Brigham Young University*, na cidade de Provo, Utah, nos Estados Unidos.

Nessas circunstâncias, constata-se que ele produziu bastante, mas, apontar números em pintura e desenho, é praticamente impossível. No Museu Paranaense encontram-se 182 pinturas a óleo, 1.169 aquarelas e muitos desenhos.

Em 1961, Geraldo Pitagnary,³⁴⁵ do Museu do Índio do Rio de Janeiro, em contato com Kozák solicitou informações acerca de “doze aquarelas, de pinturas decorativas para o Yawari, do Alto Xingu, Mato Grosso, executadas pelo Sr. e D. Karla.” O objetivo do pedido era para efetivar o registro das obras na instituição. E, para tal, o solicitante necessitava de biografia de ambos e também algumas respostas. Houve diversos questionamentos, entre outros se as pinturas foram realizadas por encomenda e se o engenheiro poderia avaliar o valor delas.³⁴⁶

Já a coleção apresentada em Utah, ou a maior parte dela, foi incorporada ao material adquirido pela *Glenbow Foundation* do Canadá.

Infelizmente, a maior parte de aquarelas e pastéis de Kozák, precisamente aquelas sobre estudos de índios que visitou, foi em 1967, entregue a *Glenbow Foundation*, de Calgary, Alberta, no Canadá, junto com algumas de suas coleções de objetos indígenas.³⁴⁷

³⁴⁵ Geraldo Pitagnary, museólogo, criador do Museu do Índio do Rio de Janeiro na década de 1950.

³⁴⁶ PITAGNARY, Geraldo. **Carta para Vladimir Kozák**. Rio de Janeiro, 03 mar. 1961. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

³⁴⁷ TREVISAN. *Op cit.*, p.22.

E, quando Robert Carneiro questionou se ele teria interesse em apresentar algumas de suas pinturas em uma galeria de arte dos Estados Unidos, ele se mostrou bem interessado e apreciou a ideia.

Charles Wagley, da *Columbia University*, viu algumas de suas pinturas. Deseja apresentar algumas em um local “*Corner Gallery*,” aonde estarão objetos de arte e da história natural. Se você está interessado nesta possibilidade, o primeiro passo é nos enviar 10 ou 20 *slides Kodachrome* de pinturas para mostrar ao pessoal da galeria.³⁴⁸

Embora a resposta de Kozák tenha sido favorável, até o momento não há indícios que confirmem ou não a realização do evento. De qualquer modo, é evidente que ele apreciou a proposta e se dedicou a produzir mais material, pois ele afirmou: “gostei da ideia da *Corner Gallery*. Vou trabalhar com a ideia. Vou fazer contato com a Embaixada Americana em Curitiba. Mas, não vejo problema no transporte porque tratam-se de aquarelas não emolduradas.”³⁴⁹ Inclusive, em outra carta, ele afirmou que estava pintando para a exposição e fez alguns comentários sobre a *Corner Gallery*,³⁵⁰ e insistindo nos comentários sobre as possibilidades de transporte de seu trabalho do Brasil para os Estados Unidos.

Creio que é necessário um esclarecimento quanto à dificuldade de indicar números com relação às pinturas. Não se sabe ao certo

³⁴⁸ CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 19 jun. 1959. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

³⁴⁹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Bob e Trudie**. Curitiba, 27 jul. 1959. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

³⁵⁰ CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 16 set. 1959. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

quantas ele produziu e a quem ele presenteou, somente sobre algumas encontramos registros. Exemplificando, em correspondência com o Capitão João Monteiro, Comandante do Parque da Aeronáutica de Belém do Pará, em 1959, ele mencionou a aquarela do índio Anakán Pukú que presenteou o oficial.

A respeito do quadro de Anakán Pukú, este é o índio com quem eu estava fazendo as festas, lá no Rio do Sol. Depois que o amigo me avisar se recebeu este quadro em boas condições vou lhe dar um palpite de como mandar fazer uma própria e bonita moldura, pois assim o quadro vai salientar muito – pois ele não é ruim, e ele tem seu valor mesmo sendo feito em aquarela.³⁵¹

Ou ainda, a que foi dada a amiga Marjory Baillon ou ao seu filho Alex, pois em carta ela afirma: “Alex tem a sua pintura do velho Serafim na parede da sala de jantar.”³⁵²

Na sua autobiografia consta o desejo não concretizado de transformar os seus desenhos e aquarelas em pinturas a óleo. “Tempo atrás eu estive planejando pintar todos esses quadros que são de aquarela e papel, a óleo. Mas aí acontece que minha irmã morreu, minha situação complicou e o planejado não se realizou.”³⁵³

É difícil interpretar com segurança as entrelinhas do discurso pessoal do autor. O que fica claro é que a perda da irmã foi significativa para Kozák. Além da ausência da amiga, companheira e auxiliar de

³⁵¹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para João Monteiro**. Curitiba, 30 jul. 1959. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

³⁵² BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Escócia, 27 fev. 1975. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

³⁵³ KOZÁK, Vladimir. **Vladimir Kozák por ele mesmo**. Curitiba, 27 fev. 1966. Manuscrito. Museu Paranaense/SEEC-PR.

muitas viagens, sua rotina foi alterada pela necessidade de se ocupar de afazeres domésticos que lhe tomavam o tempo que poderia ser usado na produção de quadros. Outra interpretação possível dessa afirmativa é o reconhecimento da superioridade técnica do uso da tinta a óleo nas pinturas.

Com base nessa visão do percurso do personagem Kozák é que busco uma interpretação dos seus sentimentos e escolhas pessoais, assim como o significado das relações de amizade.

2.4 O DESTINO DAS COLEÇÕES

Desde que Kozák teve despertado o seu interesse pelo Brasil e por grupos indígenas manteve-se reunindo, às suas expensas, sem apoio financeiro, filmes, fotografias e objetos relacionados a esses povos. Desse modo, acabou tornando-se possuidor de uma expressiva coleção particular que despertou interesse de muitos. Nos seus escritos é possível observar que há sempre referência a alguém, um estudioso, uma universidade ou museu interessado em adquirir o material reunido por ele ao longo dos anos.

Este assunto trata-se de uma questão que exige ponderações, até mesmo por ser reveladora dos ressentimentos do personagem. Marjory, em diversas cartas, em tempos díspares, insistiu questionando o destino da posse dos filmes, fotografias e objetos colecionados. No entanto, apesar dos comentários e recomendações da amiga, que traçou um paralelo com os fatos que envolveram o acervo de David Carneiro,³⁵⁴ ele não se preocupou com o futuro: em seus pertences não

³⁵⁴ O acervo de David Carneiro foi mencionado no item 3.1.2, nota 545.

foi encontrada qualquer manifestação do autor que deixasse claro seu desejo quanto ao destino do material na sua ausência.

Nas palavras de Blasi quando Kozák se aposentou, ele afastou-se, por iniciativa própria, dos meios em que circulava, seja do Museu, seja da Universidade. “Ele não quis mais saber. Achava que não tinha mais nada com a universidade ou o museu e afastou-se.”³⁵⁵ Evitou ambos os locais e não teve mais contato com Loureiro Fernandes. No momento em que Blasi assumiu a direção do Museu tentou, de algum modo, trazê-lo à atividade, proposta que foi recusada.

Bom, quando eu assumi a direção eu convidei-o para vir trabalhar no Museu. Olha, eu coloco a sua disposição uma sala, o que você precisar a gente vai atender, você tem toda a liberdade. Eu queria com isto, não maldosamente, que o acervo dele ficasse protegido. Eu estava prevendo que na casa dele a coisa iria acontecer. Um incêndio poderia levar tudo isto.³⁵⁶

Quando Kozák faleceu, ainda que estivesse idoso, a sua morte foi “repentina e inesperada.”³⁵⁷ Após o ocorrido, Oldemar Blasi e Edilberto Trevisan³⁵⁸ discutiram sobre o que poderia ser feito com os seus bens e ambos ficaram preocupados com a possibilidade de um material que consideravam valioso e disputado entre pesquisadores estrangeiros desaparecesse. Segundo Blasi,

³⁵⁵ BLASI, 2013.

³⁵⁶ BLASI, 2013.

³⁵⁷ BLASI, 2013.

³⁵⁸ O advogado Edilberto Trevisan conviveu regularmente com Kozák nos últimos anos, frequentava sua casa e conhecia bem os objetos colecionados pelo engenheiro. Nos finais de semana buscava-o para almoçar em sua residência, onde eram apresentados e discutidos os seus filmes.

[...] vimos que ia sumir, desaparecer e era importante. E é importante mesmo. [...] Até porque o documentário dele, não desfazendo dos outros e tal, mas é muito importante. Esse é um registro fantástico. Só o que se tem de fotografia é uma coisa extraordinária.³⁵⁹

Portanto, após a morte de Kozák, reuniram-se na Universidade Federal do Paraná Trevisan, Blasi, Cecília Westphalen³⁶⁰ e Altiva Balhana.³⁶¹ Altiva mantinha uma boa relação de amizade com ele, que havia produzido uma série de imagens para pesquisas dela sobre Santa Felicidade. A primeira a expressar opinião, a professora Cecília, falou em nome da Universidade e do Departamento de História, de modo bem claro manifestou seu desinteresse pelo material.

Aí falamos com Cecília sobre o acervo. [...] Então o Edilberto e eu falamos com a Cecília e com Altiva. E dissemos: Cecília olhe, ele foi funcionário da Universidade e é justo que este acervo fique na Universidade. A Cecília disse não. Não interessa. Ela era diretora do Departamento de História. E ela disse não, eu não quero.³⁶²

Nessas circunstâncias, a decisão de Trevisan e Blasi foi tomar as medidas legais para que o material permanecesse no Museu Paranaense. “Eu falei com o Edilberto, bom se ela [a professora Cecília Westphalen] não quer, então ficará no Museu Paranaense. E fizemos o

³⁵⁹ BLASI, 2013.

³⁶⁰ Cecília Maria Westphalen, historiadora e professora da Universidade Federal do Paraná

³⁶¹ Altiva Pilatti Balhana, historiadora e professora da Universidade Federal do Paraná.

³⁶² BLASI, 2013.

ofício.”³⁶³ Desse modo, após o devido processo legal e cumpridas as formalidades, o material foi entregue à curadoria da instituição.

No entanto, as coisas se complicam e caminham para o universo das possibilidades, quando se depara com a interpretação de qual teria sido a real intenção do personagem. Kozák não se manifestou ou deixou qualquer registro do pretendido, e o que ocorreu, foi uma ação de pessoas da área acadêmica, que conheciam o seu trabalho e direcionaram para a sua permanência no Museu Paranaense. Entretanto, de forma alguma é seguro afirmar que esta tenha sido a opção desejada por ele.

Wladimir Olympio Trombini Filho,³⁶⁴ que escreveu sobre o engenheiro, afirma ter entrevistado um morador da Vila São Paulo e vizinho,³⁶⁵ o qual teria afirmado que ouviu dele o desejo de não partilhar com ninguém as suas coleções e seus bens. “Kozák tinha impulsos egoístas em relação aos seus pertences. Por várias vezes ele afirmara que quando se sentisse mal, queimaria a casa e ele próprio, para não deixar para os corvos.”³⁶⁶

Esse mesmo autor descreve o engenheiro, apontando-o como “um ermitão vivendo em plena cidade,”³⁶⁷ descrito pelos vizinhos como “esquisito ou louco.”³⁶⁸ Kozák viajava muito, vivia só, mantinha pouco contato e curtos diálogos com os vizinhos; era intransigente

³⁶³ BLASI, 2013.

³⁶⁴ TROMBINI FILHO. *Op cit.*

³⁶⁵ Trombini Filho menciona o vizinho Jorge Roberto de Almeida, morador da rua Padre Júlio Saavedra, bairro Uberaba, Curitiba.

³⁶⁶ TROMBINI FILHO. *Op cit.*, p.56.

³⁶⁷ *Ibid.*, p.53.

³⁶⁸ *Id.*

com as bolas das crianças que caíam em seu quintal, e não as devolvia. Parece que ele transformou-se em uma lenda no bairro em que viveu, porque sobre ele corriam muitas histórias mirabolantes e algumas realmente excêntricas. Consta que ele ajudou a construir fantasias a seu respeito, no intuito de assustar e afastar curiosos e as crianças de sua residência. “Uma das histórias que [...] contava é a de que matara a irmã a flechadas.”³⁶⁹ Outra história do bairro: “o tcheco criava cobras no fundo do quintal, guardadas em caixas com telas de arame.”³⁷⁰

É necessário considerar a relação conflituosa havida com a direção do Museu e comentada por diferentes testemunhos, e o desconforto pessoal de Kozák, quanto ao tratamento dispensado pelos gestores da Universidade ao seu material, tanto que com o passar dos anos, após sua aposentadoria, ele evitou qualquer convívio, afastando-se voluntariamente de ambos os meios. Assim, acrescida a afirmativa de Trombini Filho e as considerações sobre suas relações sociais, surge uma dúvida razoável quanto ao pretendido pelo autor. Aparentemente, a única coisa que Kozák pleiteava no ambiente em que circulou era o respeito pelo seu trabalho e reconhecimento, o que somente ocorreu após a sua morte. Com todas essas informações surge a dúvida: será que era o seu desejo da permanência de seu material no Museu?

Apesar desses fatos elencados, um aspecto interessante a ser observado é mencionado pelo o juiz responsável pelo processo de inventário do engenheiro, explicando que, de qualquer modo, havia limites legais a serem respeitados e esse material “pelo valor histórico e

³⁶⁹ *Ibid.*, p.54.

³⁷⁰ *Ibid.*, p.55.

científico,” mesmo em caso de surgimento de herdeiros, seria objeto de desapropriação pelo Estado.

Finalmente, apesar dos alertas propostos por Marjory quanto ao destino de suas coleções, alguns indícios, ainda que questionáveis por não serem muito precisos, a real intenção de Kozák é irrelevante, pois o material que reuniu em vida é mantido sob a responsabilidade do Museu Paranaense. Nesse espaço museológico destinado a cultivar Kozák não saiu de cena, permanece presente; as memórias desse engenheiro, pesquisador, fotógrafo, cineasta, pintor, esse multifacetado homem e sua obra permanecem preservados e são reconhecidos. O seu material encontra-se disponível a consulta para pesquisadores interessados em estudos de diferentes áreas do conhecimento ou mesmo em exposição. Acredito que desse modo, finalmente o Museu deu visibilidade à obra de Kozák e ele obteve o reconhecimento tão desejado.

3

OS SENTIMENTOS REVELADOS NAS CARTAS

No seu conjunto, as cartas são lugares que potencializam o exercício pleno das liberdades múltiplas, onde a individualidade cria e recria suas tramas íntimas e assim regula suas relações singulares de sociabilidade. São esses espaços singulares e libertadores que produzem os tempos dos desejos e dos prazeres pessoais.

Maria do Socorro de Sousa Araújo

Através das cartas, Kozák criou uma rede de relações pessoais, dialogou, criou laços intelectuais e afetivos. As missivas revelam relacionamentos sociais, profissionais e pessoais do indivíduo, assim como possibilitam perceber sentimentos quanto a diversos temas.

Um aspecto presente e continuamente discutido gira em torno do envolvimento emocional com a questão indígena; reflete o ressentimento e a frustração por não encontrar interesse e apoio local para suas pesquisas. Como afirma Pierre Ansart, é preciso compreender e explicar como o ressentimento se manifesta, quais comportamentos influenciam, consciente ou inconscientemente, inspirando condutas e atitudes. Este autor aponta caminhos questionando: “que memória conserva o indivíduo de seus próprios ressentimentos? Por outro lado, que memória conserva dos ressentimentos daquele de quem foi vítima?”³⁷¹ Prosseguindo a discussão, o autor esclarece a diferença entre esquecimento dos fatos e esquecimento dos ressentimentos: “pode-se afirmar que o indivíduo não esquece os fatos dos quais foi ator ou vítima, mas esquece-se ou, ao menos, aferra-se bem menos às lembranças dos ressentimentos.”³⁷²

É importante destacar que Kozák realizou o seu desejo. Por um prazer pessoal, mergulhou na sua atividade e produziu um expressivo material que traduz sua ânsia de conhecimento, percorrendo um longo caminho pelo sertão e superando incontáveis adversidades humanas e naturais, descritas nas suas correspondências, com o objetivo de estudar

³⁷¹ ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p.30.

³⁷² *Ibid.*, p.31.

diferentes culturas. Escreveu do seu modo, utilizando a linguagem da fotografia e do cinema, a história, rituais e as tradições de diferentes povos. Foi perseverante e dedicado, fez um trabalho solitário, no qual parece que ele tomou como missão conhecer e dar a conhecer cada índio como único.

Analisando o seu percurso é possível observar que Kozák viveu de acordo com os seus sonhos de infância: viajou pelo interior do país em locais de difícil acesso e precárias condições, o que pode ser interpretado como uma “aventura” e manteve vínculos com os índios, o “seu amor,”³⁷³ segundo Faulhamer. Trazia consigo uma linguagem carregada de ressentimentos pelo descaso das autoridades com estes povos e a falta de ajuda financeira nas suas viagens de pesquisa. Mas, por outro lado, mesmo sofrendo revezes, ele persistiu e estava sempre reafirmando o desejo de pesquisar e estudar aspectos culturais dos grupos visitados.

Kozák pode ser observado como uma pessoa solitária que não constituiu família no Brasil. Seu único laço afetivo foi a irmã, que após a morte dos pais veio para o país, em 1938, sendo uma presença marcante e muito sentida quando faleceu em 1960. Para as pessoas que conviveram com ele, Oldemar Blasi³⁷⁴ e Tirone Hurt,³⁷⁵ a morte da irmã foi “um choque” que o afetou profundamente. Analisando as cartas e confrontando com as entrevistas, é possível formular a hipótese de que ele tenha se sentido responsável pelo ocorrido, pois sua morte se deu em decorrência de complicações de malária, uma doença disseminada

³⁷³ FAULHAMER, František. **Carta para Vladimír Kozák**. Bratislava, 15 out. 1961. 5 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução Martina Cermakova.

³⁷⁴ BLASI, 2013.

³⁷⁵ HURT, 2013.

em regiões tropicais e que manifestou após uma das muitas viagens de ambos pelo interior do país. A reação dele após esse fato, segundo Blasi, foi fechar o quarto da irmã na sua residência, isolando-o, não entrando e nem permitindo a entrada de outras pessoas no local.

Já idoso e preocupado em manter suas lembranças daquilo que considerou ter valido a pena, rememorou a sua experiência com os índios. Assim, avaliou tudo o que viveu e conheceu, demonstrando decepção quanto às condições em que se encontravam os indígenas no país. Estabelecendo um paralelo com outras culturas e outros momentos da história humana, Kozák tinha um olhar pessimista quanto ao futuro dos índios na América do Sul. Acreditava que a cultura deles desapareceria, seriam extintos e criticava as autoridades que nada faziam para modificar este quadro. Em sua opinião, qualquer posicionamento de autoridades brasileiras sobre este assunto revestia-se de interesses econômicos. Aliás, ele não poupou palavras para criticar os órgãos nacionais envolvidos na “proteção dos índios.”

Os índios da América do Sul e de qualquer outro lugar em que o homem primitivo ainda esteja vivo, ESTÃO CONDENADOS, e serão dizimados, sendo apenas questão de tempo. Por quê? Esta é a velha história, que foi repetida centenas de vezes e se repetirá até que o último dos moicanos ganhe um monumento em algum lugar do Hyde Park ou do Central Park – POR QUÊ – POR QUÊ??? Apenas pelo mesmo motivo da última guerra que os Alemães começaram em 1939 – quando os Franceses tentaram dominar o mundo, e quando os Ingleses dominaram de um jeito ou de outro, e [...]. A principal razão é que eles ocupam terras, que outras pessoas querem vender com grande lucro, para fazer deles paraísos terrenos – e mandar os Índios para o inferno. Stálin

sacrificou milhões de camponeses e outros russos, mas ninguém se importa ou se importou, assim como os Turcos fizeram, os Romanos, antes deles os Gregos, etc., etc., etc. e a história se repete indefinidamente. [...]

Agora, a respeito da FUNAI que assumiu o controle da SPI. Em poucas palavras: o bolo, a sujeira, ou o excremento, chame como quiser, continuou a mesma coisa, mudaram apenas as moscas. Ou melhor, atualmente está pior do que costumava ser. As atuais autoridades expulsaram os membros anteriores da SPI a fim de ter domínio sobre o restante das propriedades. Há, é claro, muito a ser dito sobre isso.

Fui ver os índios, como sou da mesma espécie de oprimido e nunca tive ajuda de lugar algum e fiz minhas expedições com suor, lágrimas e fome. Passei momentos difíceis, mas, pensando nisso agora, é a única coisa que vale a pena lembrar. Está tudo acabado agora e eu estou quase me esquecendo dessas aventuras³⁷⁶ (grifo do autor).

Há uma passagem muito significativa, reveladora de sentimentos, extremamente esclarecedora acerca do descaso geral com os estudos indígenas; em especial localmente, na universidade, que deveria ser a principal instituição envolvida com pesquisas na área. O contato de Kozák com o Diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras³⁷⁷ da Universidade Federal do Paraná, Homero Batista

³⁷⁶ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Marjory Baillon**. Curitiba, 23 set. 1973. 4 f. Glenbow Museum, Canadá. Original em inglês, tradução nossa.

³⁷⁷ Após a federalização da Universidade do Paraná, em 1950, a UFPR estava organizada em faculdades, institutos e departamentos. “A Faculdade de Filosofia Ciências e Letras mantinha os cursos de filosofia, matemática, física, química, história natural, geografia, história, ciências sociais, letras clássicas, letras neolatinas, letras anglo-saxônicas e pedagogia.” BARANOW e SIQUEIRA. *Op cit.*, p.150.

de Barros,³⁷⁸ que certamente frustrou bastante o autor, é relatado no texto “A história dos Xetá”. Após o primeiro contato com estes índios, quando Kozák buscava apoio para pesquisar e registrar aspectos da vida deles, solicitou ajuda da universidade para produzir um documentário, pois para a produção precisava de “tempo e dinheiro”. A resposta do Diretor dá a dimensão do descaso com a questão indígena e o trabalho desenvolvido pelo engenheiro – ele afirmou que seria muito mais simples e barato trazer os índios para o Passeio Público, colocá-los em uma jaula e filmar.

[...] Um belo dia criei coragem e compareci diante do então Diretor (Reitor?...) da Faculdade da UFPR, Dr. Homero de Barros, a quem expus meus planos de realizar um documentário baseado tanto em filmes como em fotografias sobre o grupo dos Xetá. O Dr. Homero de Barros era uma pessoa simpática e isso me levava a crer que conseguiria algo de concreto e positivo no sentido de obter a verba necessária para filmar um documentário que seria a história dos últimos homens livres do Estado do Paraná.

Após ouvir minha exposição, ele respondeu com muita gentileza: “Mas porque ir tão longe para fazer um trabalho dessa espécie? Seria muito melhor trazer esses índios para o Passeio Público e colocá-los dentro de jaulas, onde o Sr. poderia fotografá-los à vontade. Bem mais fácil e bem mais barato. Além do mais, não temos recursos para esse tipo de trabalho. Falta verba!

³⁷⁸ Homero Batista de Barros, advogado, professor da Faculdade de Direito, foi Diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras por seis mandatos: 1951/53, 1953/55, 1956/58, 1959/62, 1962/65 e 1965/68. WESTEPHALEN, Cecília Maria. **A Universidade Federal do Paraná: 50 anos.** Curitiba: SBPH, 1988.

É difícil dizer se o Dr. Homero falou sério ou se estava pilheriando. O fato é que as palavras dele foram um jato de água fria no meu entusiasmo e, depois disso se algum trabalho foi feito, foi tudo com “a cara e a coragem”, como se diz na linguagem popular. [...]

É doloroso lembrar incidentes dessa natureza e mais doloroso ainda pensar como atitudes semelhantes poderão impedir a realização de outros trabalhos igualmente interessantes. Mais tarde, quando juntei uma pequena importância em dinheiro para poder prosseguir na minha pesquisa, já era tarde demais. Fiz o que pude com pouco material, sem auxiliares, viajando sempre de carona... mas o tempo não volta atrás; o último grupo de Xetá já se achava disperso, os velhos estavam mortos ou às portas da morte.³⁷⁹

Analisando esse relato e interpretando as reflexões do autor sobre o ocorrido é possível observar que, certamente, esse fato repercutiu negativamente em Kozák, tanto que ele não esqueceu e registrou o ocorrido em seus escritos. Mas esse não foi o único comentário dele acerca de falta de apoio institucional. Aliás, no mesmo texto ele foi categórico em afirmar o “quanto é doloroso” lembrar esses incidentes. No primeiro momento ele não acreditou no que ouviu, até tentou acreditar que era uma “pilheria”. Mas, em seguida, ficou inconformado com o descaso e, não resta dúvida, sentiu-se discriminado, pois mais adiante, no mesmo artigo, afirma que constatou a existência de verbas para outras atividades de menor importância na Universidade. No entanto, apesar de percalços como esse, embora ele tenha ficado

³⁷⁹ KOZÁK, Vladimir. **A história dos Hetá**. 64 p. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR.

visivelmente ressentido, ele não desistiu, e mesmo com limitações buscou a sua solução pessoal para prosseguir os estudos em questão.

Outra passagem digna de registro, que aponta a pouca importância, ou não reconhecimento, dado na Universidade para as produções de Kozák e revela um sentimento de frustração, descrita por Oldemar Blasi. Ele conta que quando era reitor da Universidade o professor Flávio Suplicy de Lacerda,³⁸⁰ o engenheiro apresentou-lhe uma pintura de um índio com cocar, produzida por ele. O reitor simplesmente o mandou tirar “este negócio daqui.” Segundo Blasi, o reitor não foi grosseiro, mas teria desvalorizando a obra e o trabalho de Kozák, que passou a lamentar o fato.

O Kozák fez uma pintura maravilhosa de um índio com cocar, esplendorosa mesmo, bonita mesmo. Bom, não sei a técnica porque não entendo disto. E resolveram mostrar para o reitor para conseguir verba, que era o Flávio Suplicy de Lacerda. E o Flávio ficou olhando e, falou para o Kozák trazer esta coisa aqui? E o Flávio falou para o Kozák: por favor, me tire este negócio daqui, eu não aguento este índio aqui. Até antes de morrer ele lamentava isto. O reitor recebeu ele, não ofendeu ele, mas indiretamente disse por favor... Desvalorizou. Por favor, o que que eu vou fazer com este índio aqui no meu gabinete?³⁸¹

³⁸⁰ Flávio Suplicy de Lacerda, reitor da Universidade Federal do Paraná em duas gestões: agosto de 1949 a maio de 1964 e maio de 1967 a maio de 1971. BARANOW e SIQUEIRA. *Op cit.*, p.305.

³⁸¹ BLASI, 2013.

Em contraste com as situações descritas anteriormente, em outra passagem do mesmo manuscrito, é possível perceber um tom bem diferente. O sentimento exteriorizado parece indicar um quê de satisfação ou agradecimento aos índios, deixando evidenciada a dimensão do envolvimento afetivo, pois, nessa ocasião, afirmou que somente deles teve ajuda para prosseguir suas pesquisas.

Agradecimentos, se é que devo fazê-los, são dirigidos aos bondosos indígenas que me permitiram ficar no meio deles enquanto eu trabalhava com minha máquina de filmar. Afora eles, pouquíssimas foram as pessoas que me deram apoio ou me estimularam no trabalho que realizei em prol dos índios.³⁸²

Uma comprovação das dificuldades e a constatação de que sua atividade era solitária, não estava atrelada aos poderes públicos e não era remunerada, foi quando Kozák buscou apoio da Aeronáutica para deslocamentos nas suas viagens. Escreveu ao seu contato, o oficial Carlos Amorety Osório, solicitando ajuda e relatando as dificuldades e a falta de apoio institucional para desenvolver pesquisas. Relatou que já havia pensado em desistir do trabalho, mas, apesar de “decepcionado e desgostoso”, ainda assim prosseguia tentando. Para ele, naquele momento, o que estava ocorrendo era que a prioridade não eram os pesquisadores do país, mas os estrangeiros, subsidiados pelas universidades e instituições de fora que traziam para o Brasil a “bela Cinderela,” ou seja, a moeda americana, o dólar.

³⁸² KOZÁK, Vladimir. **A história dos Hetá**. 64 p. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR.

Curitiba, junho de 1960

Meu caro amigo Amorety

[...] Eu sei que, sem dinheiro, sem transportes e sem apoio de alguns poucos entusiastas, nada poderei fazer e contribuir com a minha parcela de experiência em favor da pesquisa científica em nosso País. A mera etiqueta da Universidade de pouco, ou quase nada me tem adiantado. O caro amigo sabe como são estas cousas, uns jogando com todos os trunfos, menos talvez os da verdadeira vontade de trabalho, agarram todas as verbas, enquanto que para os outros nada sobra...

Porém até agora, lutando contra todas estas contrariedades, eu tenho prosseguido com as minhas pesquisas, contando somente com os meus recursos pessoais, e não tenho receio em afirmar que já fiz muito mais de que outros que foram aquinhoados com polpudas verbas. Já estudei os Bororo, trabalhei várias vezes no Xingu, estive duas vezes com os Kayapó no Pará e, também demoradamente com os Urubu no Maranhão, além de outras.

[...] mais triste ainda, ao compreender que nós não tendo oportunidades, ficam estes trabalhos reservados a alemães, franceses, ingleses ou americanos, somente porque eles possuem o dólar onipotente, enquanto nós jamais poderemos transformar o pobrezinho do nosso Cruzeiro em bela Cinderela. E junte-se a isto outro fator de grande importância, via de regra, os cientistas estrangeiros, recebem o máximo de apoio das autoridades de seus países, ao passo que nós, nem é bom falar.

Eu não quero ser um derrotista, de modo que vou tentar ainda uma vez. [...] ³⁸³

³⁸³ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Carlos Amorety Osório**. Curitiba, jun. 1960. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

Foi desse modo que ele realizou muitas viagens, buscando soluções além dos limites institucionais, travando contatos pessoais e pedindo favores para se deslocar pelo interior do Brasil, como indica a situação apresentada neste trecho da mesma carta solicitando ajuda da Força Aérea Brasileira e do Ministro da Aeronáutica para facilitar a sua locomoção:

[...] Se eu conseguir apoio da FAB, através de eventuais transportes para mim e minha bagagem de trabalho, eu farei alguma coisa. Pois justamente a parte mais difícil e penosa das minhas dificuldades estaria solucionada. Isto eu poderia conseguir através de uma carta de recomendação do Senhor Ministro da Aeronáutica aos seus comandados para que me facilitassem o transporte.

Justamente por isto é que me dirijo ao caro amigo, eu sei que para um obter apoio como este é quase que inútil tentar as vias burocráticas. Eu lhe peço que se tiver possibilidade formule o meu apelo ao Brigadeiro Francisco Correa de Mello. Eu sei que se o meu pedido de transporte chegar a ele eu serei compreendido. [...] ³⁸⁴

Parece que nesse ambiente Kozák recebeu algum apoio mais efetivo, pois nessa carta o emissário expressa o desejo de ajudá-lo nos deslocamentos pelo país. O oficial, em primeiro lugar, reconhece o valor do trabalho desenvolvido pelo engenheiro, estimulando-o a prosseguir suas pesquisas com os índios. Comentou que a idade ou a aparência física são irrelevantes, pois ele possuía a força física de um jovem, percebe-o como um vencedor e de modo algum ele poderia interromper suas pesquisas.

³⁸⁴ *Id.*

Em seguida, anunciou que foi transferido do Galeão para o Estado Maior das Forças Armadas, onde buscaria ajuda para atender o amigo.

Quanto a sua vontade de alcançar “OLYMPUS” [sic] você já o alcançou, porém não serei eu que iria dizer que poderia parar, não, continue, pois nesta luta para a meta final do “OLYMPUS” [sic], fará com que este Kozák de cabelos brancos seja sempre um jovem, seja sempre forte, cheio de ânimo e juventude. Tratemos agora de sua próxima viagem. Caso esta carta lhe tenha chegado às mãos antes de ter saído daí poderei então sugerir que tratemos do assunto quando estivermos juntos, não só será mais fácil como também mais agradável. Fique descansado que arranharemos um meio qualquer de transportá-lo, juntamente com sua irmã e a “imensa” bagagem para onde quiser.

Pretendo junto com o Alvarenga fazer uma aproximação com quem de interesse e autorizado, para então estabelecermos normas que propicie maiores facilidades a todos que procurem trabalhar no sentido do bem da ciência. Para que compreenda melhor o que pretendo fazer, darei como exemplo o seguinte: tentarei obter, junto ao Estado Maior da Aeronáutica ou do próprio Comando de Transporte uma boa prioridade e obrigatoriedade no transporte de todos os pesquisadores e seus materiais, em aviões da FAB ou em outros transportes das Forças Armadas.³⁸⁵

A verdade é que ir para os locais onde se encontravam as comunidades indígenas que Kozák pesquisava não era uma empreitada

³⁸⁵ GUEDES, José Luiz. **Carta para Vladimir Kozák**. Rio de Janeiro, jul.1956. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

simples, tinha a dimensão de uma perigosa aventura, pois se tratavam de regiões de difícil acesso que não contavam com estradas ou rota comercial, o que explica o permanente contato com setores da Aeronáutica.

Mas relatar acerca dessas viagens exige muito mais que o conteúdo desta pesquisa. Assim, somente a título de esclarecimento das condições enfrentadas por Kozák, apresento o trecho de uma carta que pode fornecer alguns dados acerca das incertezas e dificuldades dessas viagens.

Escrita na tribo dos KubenKranKein [sic] no Pará. Iniciada em 20 set. de 1954.

Esta carta tem o exclusivo propósito de falar sobre como as coisas foram e são, e não é possível contar sobre estas coisas para alguns. Enquanto escrevo essa, eu sinceramente desejo saber o que acontecerá a seguir – Os Deuses sabem, mas não contariam.

[...] Até agora, pelo que sei, este momento é o único possível para tentar escrever qualquer carta, porque começamos nossas jornadas a alguns lugares exóticos, já estou há mais de dois meses em campo, sem saber por quanto tempo continuarei e para onde irei.

[...] A descida pelo Rio Araguaia e, antes, chegar ao Araguaia foi difícil como nunca. Viajamos em uma canoa e dormimos nas areias das vastas praias do rio. Mas ninguém deve pensar que a areia dessas praias é macia. Ela destrói seus ossos e músculos se você tiver algum. Após dez dias desse luxo, chegamos aos Karajá, tendo nosso tempo de viagem totalizado três semanas desde que partimos de Curitiba – nada mau para uma era de aviões supersônicos e outras coisas mais. [...] E nossas chances de ir a outros lugares se reduziram a nada, pois não havia transporte de nenhum tipo, sem barcos, sem cavalos, sem bois.

[...] De manhã, saímos atrasados por causa da “eterna” ou “infernai” fumaça, depois das florestas, meu único problema, como normalmente, era falta de comida, mesmo assim assumi o risco – e ainda não sei o tamanho desse risco – e fico imaginando o tamanho dele.³⁸⁶

As cartas não só aproximam como também dizem muito acerca de quem escreve e também revelam sobre quem recebe: “Cartas não são meras folhas soltas de papel. Aqui se encontram cartas que criaram laços e guardam consigo os sinais de parte de um tempo, mostram formas próprias e singulares de um relacionamento social [...]”³⁸⁷ O diálogo que Kozák manteve com os amigos, pela via de sua correspondência, permite desvendar muito do que foi sua experiência, aventuras e dos sentimentos que envolveram a trajetória deste personagem e suas relações. Ainda que sejam observados silêncios, é possível questionar o conteúdo das missivas, buscando indícios do significado da experiência da amizade para ele.

3.1 AS AMIZADES DO “LOBO SOLITÁRIO”

Procurando os amigos, percorro seus escritos.
Anne Vincent-Buffault

A amizade é um componente significativo na vida de qualquer pessoa, é um espaço social que possibilita a criação de vínculos sociais

³⁸⁶ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Marjory D. Baillon**. Pará, 20 set. 1954. 2 f. Glenbow Foundation.

³⁸⁷ BASTOS; CUNHA; MIGNOT. *Op cit.*, p.6.

e emocionais e que se caracteriza, especialmente, pela livre escolha e afeição pessoal.³⁸⁸ Trata-se de uma relação humana que apresenta características particulares; é capaz de romper distâncias e ampliar horizontes, consolidando um espaço de conversação franca e de troca cultural e pessoal.

Amizade é um laço que se constrói fundado em um vínculo interpessoal afetivo envolvendo um “processo de negociação constante sem regras pré-determinadas”.³⁸⁹ É absolutamente inviável buscar enquadrar o amigo em um padrão específico, como tempo de conhecimento ou relação familiar ou alguém que tenha os mesmos gostos. A amizade refere-se a um espaço particular de confiança e confidência, compartilhamento de interesses, troca de ideias, pensamentos e palavras, numa relação livre de obrigações.

O personagem do amigo desempenha um papel relevante na vida dos indivíduos, contribuindo para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das pessoas.³⁹⁰ No caso de Kozák, um solitário, que manteve um cotidiano de isolamento social, com um reduzido círculo de amigos, laços de amizade foram mantidos pelo exercício da escrita. O corresponder-se ocupou lugar especial nas suas relações, fundamentando vínculos de amizade; através das cartas ele prolongou a convivência amistosa e manteve um diálogo íntimo com algumas pessoas selecionadas, dividindo interesses, preocupações e sentimentos.

³⁸⁸ ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

³⁸⁹ *Ibid.*, p.19.

³⁹⁰ SOUZA, Luciane Karine de Souza; HUTZ, Claudia Simon. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p.257-265, abr./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000200008>. Acesso em: 26/8/1014.

Utilizando-se da escrita ele manteve intensa conversação compartilhando muito de si e do outro.

“Ler uma carta é entrar em uma história sem conhecer a primeira palavra, sem saber o que aconteceu antes nem o que chegará depois, o que disse antes, nem o que se dirá depois.”³⁹¹ A retratista Gene Woiski, atenta às características da personalidade de Kozák e à dificuldade de fazer com que ele revelasse mais acerca de si, bem como contasse sobre eventuais problemas ou questões que o incomodavam, comentou sobre a solidão dele, apelidando-o de “lobo solitário”.³⁹² Aliás, quando ambos já estavam idosos, ela criticou este comportamento do amigo: “Professor, como você aprendeu a gostar da solidão? O que você faz com a vida, além de pintar, ler, comer (lavar os pratos) e dormir? Você ainda vai às suas viagens? Diga-me.”³⁹³

Ainda censurando a solidão do engenheiro, em dado momento ela, ao mesmo tempo em que questionou, carinhosamente ofereceu sua amizade, perguntando acerca do lugar ocupado pelas cartas nas suas relações, observando-as como um meio de preencher o vazio da solidão e um remédio para espantar a tristeza. “Não sinta-se sozinho, Kozák, aqui está alguém que está sempre pensando em você, que muitas vezes está ao seu lado com uma ‘mão sobre seu ombro’ de uma forma amigável quando você se sentir triste. Nossas cartas ajudam,

³⁹¹ DAUPHIN e POUBLAN. *Op cit.*, p.76.

³⁹² *Lone Wolf*. WOISKY, Gene. WOISKY, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 5 set. 1968. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 09 jan. 1971. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa; WOISKY, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 14 dez. 1971. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa; WOISKY, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 16 dez. 1974. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

³⁹³ WOISKI, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 07. mar.1975. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

não?”³⁹⁴ Em outra ocasião, a mesma amiga observou: “Você pode descansar no meu ombro amigo quando estiver com a cabeça cansada. Até o lobo solitário, que usualmente rosna, gosta de uma mão acariciando.”³⁹⁵

Kozák manteve uma regularidade na escrita com seus correspondentes, criteriosamente, anotando na maioria das cartas respondidas o manuscrito, “*answered in xx*” (data). Analisando, atentamente, o conteúdo de seu conjunto documental, é possível perceber que alguns desses correspondentes tiveram uma participação bem mais expressiva na vida dele, adquirindo o status de amizade, como a relação com o casal de antropólogos americanos Robert Carneiro e Gertrude Dole e com a canadense Marjory Baillon.

O casal de antropólogos, que na intimidade tratavam-se como “Bob e Trudie,” revela um diálogo que se estendeu desde 1953 até a morte de Kozák. A comunicação entre eles sempre esteve muito voltada a questões de cunho mais profissional e um intenso interesse de ambos em prestigiar o trabalho do amigo.

A segunda correspondente, Marjory Baillon, é a amiga escolhida, alguém, aparentemente, mais próximo, com quem o diálogo se tornou bem mais intimista. Trata-se de uma conversação de quase 40 anos, em que efetivamente foram compartilhados sentimentos e ressentimentos.

Na tentativa de explorar o conteúdo dessa troca epistolar é conveniente esclarecer alguns aspectos referentes à escrita e informações mínimas sobre quem eram esses correspondentes.

³⁹⁴ WOISKI, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 07. jan.1969. 2 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

³⁹⁵ WOISKI, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 16 dez.1974. 1 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

3.1.1 Os antropólogos “*Bob e Trudie*”

É particularmente interessante a relação de Kozák com o casal Robert Carneiro e Gertrude Dole, “*Bob e Trudie*”. Embora a conversa entre eles não tenha o caráter intimista como se apresenta o diálogo com Marjory Baillon, ele foi significativo e não somente interferiu, envolvidos no mesmo interesse (o conhecimento sobre a cultura e os costumes dos índios americanos) como também estimulou o trabalho de Kozák, forçando, em muitos momentos, a sua produção.

O antropólogo americano Robert Leonard Carneiro formou-se em 1949, na Universidade de Michigan, e doutorou-se em 1957. Foi professor da Universidade de Wisconsin e trabalhou vinculado ao Museu Americano de História Natural, em paralelo a cargos de professor visitante na Universidade da Califórnia e outras universidades. Foi curador do *American Museum of Natural History* de Nova Iorque. É autor de livros de antropologia e realizou estudos de campo no Brasil e Peru, interessado em teoria da cultura, origens da cultura e transformações.

Robert Carneiro foi casado com Gertrude Dole (1915-2001), também antropóloga e pesquisadora, especialista em etnologia sul-americana, que publicou mais de 70 trabalhos, três livros e dois filmes. Ela foi considerada uma pioneira nesta área, pois, em 1952, conduziu sua primeira expedição de pesquisa na província de Matanzas, Cuba. Também foi antropóloga do *American Museum of Natural History* e deu aulas na *Columbia University e Vassar College*.³⁹⁶

³⁹⁶ CHERNELA, Janet. Gertrude Dole (1915-2001). **Tipiti**: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America, San Antonio, Texas, v. 3, article 9. p. 95-101, 2005. Disponível em: <<http://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol3/iss1/9/>>. Acesso em: 10/11/2012.

O casal veio para o Brasil em 1953 com o objetivo de estudar os índios Kuikuro do Alto Xingu, no Brasil Central. Casualmente durante a viagem, em um avião da Força Aérea Brasileira, conheceram Vladimir Kozák, que também era passageiro no mesmo voo. Antes que o avião chegasse ao destino final houve uma parada em Santa Iza-bel, na Ilha do Bananal, no rio Araguaia e, aproveitando a ocasião e o interesse de ambos, Kozák, levou-os a conhecer um “núcleo dos índios Karajá, que ele já conhecia de visita anterior.”³⁹⁷

Os antropólogos ficaram “impressionados com o seu conhecimento sobre índios e sua excelente documentação fotográfica sobre eles.”³⁹⁸ Quando eles retornaram aos Estados Unidos, passaram a se corresponder, trocando informações sobre suas experiências de viagens e pesquisas sobre os índios sul-americanos, estabelecendo uma relação que perdurou por mais de 25 anos e que desde o início se transformou em um diálogo a três, já que Gertrude Dole participou da conversação, uma vez que em muitas das missivas assinou juntamente com o marido: “Bob e Trudie.”

O diálogo entre eles facilitou contatos, deslocamentos e pesquisas para todos. Se, por um lado, Kozák indicou meios para facilitar o deslocamento no interior do país, deu informações e posições geográficas naquele momento de difícil referência, o casal, por sua vez, percebendo a qualidade do trabalho desenvolvido por ele, colocou-o em contato com pessoas e instituições que poderiam se interessar por sua produção.

³⁹⁷ CARNEIRO. *Op cit.*, p.14.

³⁹⁸ *Id.*

Estamos interessados em saber dos Kaingang [sic]. Apreciaríamos muito que você enviasse mais informações sobre eles. Também estamos muito ansiosos de ouvir sobre suas viagens desde que você nos escreveu pela última vez. É fácil obter uma carona para o interior com a FAB ou a Fundação? [...]

Obrigado por colocar a localização das tribos Kayapó no nosso mapa e devolver. Por acaso você sabe se os Kayapó do Sul que são relatados perto do curso superior dos rios Kuluene e Kuliseu são grupos distintos dos Xavantes? [...] Bob e Trudie.³⁹⁹

Os trabalhos de pesquisa geralmente eram realizados em locais inóspitos e com pouco ou nenhum recurso. Quando Gertrude comentou acerca de sua falta de habilidade com a máquina fotográfica e a dificuldade que tinha para transportar e preservar filmes, Kozák orientou o casal quanto aos cuidados necessários. Assim, quando retornaram de viagem ao Peru, escreveram contando em detalhes sua experiência e agradecendo as instruções: “felizmente não perdemos nenhum filme do Peru, porque seguimos sua orientação na ida a campo: sílica gel e condições de conservar.”⁴⁰⁰

O interesse em comum, os índios e a constante busca de conhecimento de sua cultura, criou um elo significativo entre eles e contribuiu para a reciprocidade, cujo resultado foi uma estreita ligação caracterizada pela ajuda mútua. Mantendo o respeito pela experiência

³⁹⁹ CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. Michigan, 16 out. 1955. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁰⁰ CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 27 set. 1961. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

de Kozák, eles buscaram se inteirar dos métodos e das pesquisas utilizadas pelo engenheiro questionando-o: “nós desejamos saber do modo etnográfico que você tem usado nos últimos três meses e dos novos e excitantes planos que tem.”⁴⁰¹

É interessante observar que foram estabelecidos paralelos e comparações no diálogo sobre a cultura indígena. Por exemplo, após adquirir alguns artefatos indígenas no Peru, Robert Carneiro perguntou para Kozák acerca da utilização de zarabatanas pelos índios do Brasil. “Comprei algumas zarabatanas de índios do Peru para o Museu, gostaria de saber se você já observou este costume nos índios brasileiros?”⁴⁰² Em outra ocasião, após Kozák escrever a ele sobre alguns detalhes do modo de vida dos Xetá, Robert Carneiro procurou saber mais detalhes do grupo e perguntou especificamente se havia algum tipo de tecelagem na cultura Xetá.⁴⁰³

Como foi anteriormente mencionado, as viagens de campo com objetivo de registros etnológicos eram de modo geral difíceis e trabalhosas, e Kozák tinha grande experiência em organizá-las. Em 1961, comentou com o conterrâneo Faulhamer como se davam estes preparativos:

26.6.1961 - [...] o retorno de uma viagem significava o início de preparativos para outra mais distante. [...] Muitas vezes prometi

⁴⁰¹ CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. University of Wisconsin, 27 fev. 1956. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁰² CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 08 jul. 1974. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁰³ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 29 mar. 1967. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

a mim mesmo que nem o diabo me levaria novamente para aquele inferno, quando então me encontrava mais faminto do que um cão índio. Mas depois aquilo não me dava sossego e começava a planejar mais uma turbulenta caminhada.⁴⁰⁴

Desse modo, quando uma viagem que vinha sendo programada há bastante tempo pelo casal não aconteceu, deixando-os frustrados, Kozák consolou-os, relatando a sua própria experiência e as medidas que tomava para evitar falhas em seus planos de viagem. Consciente de que o imprevisível rondava as excursões e pesquisas de campo, simplesmente elaborava mais de um plano, deixando bem claro que fatores imponderáveis poderiam alterar qualquer planejamento previamente traçado.

Sinto-me triste por ter falhado o seu plano de vir ao Brasil. Claro que eu sei desses problemas, pois eu tenho estes em cada uma de minhas viagens. Eu nunca sei se eu vou para o campo, de que forma até o último minuto. Eu posso precisar mudar meus planos completamente. Isto ocorre, exatamente, devido a falta de fundos, pois tentar obter algum transporte um pouco mais barato é quase sempre tirar as coisas para fora dos trilhos. Usualmente faço três ou até quatro planos para minha excursão. Se um falhar, eu tenho outro e outro. Quando as pessoas me perguntam para onde você vai desta vez, a minha resposta é sempre a mesma: "Até agora eu não estou certo, mas quando eu voltar, de bom grado vou lhe

⁴⁰⁴ Comemorando o 80º aniversário de Vladimír Kozák. (*Kosmadesátinám Vladimíra Kozáka*). **Jornal de Bystrice ped Hestýmém**, Bystrice ped Hestýmém, República Tcheca, 1977, p.29-31. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução de Ivone Vasconcelos.

dizer onde eu estive." Se eu tivesse dinheiro, claro, os meus planos seriam específicos, mas eu não sou o Sr. James Marshal, que tem um grande avião e muito dinheiro.⁴⁰⁵

Como pessoas inseridas no meio acadêmico, Robert Carneiro e Gertrude Dole, desde seu primeiro encontro, estiveram sempre manifestando interesse e estimulando a publicação do material de Kozák. Segundo Baxter, o antropólogo “deu incentivo para que a documentação de Kozák sobre a elaborada cerimônia funeral Bororo fosse publicada.”⁴⁰⁶

No intercâmbio epistolar, Kozák regularmente enviava fotos de suas viagens e contatos indígenas ao casal, relatando algumas de suas aventuras e aspectos culturais do cada grupo visitado. Esse material, além de valorizado, foi tomado como referência, de diferentes formas, pelos antropólogos americanos. Gertrude utilizou as imagens e o conteúdo das missivas nas suas aulas expositivas na Universidade, conforme ela conta ao amigo. “Eu tenho usado suas fotos dos Bororo e dos Xetá nas minhas aulas. E também as informações de suas cartas.”⁴⁰⁷ Segundo ela, este método despertou maior interesse dos alunos pela disciplina.

De posse desse material, o casal apresentou-o a outros profissionais, como o editor da revista de História Natural *do American Museum of Natural History* de Nova Iorque, que após ver as imagens propôs a elaboração de um texto descrevendo a cerimônia.

⁴⁰⁵ KOZÁK, Vladimír. **Carta para Bob e Trudie**. Curitiba, 07 maio 1959. 1 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁰⁶ BAXTER. *Op cit.*

⁴⁰⁷ DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimír Kozák**. [?], 21 dez. 1975. 2 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

Mostramos as suas fotos para John Purcell, o novo editor da *História Natural*⁴⁰⁸ e ele gostou. Ele gostaria de publicar a história do funeral Bororo com as fotos. [...] Você deve escrever uma história com as fotos. Purcell quer valorizar as fotos, não o texto. Você deve saber mais sobre a cerimônia. [...] Nós teremos muito prazer em ver este projeto se materializar. Nós estamos ansiosos por ter pessoas no Museu aprendendo sobre suas fotografias trabalhando com os índios. Seria bom se isto levar a algo mais.⁴⁰⁹

Desse modo, pela interferência pessoal de Robert Carneiro e Gertrude Dole, que se propuseram a auxiliar na elaboração do texto, foi produzido o material para a publicação do ritual de funerário dos índios Bororo do rio São Lourenço,⁴¹⁰ no estado do Mato Grosso. O que é particularmente interessante e, realmente, chama a atenção, merecendo destaque, é a estreita cooperação havida entre eles – parece que Kozák encontrou no casal o apoio e o respeito que não obteve no Brasil, pois eles não só compartilharam experiências, como também trabalharam juntos.

Nessas circunstâncias, o casal assumiu a condição de gestores do que eles mesmos denominaram de “projeto,” com um permanente contato e troca de cartas para preparar o texto de acordo com as regras exigidas pela revista e para a seleção das fotografias a serem utilizadas na publicação. Nesse momento, Kozák reconheceu a sua limitação nesta espécie de trabalho, apoiando-se na experiência do casal e mostrou-se grato pelas instruções. “Agradeço as sugestões porque

⁴⁰⁸ REVISTA *Natural History*, American Museum of Natural History.

⁴⁰⁹ CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 19 jun. 1958. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴¹⁰ KOZÁK, Vladimir. *Ritual of a Bororo Funeral*. **Natural History**, New York. 1963.

realmente não sei, não estou familiarizado acerca de tamanho de artigos e fotos.”⁴¹¹

Como o produto final, o texto, demorou a ficar pronto, exigindo diversas revisões e acertos, que poderiam em algum momento vir a desanimar o autor, em diferentes ocasiões ele recebeu o estímulo necessário para prosseguir: “Estamos muito satisfeitos com o progresso. Nós e o editor estamos tremendamente impressionados. Bob e Trudie.”⁴¹²

A relação entre os três sempre se apresentou permeada de respeito e consideração das partes. Além de um diálogo franco e transparente, as cartas evidenciam que nenhum deles tentou obter vantagem indevida do trabalho do outro. Na mesma ocasião em que estavam revisando o texto sobre os Bororo, o casal propôs que na publicação constasse como indicação de autoria “Vladimir Kozák, com a colaboração de Robert L. Carneiro e Gertrude Dole.”

Esse mesmo respeito se observa em diversas outras ocasiões. Robert Carneiro se preocupou em solicitar autorização de Kozák para utilizar suas imagens, embora, rotineiramente, ele recebesse fotografias enviadas das atividades do amigo como presente. É perceptível um exemplo desse comportamento quando o antropólogo recebeu a foto de um índio Xetá cortando uma árvore caída com seu machado de pedra que gostaria de utilizar para publicar um artigo sobre os Amahuaca. Ele agradeceu a foto e, objetivamente, perguntou de modo claro sobre a possibilidade de comprar as fotos. “Posso ficar com algumas fotografias que enviou? Quero pagar por elas.”⁴¹³

⁴¹¹ KOZÁK, Vladimir. **Carta para Bob e Trudie**. Curitiba, 07 maio 1959. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴¹² CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 09 ago. 1958. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴¹³ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 24 ago. 1972. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

Em outro momento o procedimento foi semelhante, ele buscou ser bem explícito quanto à sua forma de proceder, esclarecendo que se sentia gratificado pela oferta, mas enfatizava que estaria sempre respeitando a autoria e, portanto, pediria permissão para o uso das fotografias do engenheiro.

Eu aprecio muito a sua oferta de permitir que eu use suas maravilhosas fotografias em conexão com as minhas publicações sobre os índios da Amazônia. É uma oferta muito generosa e tenho o prazer de aproveitar. Mas eu sempre vou creditar-lhe a fotografia, e sempre pedirei permissão, especificamente cada vez.⁴¹⁴

E, assim que foi comunicado acerca da conclusão do texto sobre os Bororo, Kozák recebeu uma cópia do material. Nessa ocasião disse que gostou bastante do conteúdo e solicitou alguns exemplares para enviar a amigos.⁴¹⁵

⁴¹⁴ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 08 jul. 1974. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴¹⁵ Na carta há um manuscrito do autor, em que estão relacionados dez nomes: Loukotka [Cestmir], Peon [José], Blasi [Oldemar], Westphalen [Cecília], Pilati [Altiva Balhana], Loureiro [José], Gene [Woiski], Marjory [Baillon], Moje[?], Wrench [Robert], Hurt [Wesley R., Diretor da State University of South Dakota, Vermillion, USA].

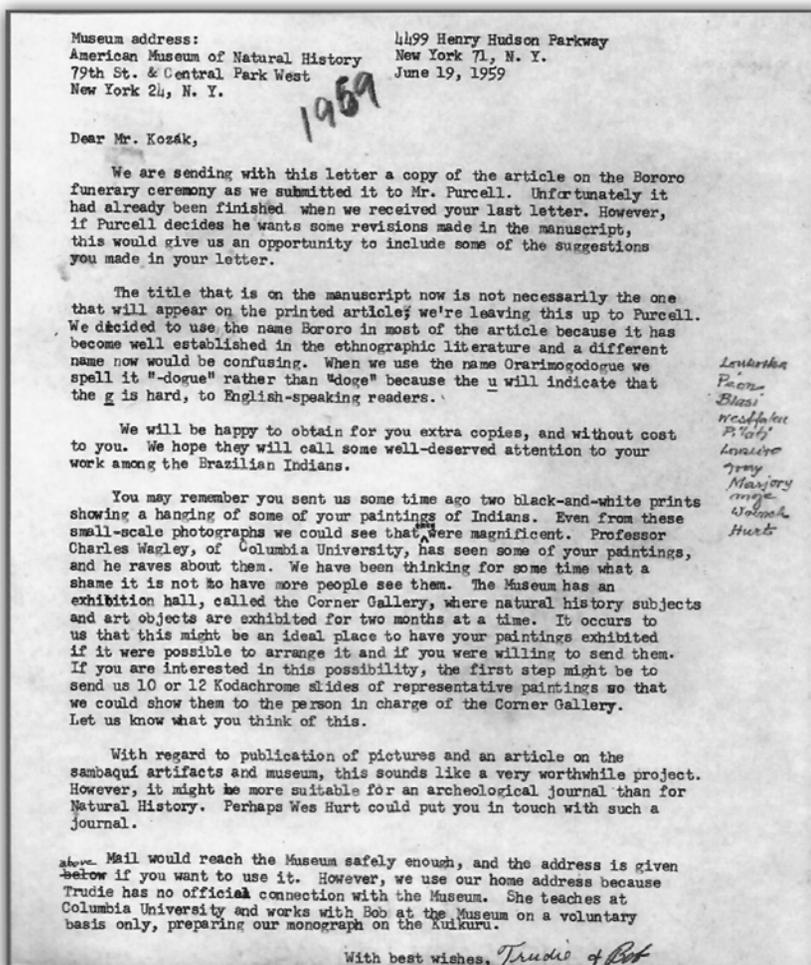


FIGURA 11 - CARTA COM ANOTAÇÃO DE KOZÁK

Acervo Museu Paranaense/SEEC-PR.

O casal acompanhou, em detalhes, os contatos de Kozák com os diversos grupos, mas especialmente, com os índios Xetá. As diversas viagens, frustrações e sucessos foram descritos na troca epistolar; assim, do mesmo modo como sugeriu o artigo sobre os Bororos, tempos depois

Robert Carneiro propôs a elaboração de novo texto “se estiver interessado em fazer um artigo para a revista *Natural History*, desta vez sobre os Xetá.”⁴¹⁶ E, caso ele considerasse viável e aceitasse a proposta, deveria enviar mais fotos e informações sobre o grupo.⁴¹⁷

Mas falar do artigo sobre os Xetá exige bem mais que uma simples citação, torna-se necessário esclarecer acerca do encontro de Kozák com estes índios, que é emblemático para revelar aspectos de fatos que, sem dúvida alguma, revelam muito dos sentimentos e das relações pessoais do engenheiro. Várias situações descritas adiante somente podem ser compreendidas a partir do esclarecimento de detalhes desse encontro.

Quando em 1954, surgiram notícias da existência de uma desconhecida e “estranha tribo de índios”⁴¹⁸ na Serra dos Dourados, noroeste do Paraná, a 7ª Agência do Serviço de Proteção ao Índio organizou uma expedição que resultou infrutífera, da qual Kozák não participou. Pouco tempo depois, em novembro de 1955, nova diligência foi organizada, dessa vez contando com a presença de Vladimir Kozák como fotógrafo da Universidade. “Essa expedição encontrou 16 índios Xetá acampados temporariamente numa pequena fazenda, próxima à orla da floresta.”⁴¹⁹ Segundo Kozák, nessa ocasião “fizemos

⁴¹⁶ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 1º. out.1964. 2 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴¹⁷ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 05 nov. 1964. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴¹⁸ KOZÁK, Vladimir. **A história dos Hetá**. 64 p. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR.

⁴¹⁹ CARNEIRO. *Op cit.*, p.14.

visita ao acampamento dos Xetá e conseguimos fazer anotações interessantes. Consegui filmar também dois rolos de *Kodachrome*.”⁴²⁰

A partir da publicidade desse encontro, o que se observou foi uma verdadeira corrida, com jornalistas e pesquisadores disputando a primazia em registrar e divulgar a “descoberta” do grupo. Em contrapartida, ocorreram algumas situações que, seguramente, geraram desconfortos e ressentimentos no engenheiro.

Na segunda ida de Kozák à região onde foram encontrados os remanescentes dos Xetá houve uma divergência com o chefe da expedição, Loureiro Fernandes. Kozák desejava permanecer um período mais longo no local, a fim de produzir um número maior de imagens e anotações sobre o modo de vida original do grupo. Até mesmo porque ele percebeu que não existiria depois para aquelas pessoas, pois os costumes antigos já estavam sendo abandonados e eles “logo não se lembrariam de nada.”⁴²¹ No entanto, nesse momento começaram a surgir as diferenças de pensamento entre Kozák e Fernandes e simplesmente não houve acordo entre eles. Três dias após o contato com os Xetá, Fernandes, usando de sua autoridade como chefe, determinou o retorno a Curitiba, ainda que estivesse cômico de que os registros sobre o grupo estavam incompletos. O resultado dessa medida foi que nunca mais esse grupo foi contatado e a Universidade não retomou qualquer contato ou pesquisa sobre ele.⁴²²

⁴²⁰ KOZÁK, Vladimir. **A história dos Hetá**. 64 p. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR.

⁴²¹ *Id.*

⁴²² RODRIGUES. Aryon Dall’gnol. Reminiscências de Loureiro Fernandes. **ARQUEOLOGIA**: Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, n. 3. p.58, 2005.

Nunca ficou esclarecido o motivo pelo qual Fernandes impôs o retorno. O linguista Aryon Dall'Ignol Rodrigues⁴²³ afirmou que “pode” ter ocorrido uma hipersensibilidade do Diretor às picadas de mosquitos. Mas esta é tão somente uma hipótese acerca dos fatores que precipitaram o retorno de Loureiro a Curitiba. Outra explicação possível está na divergência de interesses; se Loureiro Fernandes estava preocupado com a primazia da publicação de material sobre os índios, Kozák estava interessado no destino dos índios e no registro de sua cultura.

A segunda visita de Kozák aos Xetá teve lugar dois meses depois, em fevereiro de 1956, através de outra expedição do Serviço de Proteção ao Índio. Esta, dirigida pelo Dr. José Loureiro Fernandes, da Universidade do Paraná, teve a felicidade de fazer contato com um pequeno grupo de Xetá, acampado dentro da floresta. Para grande despontamento de Kozák, três dias após localizar esse acampamento, o dirigente da expedição resolveu deixar os Xetá e retornar à civilização. Nunca mais se encontrou esse grupo de Xetá.

Ao passo que a Universidade do Paraná não retomou seu trabalho com os Xetá, Kozák manteve seu vivo interesse na tribo, e, por seu próprio esforço e sem financiamentos de terceiros, retornou muitas vezes para junto dos Xetá.⁴²⁴

Como nessas primeiras expedições à Serra dos Dourados havia pouco material para filmar, ou seja, a Universidade não possuía a quantidade de filmes necessária, Kozák buscou apoio material e financeiro para solucionar esse impasse, mas não obteve. De qualquer

⁴²³ *Ibid.*, p.59.

⁴²⁴ CARNEIRO. *Op cit.*, p.14.

modo, mesmo sem ajuda ele prosseguiu e graças ao esforço pessoal e persistência ele conseguiu, às suas expensas, produzir um documentário sobre o grupo: “empenhei-me ao máximo em descobrir como viviam e como confeccionavam os utensílios de uso diário e demais objetos que facilitavam sua sobrevivência num meio ambiente hostil.”⁴²⁵

Aliás, esses encontros de Kozák com os índios Xetá foi acompanhado regularmente, com bastante interesse e questionamentos ao longo dos anos, pelos antropólogos americanos, que estavam sempre perguntando sobre eles.

Que surpresa encontrar uma tribo de índios desconhecida no interior do Paraná. Você sabe que língua eles falam? Nós desejamos fotos deles.⁴²⁶

Ouvimos que a 2ª. viagem ao rio Ivaí não foi bem sucedida. Nós lembramos o que você temia que pudesse acontecer e porque você queria estudar mais durante o primeiro contato. Nós desejamos que a 3ª expedição, que nós acreditamos está sendo planejada, seja bem sucedida.⁴²⁷

Como estão os meninos Xetá? É uma estranha história de fato, sobre eles terem chegado a Curitiba antes mesmo da civilização encontrá-los.⁴²⁸

⁴²⁵ KOZÁK, Vladimir. **A história dos Hetá**. 64 p. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR. p. 28.

⁴²⁶ CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. University of Wisconsin, 27 fev. 1956. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴²⁷ CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 10 out. 1957. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴²⁸ CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 29 jun. 1958. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

Foi bom saber de sua viagem a Villa Rica e saber de seus projetos com os Xetá.⁴²⁹

Satisfeitos por saber que conseguiu encontrar os Xetá novamente.⁴³⁰

Como foi a filmagem que fez com os Xetá sobre tratamento de picada de cobra?⁴³¹

Em 1960, quando Kozák retornou da Serra dos Dourados, ele escreveu para os amigos, expressando sua satisfação: “Retornei de uma viagem aos Xetá que foi a mais calma que já fiz. Eles fizeram algumas pequenas peças para mim. Eu tenho 16 peças desta arte. [...] Eles são artistas modelando pequenos animais que eles conhecem.”⁴³²

É verdade que, na época em que foram descobertos, utilizavam ainda ferramentas da idade da pedra; sabiam fabricá-las, mas, além disso, tinham desenvolvido uma técnica bastante avançada de confeccionar utensílios de ossos e objetos de madeira. Não só isso: eram peritos na fabricação de figuras de cera e na tecelagem. [...]⁴³³

Segundo Robert Carneiro, ao longo dos anos, foram inúmeras as visitas de Kozák aos Xetá, buscando-os incessantemente na floresta,

⁴²⁹ CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 16 maio 1960. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴³⁰ CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 1º out. 1964. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴³¹ CARNEIRO, Robert L.; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 04 fev. 1974. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴³² KOZÁK, Vladimir. **Carta para Bob e Trudie**. Curitiba, 05 jan 1960. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴³³ KOZÁK, Vladimir. **A história dos Hetá**. 64 p. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR. p. 11.

fazendas e cidades onde tinha notícias de sua presença, e “durante essas visitas continuou a tomar notas sobre sua cultura e fotografá-los abundantemente.”⁴³⁴

A divergência de ideias entre Loureiro e Kozák, o desejo deste de permanecer no local a fim de obter um material mais consistente e o seu sentimento de frustração foi observado e comentado pelo casal que reconheceu as imagens publicadas no artigo de Loureiro Fernandes e criticou a utilização das fotografias. “Acabamos de ver o artigo de Loureiro sobre ‘Os índios da Serra dos Dourados’ com suas boas fotografias dos Xetá. Deve ter sido doloroso não ter liberdade para ficar ao redor e obter mais material sobre eles.”⁴³⁵ Ou ainda, a observação “a história dos Xetá apareceu na revista Times recentemente e nós vimos que as fotos eram suas.”⁴³⁶

Não resta dúvida de que Kozák se dedicou e se envolveu profundamente na pesquisa com os Xetá. Para produzir suas imagens fotográficas e cinematográficas foram inúmeros encontros e longas conversas com estes índios. Conseguir que eles lhe dissessem acerca de costumes ancestrais, contassem acerca de seus hábitos e sua mitologia exigiu muito tempo e paciência. Ainda que haja poucas informações sobre o grupo, o que existe registrado foi resultado da habilidade do engenheiro em criar um ambiente de confiança que deixou essas pessoas à vontade para contar do seu passado.

São muito limitadas as informações que se tem sobre eles e, antes que qualquer pesquisa aprofundada pudesse ser feita

⁴³⁴ CARNEIRO. *Op cit.*, p.15.

⁴³⁵ CARNEIRO, Robert L. e DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 23 jun. 1960. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴³⁶ CARNEIRO, Robert L. e DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 23 jan. 1959. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

sobre sua raça, desapareceram da face da terra. Muito pouco, portanto, é o que podemos contar. [...] Afora as informações que fiz pessoalmente, muitos incidentes me foram relatados pelos índios mais idosos que se serviam de seus filhos mais velhos como intérpretes.⁴³⁷

O resultado desses encontros apresenta-se nos inúmeros blocos de anotação com textos e desenhos, assim como nas diversas relações de palavras e expressões com significados, em português, tcheco ou inglês. Quando no diálogo com os índios surgiam dificuldades para compreender algum mito, palavras ou sons, Kozák fornecia papel e lápis e a explicação surgia através de desenhos feitos pelos próprios Xetá.



FIGURA 12 - XETÁ ESCAPANDO DE MASSACRE
KOZÁK, Vladimír. 195-. Acervo Museu Paranaense/SEEC-PR.

⁴³⁷ KOZÁK, Vladimír. **A história dos Hetá**. 64 p. Datilografado. p.11. Museu Paranaense/SEEC-PR.

Nessas circunstâncias, é plenamente compreensível o significado das palavras de Robert Carneiro, manifestando o pesar com a situação do grupo indígena e, no entanto, valorizando o empenho pessoal do amigo para manter registros da cultura Xetá. “Naturalmente é muito angustiante ouvir que a última família de Xetá morreu em maio deste ano. Em meio à amargura, porém, deve haver alguma satisfação em saber que sem seus esforços muito menos se saberia sobre esta cultura única.”⁴³⁸

Acompanhando os contatos de Kozák com os Xetá, Robert Carneiro e Gertrude Dole partilharam indiretamente das dificuldades e falta de apoio financeiro para o amigo prosseguir os pretendidos registros. Portanto, eles interferiram, utilizando sua rede de relações para tentar obter alguma uma ajuda, por intermédio de quem, na ocasião, tinha acesso a recursos financeiros para subsidiar a pesquisa, o representante da UNESCO Alfred Métraux.

Nós falamos com Alfred Métraux⁴³⁹ recentemente. Ele vai para o Brasil e está indo encontrar-se com Herbert Baldus⁴⁴⁰ em São Paulo. Ele disse que Baldus está indo fazer uma

⁴³⁸ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 17 out. 1967. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴³⁹ Alfred Métraux, antropólogo, historiador e arqueólogo, nascido na Suíça. Estudou na Sorbonne e na Universidade de Gothenburg. Professor da Universidade de Tucuman, na Argentina, foi o fundador e o primeiro diretor, do Instituto de Etnologia da Universidade. Na década de 1930 foi professor em diversas universidades americanas. Foi pesquisador da *Smithsonian Institution* de Washington. A partir de 1946 desempenhou diversos cargos, como conselheiro da ONU e da UNESCO. Em 1950, tornou-se membro permanente do Departamento de Ciências Sociais da Unesco. MACAGNO, Lorenzo. Alfred Métraux: antropologia aplicada e lusotropicalismo. In: **Etnografica**. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Lisboa, Portugal, V. 17, n. 2, p.217-239, 2013. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/3100?lang=en>>. Acesso em: 30/6/2014.

⁴⁴⁰ Baldus, nota de rodapé n° 227.

expedição aos Xetá. Talvez você possa se encontrar com eles. Certamente eles podem se beneficiar de sua experiência com os Xetá.⁴⁴¹

Após novo encontro com o representante da Unesco, eles reafirmaram: “a semana passada nós falamos com Alfred Métraux que disse dos planos da Unesco de tentar visitar os Xetá. Dele é possível [obter] fundos da Unesco para estudar os Xetá.”⁴⁴² Mas, impaciente com a demora em receber uma resposta, Gertrude Dole reiterou sua comunicação com o representante da Unesco, encaminhando à Kozák uma cópia da carta enviada à Métraux, na qual ela sugeria a ele que fizesse uma visita aos Xetá.⁴⁴³ Nessa mesma correspondência, ela aponta a qualidade do trabalho de Kozák, fazendo referência aos registros imagéticos e o reconhecimento destes pelo linguista Cestmir Loukotka, em publicação na *Acta Ethnographica Academie Scientiarum Hungaricae*,⁴⁴⁴ e pelo geólogo Reinhard Maack,⁴⁴⁵ na revista alemã *Kosmos*.

⁴⁴¹ CARNEIRO, Robert L. e DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 11 jul. 1961. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁴² CARNEIRO, Robert L. e DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 17 set. 1962. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁴³ DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 26 out. 1962. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁴⁴ Revista húngara que publica pesquisas científicas no campo da etnografia, folclore e antropologia cultural e social.

⁴⁴⁵ Reinhard Robert Richard Maack (1892-1969): geólogo e explorador alemão. “Maack, foi, provavelmente, um dos maiores exploradores-cientistas que o Paraná já teve. Apesar de apaixonado pela Alemanha, foi no Estado do Paraná que passou a maior parte de sua vida.” CASAGRANDE, Alessandro. O incansável Explorador Reinhard Maack. In: ARDIGÓ, Fabiano (org.). **Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960)**. São Paulo: Contexto, 2011, p.314.

No que se refere a essa publicação do linguista tcheco, o casal comentou o artigo com Kozák, demonstrando satisfação pelos créditos dados ao seu trabalho.

Um de nós (Trudie) recentemente descobriu um artigo de Loukotka sobre os Xetá em um periódico húngaro *Acta Ethnographica*. Ele deu todos os créditos das fotografias e vocabulário utilizados a você. Seu nome consta na bibliografia. É bom ver você obtendo crédito pelo seu trabalho.⁴⁴⁶

Apesar de ter sido mencionada positivamente pelos antropólogos americanos, a publicação de Reinhard Maack suscita algumas dúvidas. Isto porque, em 1962, Kozák recebeu a correspondência de Gertrude Dole comentando acerca de uma publicação na revista alemã *Kosmos* que mencionava o trabalho dele com os índios. “Aliás, vimos recentemente o seu trabalho com esses índios, em artigo de Reinhard Maack na *Kosmos*.”⁴⁴⁷ No Brasil, também lhe perguntaram se ele tinha conhecimento da publicação. Foi quando ele solicitou a amigos para localizarem a revista, o que parece não foi fácil, e exigiu idas e vindas em Santa Catarina.

Há mais ou menos 15 dias atrás recebi sua primeira carta e de imediato procurei localizar em Ibirama o professor alemão que possui a revista *Kosmos* com o artigo de Maack sobre os “Xetá.” [...] O professor alemão de Ibirama PRO-METEU, firmemente, entregar ao nosso amigo Lucas, no

⁴⁴⁶ CARNEIRO, Robert; DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. [?], [19--]. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁴⁷ DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 26 out. 1962. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês. Tradução nossa.

próximo dia 5, a encantada revista *Kosmos* e no dia 06 estará em minhas mãos. Penso chegar em Curitiba no dia 12 e a levarei.⁴⁴⁸ (Grifo do autor).

Do Eduardo soubemos também ele ter apreciado referência e fotografias suas (dos índios Xetá), em artigo de Reinhard Maack, publicado na revista alemã *Kosmos*. Como ficamos em dúvida se o amigo conhecia sobre citado artigo, fomos a Ibirama e ao dono da revista pedi-la emprestada. Não vai pelo correio pela extrema desconfiança que temos dele, dia vinte devemos estar em Curitiba com revista e tudo.⁴⁴⁹

Na correspondência e anotações pessoais não foi localizada nenhuma resposta de Kozák a estas indagações. No entanto, há uma referência a este fato no texto de sua autoria “A História dos Xetá,” que gera dúvidas quanto à postura de Reinhard Maack e deixa a questão em aberto, tornando inconclusiva qualquer avaliação sobre o ocorrido e o uso autorizado ou não das imagens de Kozák.

Algum tempo mais tarde a revista alemã *Kosmos* publicou um artigo escrito por Reinhard Maack, o qual visitara a aldeia de Hatcuakan a convite do sr. Aryon Djalma Rodrigues. O sr. Maack permaneceu conosco apenas dezoito horas, ou, como ele mesmo relata, apenas pernitoiu em Santa Rosa, porque os auxiliares ouviram vozes a noite... vozes que vinham da floresta e que só podiam ser de índios! Amedrontados, insistiram em partir imediatamente. Se, porém, levarmos em conta o fato de que o Sr. Antonio Lustosa de Freitas

⁴⁴⁸ LIMA Júnior, Wismar Costa. **Carta para Vladimir Kozák**. Itajaí, 1º. set. 1976. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

⁴⁴⁹ LIMA, Lilly Costa. **Carta para Vladimir Kozák**. Itajaí [?], [196-]. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

trabalhara por dois anos na floresta, sempre observado pelos índios, sem que todavia, suspeitasse da presença deles, só poderemos estranhar as afirmações do sr. Maack. Talvez os “sons estranhos” devam ser atribuídos a animais que vagavam à noite pelo mato. Há inclusive, pessoas supersticiosas que atribuem qualquer som estranho ouvido no mato a espíritos maus ou coisa que o valha.⁴⁵⁰

Assim, com os elementos disponíveis até o momento não é possível compreender a percepção de Kozák quanto a Maack e sua publicação, pois nesse texto a referência dada ao “não encontro” é, perceptivelmente, irônica. Aliás, não há qualquer indício de que Kozák tenha fornecido ou autorizado o uso de suas imagens.

Em permanente diálogo, “Bob e Trudie” estiveram acompanhando a formação de boa parte da coleção de Vladimir Kozák. E, como professora universitária e pesquisadora, Dole ambicionava que um número maior de pessoas tivesse acesso ao conteúdo desse material. Portanto, quando uma parte dele foi comprado pelo Museu de Calgary, ela expressou sua opinião ao amigo: “Fiquei feliz que a Glenbow Foundation adquira seu material, porque se tornará acessível a pessoas interessadas. [...]”⁴⁵¹

Conforme desejava a antropóloga, uma “pequena” coleção de Kozák,⁴⁵² composta de artefatos dos Bororo, Kamayurá e Karajá, ficou

⁴⁵⁰ KOZÁK, Vladimir. **A história dos Hetá**. 64 p. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR.

⁴⁵¹ DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, dez. 1969. 4 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁵² Não foi possível identificar em que consistiu esta coleção.

nos Estados Unidos, adquirida pelo American Museum de Nova Iorque em 1971, em que Robert Carneiro afirmou:

Fiquei contente por ter aceitado 500 dólares em troca de suas coleções de artefatos sobre os Bororo, Kamayurá [sic] e Karajá. Reconheço que o montante é pouco adequado para sua pequena e bela coleção, mas é o que o Museu pode pagar. Depositarei o dinheiro no Banco do Canadá.⁴⁵³

A mesma postura a antropóloga teve quanto à produção filmica dele. Avaliou positivamente a qualidade dos filmes etnográficos e renovou sua compreensão deles, alegando que era “um desperdício não estarem em uma universidade”.⁴⁵⁴ Em outro momento, manifestando-se sobre os filmes e as fotografias, a amiga expressou sua admiração pelo trabalho e o desejo que o material de Kozák permanecesse nos Estados Unidos com acesso ao mundo acadêmico:

Você está de parabéns por fazer o melhor com seu talento e oportunidade em circunstâncias difíceis. Os seus filmes e pinturas dos índios e cenas de sua vida têm um valor incalculável. Eu sempre desejei que seus filmes estivessem em uma universidade dos Estados Unidos.⁴⁵⁵

Embora todos esses personagens transitassem em meios acadêmicos, que ingenuamente poderíamos pensar serem isentos de má fé, é perceptível as dificuldades no que concerne ao respeito à autoria

⁴⁵³ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 29 set. 1971. 1 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁵⁴ DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. [?], 21 dez. 1975. 2 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁵⁵ DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 1º. jan. 1977. 2 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

e possibilidade de perda ou apropriação de pesquisas. Desse modo, se em um primeiro momento Kozák ficou muito satisfeito com o fato de a Universidade de Sorbonne ter solicitado um de seus filmes para estudar, no transcurso do tempo, a ausência de resposta da universidade e a não devolução do original de seu filme geraram dúvidas e desconfiança. A carta de Gertrude Dole relatando a sua desagradável experiência com a mesma instituição apresentou-se como a confirmação de uma grande decepção.

Você mencionou em sua carta de janeiro último que a Sorbonne não devolveu o original de seu filme que você enviou para eles. Esta foi a minha experiência com ambos os meus filmes sobre os Kuikuro e Amahuaca [...]. Eu não espero rever meus originais novamente.⁴⁵⁶

O casal de antropólogos americanos participou ativamente das atividades do Kozák etnógrafo e prestigiou divulgando seu trabalho no meio acadêmico americano. Em 1965, Robert Carneiro comunicou-o do interesse da *Brigham Young University*⁴⁵⁷ nos seus filmes, assim como do seu conhecimento sobre os índios brasileiros.

Mr. James Jensen me visitou a semana passada e nós tivemos uma longa conversa. Ele me disse da possibilidade que a Brigham Young University o convidasse para exibir seus filmes e falar sobre os seus índios. Seria uma excelente coisa, e se isto acontecesse, certamente poderíamos tentar trazer você para Nova Iorque para leitura ou exibição de suas pinturas. Deixe-me saber como isto se desenvolve.⁴⁵⁸

⁴⁵⁶ DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 1º. jan. 1977. 2 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁵⁷ *Brigham Young University* (BYU), localizada em Provo, Utah, Estados Unidos.

⁴⁵⁸ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 31 mar. 1965. 1 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

Nos anos 70, eles apresentaram os filmes do engenheiro sobre a pintura corporal dos Kayapó e sobre a tatuagem facial dos Karajá ao antropólogo Napoleon Chagnon,⁴⁵⁹ que estava estudando os Ianomâmi no sudeste da Venezuela.⁴⁶⁰ Também se propuseram a manter “contato com o Dr. Gadjusek⁴⁶¹ do Instituto Nacional de Saúde”⁴⁶² e falar da importância dos filmes de Kozák, pois o instituto possuía muitos filmes científicos e verbas para comprar mais. O casal iria colocar o Dr. Gadjusek em contato com o antropólogo David Baxter, que conhecia bem o trabalho desenvolvido por Kozák. Desse modo eles prosseguiram, regularmente estimulando para que ele continuasse seu trabalho com pintura e fotografia.⁴⁶³

Quando surgiu a ideia de produzir um artigo sobre a confecção de um machado de pedra dos Xetá⁴⁶⁴ eles conversaram muito sobre o

⁴⁵⁹ Napoleon Chagnon, antropólogo americano, professor da Universidade de Missouri, Columbia e membro da Academia Nacional de Ciências, conhecido por seu trabalho de campo entre os Ianomâmi. NAPOLEON CHAGNON. Disponível em: <<http://www.questaoindigena.org/2013/03/antropologo-napoleao-chagnondenuncia.html>>. Acesso em: 2/8/2014; Disponível em: <<http://anthropology.missouri.edu/?q=node/94>>. Acesso em: 2/8/2014; Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=Napoleon+chagnon>. Acesso em: 2/8/2014.

⁴⁶⁰ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 16 set. 1970. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁶¹ Daniel Carleton Gajdusek foi um médico virologista e antropologista americano. Foi agraciado com o Nobel de Fisiologia/Medicina de 1976, por realizar pesquisas, junto com Baruch Samuel Blumberg, sobre a origem e disseminação das doenças infecciosas. Daniel Carleton Gajdusek. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1976/gajdusek-bio.html>. Acesso em: 28/7/2014.

⁴⁶² CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 30 abr. 1970. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁶³ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 16 set. 1970. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁶⁴ KOZÁK, Vladimir. Stone Age Revisited. In: Natural History: New York, v.81, p.14-24, 1972.

conteúdo e as imagens que seria importante constar no ensaio. Com as informações fornecidas por Kozák o antropólogo americano encaminhou para ele um texto preliminar para a revisão e as correções necessárias. Assim, a partir desse momento, seguiu-se todo um intercâmbio de informações complementares e pedidos de fotografias para integrar o texto final.⁴⁶⁵ Tratava-se de solicitações para atender tanto ao conteúdo quanto à edição, que pediam respostas esclarecedoras do autor. Eram “perguntas feitas pela revista para acrescentar as informações no artigo.”⁴⁶⁶

Porém, um aspecto significativo e revelador na análise deste diálogo com os antropólogos americanos acrescenta mais um claro indício da relação difícil entre Kozák e Loureiro Fernandes. Apresentou-se quando Robert Carneiro foi bem incisivo, afirmando que somente estaria mudando uma passagem do texto sobre os Xetá para atender ao pedido de Kozák. Robert Carneiro foi enfático e deixou definida sua opinião, discordando da posição dele, no entanto, estaria respeitando a decisão do amigo. Isso seria, tão somente, para evitar uma crítica direta à postura de Loureiro Fernandes como líder da expedição.

O antropólogo reconhecia Kozák como o verdadeiro especialista nos Xetá, insistindo na qualidade do artigo e afirmando que eles sim, Robert Carneiro e Kozák, tinham motivos para comemorar a realização da matéria.

⁴⁶⁵ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 05 jul. 1972. 1 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁶⁶ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 1º ago. 1972. 1 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

Conforme sua indicação, eu mudei a passagem na qual você parece estar apontando o dedo da culpa em Loureiro, como líder da expedição, por deixar a tribo tão precipitadamente. Ele merece ser culpado, e eu esperava que a passagem do tempo fizesse você menos cauteloso sobre como fazer isso. Mas já que você ainda, obviamente, quer evitá-lo, eu mudei a passagem para dizer algo agradável, ainda que um pouco enigmático. [...]

Não seria ótimo ter o artigo publicado? Tenho certeza de que é um limite para despertar grande interesse. Eu certamente espero que lhe agrade, e que você vai gostar que os seus amigos vissem. Loureiro deve ver uma cópia também, então ele pode dizer quem é o verdadeiro especialista nos Xeta. [...]

Não vai demorar muito para que a história do machado de pedra apareça, então prepare-se para beber um copo de vinho, pelo menos. Eu vou fazer o mesmo. Nós dois temos motivo para comemorar.⁴⁶⁷

Finalmente, quando o artigo foi publicado, Robert Carneiro demonstrou satisfação pelo trabalho realizado, elogiou a qualidade e apontou para o ineditismo do conteúdo, comemorando: “você deve estar satisfeito por ter sido impresso um documento único na *Etnologia Americana*.”⁴⁶⁸ *Stone Age Revisited* foi publicado em 1972, na *Anthropology Contemporary Perspectives*, de David E. Hunter & Phillip Whitten, da *Educacional Associates Division of Little Brown & Company*, Boston, U.S.A., e o antropólogo Robert Carneiro fez questão de afirmar acerca do peso e reconhecimento que

⁴⁶⁷ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimír Kozák**. New York, 24 ago. 1972. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁶⁸ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimír Kozák**. New York, 04 out. 1972. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

tinha o trabalho de Kozák fora do Brasil. “Vai ser bom para mostrar aos amigos de vocês, para lhes dar uma ideia melhor do quanto o seu trabalho é valorizado no exterior.”⁴⁶⁹

Tudo indica que, apesar de Loureiro ter sido o responsável pelas nomeações de Kozák no Museu e na Universidade, a relação entre eles foi, progressivamente, se deteriorando ao longo do tempo. E não foi somente Robert Carneiro que o criticou, mas também Gene Woiski, em mais de uma ocasião, escreveu criticando o comportamento de tolerância do amigo. “Você alugado por uma pessoa tão inferior quanto Loureiro por colocar você para baixo. Você, sua vida suas realizações são SUPERIORES. Pense um pouco, ainda existem algumas coisas que você pode fazer sem ele”⁴⁷⁰ (grifo do autor).

Nas cartas há muita insistência do casal em afirmar o valor e reconhecimento do trabalho de Kozák fora do Brasil. Para Gertrude Dole, Kozák era “um artista dos índios sul-americanos! Isso é algo. Ironicamente, eu aposto que aqui seu valor (sua estatura) é mais reconhecido que no seu próprio país.”⁴⁷¹

⁴⁶⁹ CARNEIRO, Robert L. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, 17 fev. 1976. 3 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁷⁰ WOISKI, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 23 ago. 1968. 2 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁷¹ DOLE, Gertrude. **Carta para Vladimir Kozák**. New York, dez. 1969. 4 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

3.1.2 Marjory Baillon e o “Querido Sr. Mal humorado”⁴⁷²

[...] se um oferecia uma agradável companhia, do outro se desejava a íntima camaradagem, e se, num caso excepcional, se cogitasse de uma cumplicidade mais profunda, bem que se duvidaria da atitude de um, contando-se, porém, com o decidido auxílio do outro.

Johann Wolfgang Von Goethe

No conjunto do acervo epistolar é possível identificar inúmeros correspondentes de Kozák. Trata-se de pessoas com diferentes interesses, mas que em algum momento apresentaram afinidades. Entendemos que os relacionamentos pessoais podem ser interpretados como escolhas, escolhas estas que se apresentam permeadas de variáveis que não estão sujeitas a qualquer modelo preestabelecido. Desse modo, tomando como parâmetros as considerações de Goethe sobre este tema, quando afirma que o grau de afinidade “experimentado pelas relações” possibilita que elas “sejam mais próximas e fortes ou mais distantes e fracas,”⁴⁷³ observa-se um diálogo bem diversificado, profissional ou mais íntimo, com múltiplas pessoas, estudiosos e antropólogos, algumas aparentemente sem uma qualificação específica. Exemplificando, entre seus interlocutores encontramos artistas, funcionários públicos, militares, pesquisadores interessados na questão indígena, empresas especializadas em filme e fotografia entre outros.

⁴⁷² *Dear Mr. Crosspatch.*

⁴⁷³ GOETHE, Johann Wolfgang Von. **As afinidades eletivas**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014. p.57.

Marjory Baillon não apresenta nenhuma característica específica, além da mais significativa que é a afinidade intelectual com seu correspondente e amigo. Assim, traduzir a relação havida entre eles torna-se um exercício de leitura de uma correspondência de aproximadamente quarenta anos, que envolve emoções e, concomitantemente, sinaliza e apaga respostas. Cada releitura apresenta novo indício; trata-se de buscar a compreensão do que foi a prática da escrita para ambos.

O diálogo entre Kozák e Marjory não se refere a um contato profissional, tem um enfoque bem mais individualizado e pessoal. Apresenta-se diferente do diálogo com os antropólogos americanos; abre espaço para identificar e interpretar uma sensibilidade que ocupa lugar de destaque na relação entre os dois, possibilita entrever uma intimidade em que alegrias e tristezas, realizações e frustrações são constantemente compartilhadas. As palavras do poeta argentino Jorge Luis Borges descrevem exemplarmente o que deve ter sido a relação entre ambos:

Tus alegrías, tus triunfos y tus éxitos no son míos. pero disfruto sinceramente cuando te veo feliz.

No juzgo las decisiones que tomas en la vida. me limito a apoyarte, a estimularte y a ayudarte si me lo pides.

Mas quem foi Marjory? Marjory Baillon ou Marjory Bryson (10/04/1907-04/12/2000) era uma canadense que viveu no Brasil, possivelmente entre os anos de 1937 e 1946, em Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná, na companhia do primeiro marido, Edward Noel Baillon e dos filhos Anthony (Tony) Baillon e Alex Baillon.

Quando a família se encontrava em Curitiba, conheceu e estabeleceu relações com Kozák. É difícil apontar com precisão as circunstâncias em que eles se conheceram. Contudo, há vários escritos

mencionando excursões que envolviam longas caminhadas e escaladas difíceis, com sessões de fotografia da natureza nos arredores de Curitiba e Serra do Mar, que sugerem terem sido estes seus primeiros contatos.

Sexta-feira, 15 de novembro, feriado, nós fizemos uma viagem e fomos a umas cavernas. O grupo desta vez consistia Mr. Kozák, Mr. Peon, Kenneth Waugh e eu. Nós deixamos Curitiba de carro à luz da manhã numa manhã chuvosa. [...]. Paramos o carro na entrada para as grandes cavernas, em uma estrada de pista única e começamos a descarregar. Juntaram-se a nós dois jovens rapazes que vivem perto de lá e cresceram na vizinhança. [...] Nós estávamos carregados com lâmpadas, comida e equipamento fotográfico e seguidos pelos meninos por um caminho dificilmente discernível no mato para a boca (a entrada) da Gruta da Fada [sic], uma pequena jóia que somente nós entramos. [...]

[...] Estas cavernas são difíceis de descrever, embora nenhuma delas tenha a beleza da Gruta da Fada [sic], existe uma grandeza e mistério sobre elas. [...] me lembram as catacumbas de Roma.⁴⁷⁴

No domingo nós fomos novamente para a Serra, tomando o mesmo trem de antes e indo para a mesma estação do Marumbi [sic]. Eu estava satisfeita, com a chance de ficar mais uma vez naquele local, no pico que eu tinha conquistado. [...] Este local marca o ponto onde o Barão de Cerro Azul e quatro outros homens de Curityba [sic] foram mortos.⁴⁷⁵

⁴⁷⁴ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Canadá, [19--]. 3 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁷⁵ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Canadá, 20 jun. 1940. 4 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

Contínuas lembranças de passeios surgem no diálogo com a amiga, que apesar de passados mais de vinte anos, periodicamente retomava comentários de sua estadia no Brasil. “Para mim estes foram os mais preciosos e inesquecíveis anos de minha inacreditável longa vida,”⁴⁷⁶ ela afirmava saudosa.

Marjory e a família retornaram ao Canadá em 1946. Alguns anos depois ela separou-se de Edward Noel Baillon. Casou-se em segundas núpcias com Christopher Lenwood Bryson (1908-1997), entre 1957 e 1958, com quem se transferiu para a Escócia em setembro de 1962 e viveu até novembro de 1977, quando voltou ao Canadá. Na troca epistolar Marjory vai contando acerca da separação do primeiro marido e descrevendo como conhece e passa a se relacionar com o segundo.

É conveniente esclarecer que, aparentemente, nenhum dos dois maridos de Marjory interferiu na relação de amizade e no contato havido entre ela e Kozák. No que diz respeito ao segundo marido, Christopher, é possível identificar momentos em que ela leu cartas do amigo para ele, colocando-o a par das trocas havidas entre eles. Os filhos e netos eram regularmente inteirados das viagens, percursos e aventuras de Kozák.

Embora Marjory tenha vivido no campo por anos, esta circunstância de modo algum se apresentou como empecilho para que ela frequentasse ambientes culturais de museus, exposições, galerias de arte e apresentações de balé na Europa, Canadá e Estados Unidos, como mencionava detalhes dessas visitas reiteradas vezes ao amigo em diferentes ocasiões.

⁴⁷⁶ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec-Canadá, 18 abr. 1972. 3 f. Museu Paranaense/ SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

Fui assistir ao bailarino hindu Shan Kar e à galeria de arte em Montreal, Miller, Renoir e Toulouse-Lautrec.⁴⁷⁷

Fui à Royal Canadian Academy ver uma exposição na Galeria de Arte. Assisti ao espetáculo Lago dos Cisnes de Tchaikovsky.⁴⁷⁸

Assisti ao filme I was Monty's Double e a uma apresentação de Balé.⁴⁷⁹

Ultimamente nada de bom está sendo exposto na Galeria de Artes.⁴⁸⁰

Estive na galeria de arte de Glasgow onde vi a obra “Crucificação” de Salvador Dali e mudei de ideia sobre Dali.⁴⁸¹

A British Royal Academy planejou montar uma exposição das obras de Rembrandt.⁴⁸²

Gastei dois dias visitando Expo 67, tem tesouros de todo o mundo. Há 68 pavilhões de diferentes países.⁴⁸³

Fui a Exposição na Scottish Royal Academy.⁴⁸⁴

⁴⁷⁷ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 13 mar. 1950. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁷⁸ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 29 nov. 1952. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁷⁹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Beaconsfield Ave., Montreal, Canadá, 05 jun. 1959. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁸⁰ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Beaconsfield Ave., Montreal, Canadá, 27 jan. 1961. 5 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁸¹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 29 set. 1964. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁸² BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 23 jun. 1966. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁸³ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Halifax, Canadá. 08 maio 1967. 8 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

Fui a óperas, Museu do Louvre, pequenas galerias no *Quartier Saint Germain*. Tentei ver um filme brasileiro chamado “Ganga Zumba” em Montmartre, produzido por Carlos Diegues, com Antonio Sampaio. Você sabe algo sobre ele?⁴⁸⁵

Chris e eu fomos a Edimburgh, estivemos em um Festival na *Royal Scottish Academy* durante três dias e concertos.⁴⁸⁶

Fui a Ópera e a Real Academia para ver a Exposição Anual e Primavera.⁴⁸⁷

Ela viajou bastante e, apesar de diversas mudanças de endereço, retornava periodicamente ao Canadá, onde passava temporadas de semanas ou meses, pois familiares, como a mãe e uma irmã, residiam naquele país.

Especialmente interessada em pintura e desenho, ela fez cursos de artes⁴⁸⁸ na *Mount Allison University*,⁴⁸⁹ aulas de desenho na *Kirkcudbright Academy*,⁴⁹⁰ curso de pintura de paisagem⁴⁹¹ e de desenho

⁴⁸⁴ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 30 jul. 1967. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁸⁵ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Paris, França. 1º. jan. 1968. 5 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁸⁶ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 06 set. 1968. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁸⁷ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 16 maio 1976. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁸⁸ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Sackville, New Bruswick, Canadá. 07 jul. 1949. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁸⁹ Sackville, New Bruswick, Canadá.

⁴⁹⁰ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 24 nov. 1965. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁹¹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 30 jul. 1967. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

de conchas com utilização de lápis coloridos,⁴⁹² entre outros. Um percurso que traduz as suas preferências e demonstra que ela estava constantemente estudando e explica os questionamentos ao amigo acerca de detalhes específicos para melhorar sua técnica. Também buscava estar atualizada dos acontecimentos mundiais e, especialmente, de fatos que envolviam o Brasil, exigindo contínuas respostas e opiniões sobre esses assuntos por parte de Kozák.

A troca epistolar entre ambos iniciou-se em 1940, quando ela ainda estava morando no Brasil, e utilizava um tratamento formal na relação, dirigindo-se a ele como, “Mr. Kozák”, o que, ao longo dos anos foi se transformando, tornando-se cada vez mais pessoal e intimista – “*Dear Vladimir*” ou mesmo “*Dear Mr. Crosspatch*”.⁴⁹³ O falar entre eles aos poucos se modificou, tornando-se quase uma confidência. Nesse ambiente, foram tratadas questões gerais como arte, livros e o Brasil; mas também houve muita conversação sobre aspectos pessoais da vida de cada um. Embora Kozák se apresentasse sempre mais esquivo, às vezes fugindo de dar respostas aos constantes questionamentos da amiga, ela persistia, insistindo: por que você não respondeu a minha pergunta? E repetia a mesma pergunta na carta seguinte.

Dez anos mais jovem que Kozák, ela o considerava um amigo muito especial, alguém importante, cuja opinião era solicitada frequentemente. Compartilhavam muita coisa e se ajudavam mutuamente. Percebia-o como um etnólogo e artista. Com ele dividia interesses e discutia quase tudo, assuntos pessoais e familiares, viagens e arte em geral.

⁴⁹² BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 12 out. 1969. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁹³ Querido Senhor Mal-humorado, em tradução livre.

*No puedo trazarte límites dentro dos cuales debes actuar, pero sí, te ofrezco esse espacio necesario para crecer.*⁴⁹⁴ Não restam dúvidas de que ele estimulou o seu desenvolvimento pessoal, como é perceptível na leitura do conjunto das suas cartas emitidas para Kozák, mas que fica bem evidenciado no momento em que ela afirmou com convicção: “eu encontrei em você o apoio para pintar.”⁴⁹⁵ E corrobora esta interpretação a declaração dela, em outra ocasião, afirmando: “você tem sido uma importante influência em minha vida... e uma boa!”⁴⁹⁶

Durante quase quarenta anos os dois mantiveram uma amizade, essencialmente fundamentada na troca de missivas, já que a distância impediu um contato direto. Ele permaneceu estabelecido no Brasil, viajando pelo interior do país, enquanto ela teve um percurso de vida internacionalmente bem mais dinâmico, desenvolvido no circuito Estados Unidos, Canadá e Escócia.

A correspondência entre ambos revela a força de um relacionamento afetivo permeado de intensa e permanente troca de ideias, que teve o significado de um porto seguro para ambos em diversos momentos de suas vidas, apontando para uma relação marcada por longínquas demonstrações de cuidados e respeito recíproco. As cartas indicam que houve um compartilhamento de alegrias e tristezas, aflições e dificuldades, opiniões, sucessos e insucessos. Um relacionamento que encontra ressonância nas palavras de Borges:

⁴⁹⁴ BORGES.

⁴⁹⁵ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 15 out. 1951. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁹⁶ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Ste. Agathe-des-Monts, P. Quebec, Canadá, 14 maio 1958. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

No puedo darte soluciones para todos los problemas de la vida, ni tengo respuestas para tus dudas o temores pero puedo escucharte y compartirlo contigo.

Marjory menciona as pequenas alegrias e prazeres da vida com a mãe, os filhos e o marido. Vai descrevendo para o amigo as dificuldades com o envelhecimento da mãe, o crescimento dos filhos e perguntando sua opinião sobre diferentes temas, quer pessoais, quer mesmo sobre o que está acontecendo no mundo.

Ainda que ambos estivessem distantes fisicamente, eles mantiveram um vínculo e uma intimidade muito próxima, com característica bem mais epistolar do que de convivência, pois o seu último contato pessoal foi quando se despediram no Rio de Janeiro em 1946 e ela retornou para o Canadá juntamente com a família. Depois disso, nunca mais voltaram a se encontrar. A despedida ficou marcada e acabou transformando-se em uma data especial lembrada com frequência, ou até mesmo comemorada. Restou para eles apenas o contato por meio do papel, ou seja, a aproximação determinada pelo exercício da escrita e a recordação sempre presente e, pelo menos para ela, carregada de um sentimento inesquecível de felicidade, do tempo que passaram juntos que alimentou a amizade durante anos e estimulou a troca de correspondência até o falecimento de Kozák. Parece que o transcurso dos anos produziu recordações e a percepção da inviabilidade de um novo encontro entre eles, como é possível observar nas passagens transcritas.

Como de costume tenho um milhão de coisas a dizer e não posso fazer minha mente começar. Isto me faz rir... é a mesma coisa no papel como costumávamos ser quando estávamos juntos, cada um esperando com sua boca aberta de modo a ser capaz de iniciar a conversa quando o outro

parava. [...] Eu recebi sua MARAVILHOSA carta de 28 páginas esta semana⁴⁹⁷ (grifo do autor).

Como sempre, eu tenho muito a dizer. Primeiro de tudo, você observou esta data? Amanhã fará dois anos.⁴⁹⁸

Bem, hoje faz três anos desde que você foi ao aeroporto para nos colocar no avião. Eu sei que os anos passam.⁴⁹⁹

O dia mais feliz da minha vida foi 15 de novembro de 1940, quando Peon, Keneth, você e eu fomos à Gruta da Fada [sic]. [...] Eu sempre faço um brinde para comemorar este dia. Um brinde silencioso a este grande dia.⁵⁰⁰

Em abril você terá 70 e eu terei 60 anos. Fazem 20 anos que nos vimos. E provavelmente nós nunca mais nos encontraremos novamente. Eu não sei, nestas circunstâncias está fora de lugar escrever algumas palavras muito pessoais por dez anos ou mais! Você não pode, é claro, responder a elas. Eu só quero que você leia. Mas, depois de ler, você será talvez um pouco menos solitário para o resto de sua vida. [...] Você sabe que tudo o que eu descobri, aprendi ou apreciei eu compartilhei com você em minha mente, e no papel, e que

⁴⁹⁷ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham Quebec, Canadá, 11 maio 1948. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁹⁸ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham Quebec, Canadá, 24 set. 1948. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁴⁹⁹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham Quebec, Canadá, 24 set. 1949. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁰⁰ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham Quebec, Canadá, 16 out. 1952. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

tudo o que você experimentou ou realizou tem interesse ou importância para mim.⁵⁰¹

As viagens ao exterior e mudanças de residência da canadense e as excursões do engenheiro pelo interior do país dificultaram a comunicação entre eles em alguns momentos, seja pelo extravio, seja pelo atraso da correspondência, e até mesmo pelos problemas de acesso ao correio, questão muitas vezes enfrentada com fina ironia por ambos, mas que, nem por isso, inviabilizou a amizade que sobreviveu a esses percalços.

Dessa forma, eu posso compartilhar um pouco de emoção e segui-lo, pelo menos no mapa até Corumbá. Eu não vejo por que você não pode enviar uma carta agora e, outra a partir do interior. Deve haver alguma maneira de conseguir enviar para fora do país. Caso contrário, o que acontece se você ficar doente ou precisar de ajuda? Será que ninguém sabe como encontrá-lo se precisarem de você? Acho que eu poderia criar uma linha dirigida para "V. Kozák, c/o coronel Fawcett, Algum lugar na América do Sul?" Na verdade, eu coloquei uma carta no correio aéreo de ontem dirigida ao "Post Restante, Corumbá", eu não espero que chegue a você. Mas eu não pude resistir a experimentar, pois eu tenha certeza que você ficará muito satisfeito de encontrar algo em algum lugar tão ermo.⁵⁰²

⁵⁰¹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 21 jan. 1967. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁰² BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 24 set. 1949. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

De qualquer modo, ela insistiu comentando sobre as dificuldades de comunicação. “Não se preocupe com a correspondência, o correio é terrível, é uma surpresa a maioria das coisas chegarem até aqui. Testemunham seus 28 livros! E eu estou muito satisfeita que afinal você os tenha recebido.”⁵⁰³

Estou muito triste porque as fotos de Karla não chegaram. Todos os correios ao redor do mundo são uma loucura... mas certamente Brasil e Canadá, ambos são muito piores que os britânicos. De fato, até agora, vendo como o resto do mundo é, eu penso que o nosso correio britânico é ainda provavelmente o melhor. O Canadá é péssimo. [...] Eu acredito que um dia quando você desistir de ter esperanças, suas fotos deverão chegar.⁵⁰⁴

No entanto, em outros momentos ele, mais impaciente, ou quem sabe mais “mal-humorado”, parece bastante incomodado com a dificuldade de obter o endereço dela e a possibilidade de perda da missiva, que ele denominou “falha desnecessária”, e que buscou explicar minuciosamente.

Não estou certo do seu endereço na Escócia, porque encontrei apenas um envelope com seu novo endereço. Nele, o carimbo ficou bem em cima do “endereço”, tornando-o quase ilegível. Por isso, fiquei esperando por uma carta sua, mas não chegou. Portanto, com todas as minhas forças, tentei descobrir o endereço com o auxílio de lentes, e mesmo assim

⁵⁰³ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Kirkcubright, Escócia, 16 maio 1976. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁰⁴ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Kirkcubright, Escócia, 20 fev. 1977. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

continuei em dúvida. Mandarei a carta como teste - função experimental - coisa que odeio, porque ela pode não chegar a você, fato que eu chamaria de falha desnecessária. Como estou odiando me delongar nesse assunto, por favor, carimbe o endereço dentro das suas cartas, assim não corre o risco de ficar borrado. Parece um jeito estranho de preencher uma carta com tal chateação, mas é interessante como nós consideramos banais essas coisas, como um endereço. Mas não são. O mais sutil borrão no número da caixa postal pode resultar em não entrega de uma carta, a qual, por outro lado, corre outros riscos. Como prova disso, vou acrescentar que estou recebendo, na minha caixa postal, de vez em quando vários jornais e cartas que não são para mim, mas de outros endereços. Uma confusão total, porque, estando errado o número da caixa postal, é pequena a chance de identificação do destinatário⁵⁰⁵ (grifo do autor).

Como já foi anteriormente mencionado, em mais de uma ocasião Kozák foi convidado por Marjory a mudar-se para o Canadá. Ela buscou atrair o amigo para viver no país, apontando as vantagens econômicas e culturais que ele e a irmã Karla encontrariam caso decidissem por se transferir, pois na sua concepção o país necessitava “de talento”.⁵⁰⁶ Esse assunto foi retomado em outras vezes, especialmente, quando ele se queixava da falta de ajuda e do não reconhecimento de seu trabalho no Brasil, seja como cineasta e fotógrafo, seja como etnólogo, e ela indicava

⁵⁰⁵ KOZÁK, Vladimír. **Carta para Marjory Baillon**. [?], 30 maio. 1969. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁰⁶ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimír Kozák**. Dunham, Canadá, 31 out. 1947. 8 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

o Canadá como uma opção viável que lhe possibilitaria reconhecimento profissional e satisfação pessoal.

Em 1947 ela escreveu, considerando como fato consumado a mudança dele e que juntamente com o primeiro marido aguardavam o seu estabelecimento no Canadá. “Noel⁵⁰⁷ e eu sempre falamos sobre quando o Sr. Kozák vem... nós nunca dissemos ‘se’. Ambos ficaríamos muito felizes de ver você e sua irmã estabelecidos no Canadá. [...] Então tome a coragem em suas mãos e faça uma pausa.”⁵⁰⁸ No ano seguinte ela voltou a insistir para que o amigo e a irmã se mudassem para o Canadá. Um convite que se repetiu em outros momentos, com ela reiterando a possibilidade de melhores condições para desenvolver seu trabalho com fotografia e filme; e a insinuação de que no Brasil o trabalho dele não era valorizado e reconhecido. Ela acreditava que somente quando ele estivesse fora, em outro país, as pessoas teriam condições de perceber a perda.

Quanto você pode fazer com suas fotos e suas coisas que você nunca vai saber até tentar. Mas, se você não tentar, então terá jogado para o vento uma oportunidade de ouro. Se você vier para cá, você poderá fazer com que todos estes anos no Brasil paguem e paguem bem. Isto valerá a pena. Mas se você ficar aí toda a sua vida, em vez de vir... então sempre dirá para você mesmo que eu estava errada. Não é?⁵⁰⁹

⁵⁰⁷ Edward Noel Baillon, primeiro marido de Marjory.

⁵⁰⁸ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Dunham, Canadá, 31 out. 1947. 8 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁰⁹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Dunham, Canadá, 17 mar. 1949. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

Há por parte dela uma valorização das condições de vida e liberdade de oportunidades existentes no Canadá que gostaria muito de compartilhar com o amigo. “Outra coisa, eu gostaria de convencê-lo sobre o Canadá. Canadá tem menos burocracia, provavelmente único na terra. Se vocês estivessem aqui isto poderia ser a primeira coisa que poderia golpeá-los. Isto é, o verdadeiro sentido de um país livre.”⁵¹⁰

Embora sempre houvesse comentários saudosos do Brasil e ela relembresse com frequência os bons momentos vividos, deixou claro que estava bem em seu país de origem, somente faltava a presença dos amigos. “Até agora eu estou completamente satisfeita com o Canadá. Quanto ao Brasil – se você e Karla estivessem aqui eu nunca olharia para trás.”⁵¹¹

A atividade intelectual é um dos mais constantes assuntos discutidos entre eles, com bastante ênfase aos comentários sobre livros, pintura ou desenho; há sempre referência a algum autor e sua produção. Um diálogo que se iniciou de modo impessoal, tratando de escadas e fotografias, ampliou-se e foi transformando-se em discussão de questões mais pessoais como a relação de Marjory com os filhos e os maridos, as transformações nos seus desenhos e pinturas e as dificuldades pessoais de Kozák quanto à saúde, ao dinheiro e ao trabalho. O prazer da leitura foi compartilhado, com eles discutindo o conteúdo de muitos livros,⁵¹² tratando de uma grande variedade de temas, como aventuras, viagens e arte.

⁵¹⁰ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Dunham, Canadá, 15 out. 1951. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵¹¹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Canadá, 03 dez. 1952. 6 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵¹² Foram identificados aproximadamente 70 livros. Alguns remetem a assuntos ou autores que não conseguimos identificar. Neste número não foram computadas as revistas.

A amizade foi um laço que se constituiu fundamentada, especialmente, na personalidade de ambos e nos interesses em comum, que se aproximaram através das cartas com a troca de livros e ideias, tornando-se uma questão essencial para que eles os comentários sobre suas preferências nos relacionamentos e contatos pessoais e sociais. “Eu detesto VIDA SOCIAL tanto quanto você. Mas, eu gosto de estar com pessoas interessantes... pessoas que tenham estado em lugares e tenham feito algo. E, LEIAM”⁵¹³ (grifo do autor). Esse aspecto apontado por ela, de que ambos não gostavam da vida social, possibilita perceber muito da personalidade solitária dele, que era preenchida pelo ato de escrever.

Logo que retornou ao Canadá, a amiga enviou como presente de Natal um livro para Kozák; esse gesto acabou transformando-se em uma rotina entre ambos. “Eu comecei esta carta no Rio de Janeiro embora sem perspectiva de terminar, porque tenho muito a dizer. Eu vou começar pelo fim, dizendo que envie um livro de presente de Natal.”⁵¹⁴ A partir desse momento, tornaram-se frequentes a troca e o empréstimo de livros entre os amigos, abrindo espaço para uma interpretação mais abrangente, que possibilita deduzir a existência de uma limitação no comércio editorial brasileiro dada a dificuldade em localizar e comprar determinados títulos de livros.

Mas é bom esclarecer uma particularidade do interesse de Kozák em ler; ainda que esse intercâmbio de livros tenha sido mais intenso com Marjory, também ocorreu com outras pessoas. Na Tchecoslováquia, com

⁵¹³ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. St. Agathe-des-Months, Quebec, Canadá, 11 abr. 1956. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵¹⁴ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Detroit, 26 nov. 1946. 6 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

o arquiteto Frantisek Faulhamer⁵¹⁵ e paleoilustrador Zdenek Burian, que agradeceu o “envio do livro de Foster.”⁵¹⁶ De São Paulo, Gene Woiski escreveu oferecendo alguns livros. “Sobre livros, acabei de ler R. Kiplings, Jangal. Se você estiver interessado em histórias de animais, eu posso enviar para você como presente.”⁵¹⁷

Em diferentes ocasiões, ele solicitou que Marjory localizasse e enviasse alguns livros de autor ou tema específicos, que ela não só sollicitamente buscava atender, mas também se inteirar do conteúdo para que eles pudessem trocar ideias.

Devo dizer-lhe que eu localizei o livro *Through the Brazilian Wilderness* de Theodore Roosevelt, publicado em 1912 pela Scribner. Eu pedi um volume quando fui para Montreal semanas atrás, e suponho que estará aqui em poucos dias. Mas até agora não chegou. Quando eu receber vou ler e, em seguida, vou enviá-lo para você como um presente de Natal.⁵¹⁸

Pouco depois, quando ela agradeceu um livro enviado por ele sobre o Equador, fez sua avaliação, elogiou as imagens; mas na mesma carta criticou a apresentação do livro de Theodore Roosevelt, *Through the Brazilian Wilderness*, pela falta de fotografias. Na mesma

⁵¹⁵ FAULHAMER, Frantisek. **Carta para Vladimir Kozák**. Bratislava, 10 out. 1978. 5 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução Ivone Vasconcelos.

⁵¹⁶ BURIAN, Zdenek. **Carta para Vladimir Kozák**. Praga, 27 ago. 1971. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-Pr. Original em tcheco, tradução Martina Cermakova.

⁵¹⁷ WOISKI, Gene. **Carta para Vladimir Kozák**. São Paulo, 14 dez. 1971. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵¹⁸ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 18 out. 1949. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

ocasião, demonstrando conhecimento e interesse em temas locais, perguntou se Kozák conhecia o livro “O Drama da Fazenda Fortaleza”, de David Carneiro.

O outro objetivo desta carta é para agradecer o livro sobre o Equador que chegou muito seguro alguns dias atrás. Eu não li ainda, mas as imagens são muito boas... maravilhosas, na verdade. Há boa luz e composição, não acha? Isso me leva a outra observação sobre o livro de Roosevelt. Estou desapontada porque ele não forneceu mais fotos. Eu acho que é uma vergonha, publicar um livro destes sem fotografias. Eu me pergunto por que eles fizeram isso. [...] Você conheceu o Dr. David Carneiro? Antes de eu deixar Curitiba ele me deu um de seus livros, eu mencionei no último ano – “O drama da Fazenda Fortaleza.” Depois que eu li a história, eu escrevi para ele dizendo que eu creio daria um bom filme.⁵¹⁹

Analisando atentamente o conteúdo do conjunto dessa correspondência, é possível constatar que a presença de Marjory foi bem expressiva na vida de Kozák, até mesmo porque com ela, aparentemente, foi estabelecido um diálogo mais próximo, pessoal e franco que o ocorrido com qualquer outro correspondente, tendo ele partilhando um pouco mais de si. É perceptível a transformação do diálogo entre ambos, com uma intimidade que vai se ampliando com o passar do tempo, a amiga preocupando-se e emitindo opinião em aspectos mais pessoais, como a saúde,

⁵¹⁹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 16 dez. 1949. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

segurança, emoções e até mesmo questões financeiras; estímulo à produção intelectual, realização pessoal e profissional.

O prazer de Kozák, as viagens ao interior do Brasil e o contato com os índios, eram uma constante fonte de preocupação, por questões de segurança, por parte de Marjory: “sobre sua viagem, apesar do Natal, está ocupando meus pensamentos. [...] Parece-me que você assume mais riscos o tempo todo.”⁵²⁰ Ou ainda, muitos anos mais tarde, quando a relação entre eles estava bem mais sedimentada, e presumivelmente, ela deveria estar acostumada com as viagens do amigo, ela afirmou: “eu fiquei satisfeita de receber novamente uma carta que você me enviou de uma viagem aos índios. E, também feliz por ter terminado e encontrá-lo em segurança em casa.”⁵²¹

Em outros momentos ela expressou seu cuidado com ele, questionando, querendo saber detalhes mais específicos de cada viagem: “Você mencionou outra expedição e as dificuldades de transporte. Quando? E onde? Somente, POR FAVOR não vá fazer uma longa viagem sem me deixar saber”⁵²² (grifo do autor). E insistia para ter mais informações, insinuando acerca da vida solitária dele: “eu espero que você tenha um prazo definido para seu retorno, então alguém saberá quando começar a se preocupar.”⁵²³

⁵²⁰ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 11 dez. 1948. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵²¹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 1º jun. 1967. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵²² BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 17 mar. 1949. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵²³ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 24 set. 1949. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

No que se refere à solidão, convém rever algumas informações. Kozák veio para o Brasil sozinho; a família, os pais e a irmã permaneceram na Tchecoslováquia; ele não constituiu nova família ou casou. A irmã, uma grande amiga, foi uma pessoa importante para ele, veio para o Brasil em 1939, tornando-se sua companheira e auxiliar nas viagens, até seu falecimento em 1960. A ausência dela foi muito sentida e afetou o engenheiro, tornando-o mais solitário. Vários são os sinais que apontam para o significado da presença da irmã na vida dele. Em diferentes escritos ele não só mencionou sua falta, como também comenta que a ausência dela modificou sua vida. E também Blasi, Hurt e outras fontes insistem nessa mesma informação. Segundo Hurt, “sentia saudades da irmã que era sua companheira e mantinha a casa em ordem”.⁵²⁴

Outro ponto revelador já mencionado é o fato de ele ter fechado definitivamente o quarto dela após a morte da irmã. E, como desfecho desses indícios, em 1976 ele encomendou ao artista tcheco Zdenek Burian a elaboração de um quadro de Karla Kozák, a partir de fotos que lhe enviou. A tela que apresenta Karla rodeada de índios da tribo Kamaiurá e ao fundo o irmão observando o ambiente foi doada por Vladimir Kozák à Prefeitura de sua cidade natal na Tchecoslováquia.⁵²⁵

⁵²⁴ HURT, 2013.

⁵²⁵ Em 1976, Burian escreveu a Prefeitura de *Bystřice pod Hostýnem* comunicando que Vladimir Kozák encomendou um quadro para homenagear a irmã dele, Karla Kozakova. “Ele deseja doar esse quadro para cidade de *Bystřice* e vai pagar as despesas. Karla se dedicou aos índios, principalmente crianças. O quadro será o retrato dela com crianças indígenas e mulheres, atrás os homens com armas, terá um retrato de Vladimir Kozák e também da selva e da aldeia. O quadro estará pronto em dois meses. [...]” BURIAN, Zdenek. Carta para a Prefeitura de *Bystřice pod Hostýnem*. Praga, 25 jun. 1976. 1f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco, tradução de Martina Cemakova.



FIGURA 13 - KARLA ENTRE OS ÍNDIOS

BURIAN, Zdenek. 1976 (reprodução). Acervo Museu Paranaense/SEEC-PR.

Esse conjunto de informações evidencia que grande parte de sua vida ele viveu só, especialmente os últimos dezenove anos. Para Hurt, que frequentava sua casa, ele não tinha amigos, mas não desperdiçava seu tempo; observando o ensinamento materno, estava “sempre fazendo algo”,⁵²⁶ pintando, esculpindo ou filmando e, especialmente, ele tinha as suas correspondências. Kozák conheceu e contatou com muitas pessoas, mas daí a ter amigos há uma distância considerável.

Portanto, nesse contexto, a solidão é um assunto que é discutido pela amiga Marjory, que se aproxima desta questão afirmando que se percebe como uma semelhante. “Eu espero que você entenda o que estou dizendo. Eu, como você, vivo só”.⁵²⁷ Ela explicou que, embora

⁵²⁶ HURT, 2013.

⁵²⁷ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 21 jan. 1976. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

tivesse marido, filhos e uma vida social, faltava-lhe com quem comedeias e interesses. Ela não se encontrava fisicamente sozinha, mas este era o seu sentimento, pois ela percebia-se como uma pessoa solitária.

Embora essa afirmativa, Marjory não se situa como infeliz no casamento, pois, ao contrário, em diversas ocasiões ela aponta qualidades do marido. A minha compreensão do que ela indica como pessoa solitária, trata-se de uma queixa quanto à falta de afinidade cultural. Aparentemente, é deste distanciamento de interesses com o marido que ela se ressentente. Assim, do mesmo modo, o convívio social apresentado pelo grupo em que vivia é desprovido de maiores interesses para ela.

Sob esse enfoque, quando discutiu acerca da solidão do amigo, Marjory questionou a afirmativa dele, rememorando o passado, quanto ao fato de que em trinta e cinco anos morando no Brasil não estabeleceu relações de amizade,

Não fiz um amigo de forma que pudesse compartilhar as minhas ideias.⁵²⁸

Quando eu li sua carta eu pensei que minha vida deve ser quase tão solitária quanto a sua, porque companhia física é uma pequena parte de um relacionamento. Minha mente e meu espírito viajam sozinhos.⁵²⁹

Você e eu graças a Deus, tivemos boas conversas. Tudo isso é muito vivo para mim. Que conversas nós costumávamos ter!!! [...] Eu vivo sozinha sem estar sozinha. (Eu não estou

⁵²⁸ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 3 dez.1970. 8 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵²⁹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 30 maio 1974. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

reclamando, mas somente tentando explicar algo sobre minha vida).⁵³⁰

De acordo com essas palavras é possível interpretar a troca de cartas como um diálogo permanente que, possivelmente, preenchia a mencionada solidão de ambos. Além de ser uma oportunidade para eles compartilharem ideias, a relação pode ser observada como um convívio que preenchia espaços em suas vidas, permitindo aos amigos partilhar uma intimidade que os tornava menos solitários.

Apesar do “grande oceano,” da distância geográfica, Kozák e Marjory sentiam-se muito próximos. Ainda que ele fosse bem mais reservado e contido, havia reciprocidade entre eles, discutiam os projetos de cada um e os filmes dele. Nas palavras dela “mesmo que um grande oceano que nos separe, ainda compartilhamos as nossas ideias.”⁵³¹ E realmente eles partilharam muito, pois ela participou ativamente de atividades dele, não somente emitindo opinião, mas também auxiliando-o. No diálogo fica evidente que ela ajudou na elaboração de letreiros para os filmes dele e na revisão de alguns textos produzidos em inglês.⁵³² É provável que tenha sido o modo que ela encontrou de vivenciar as experiências realizadas pelo amigo, de viajar com ele, já que mencionou “a nítida impressão” de estar presente nas viagens dele.

⁵³⁰ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 16 out. 1976. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵³¹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 03 maio 1970. 8 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵³² BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. [?], 195-. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

É perceptível o carinho dispensado ao amigo, pois entre as expectativas de dela estava a de poder participar da vida do neto contando histórias da experiência e das aventuras de Kozák.

Eu devo mencionar que mantive as legendas de filmes desde que postei para você. Eu deveria ter dito que eu guardei de volta os seus originais (os quais eu fiz as primeiras correções) então se o novo lote perder-se nós poderíamos ainda ter a duplicata. Vou enviá-los se você quiser (eles são o único conjunto com suas palavras originais). O que você acha? Eu penso que as legendas estavam boas e elas parecem dar uma clara explicação da imagem. Talvez, depois de ler e reler sua primeira carta (32 páginas) sobre a viagem, eu tive a nítida impressão, eu posso mal posso acreditar que eu não estava nela. Eu espero que com o tempo eu seja uma avó que possa descrever a história maravilhosa sobre como eu viajava para o interior do Brasil em busca de araras.⁵³³

Demonstrando preocupação e cuidado com a qualidade do que estava fazendo, ou seja, que as legendas produzidas atendessem ao objetivo do amigo, ela questionou acerca de detalhes de alguns tópicos, sugerindo mudanças e pedindo mais instruções para poder prosseguir.

Aqui estão as legendas dos filmes e eu estou muito feliz. Eu admito que coloquei de lado e esqueci por um tempo. Espero que você não fique bravo por isto. É um trabalho pesado, é isto de tentar obter o que você quer. Aqui você tem a correta legenda para ser cortada no filme, eu acho que elas estão boas.

⁵³³ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunhan, Quebec, Canadá, 17 mar. 1949. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

Mas eu posso fazer melhor, seguindo suas instruções que é sua forma de narrar. Eu penso que é uma excelente ideia. Mas diga-me, você tem uma narrativa curta que poderia ser usada nas legendas? Eu sou limitada a um número de sentenças?⁵³⁴

Ela buscou apresentar o melhor de si na produção dele. Quando estava auxiliando em outro filme produzido e editado por Kozák, preocupou-se em informar que, naquele momento, poderia se dedicar mais a esse trabalho porque estava com mais tempo disponível, o que lhe permitiria criar algo especial: “Como agora eu tenho tempo para pensar, eu estou pensando em uma boa introdução para o filme das orquídeas.”⁵³⁵

O relacionamento entre eles foi muito particular, sendo a correspondência, fundamentalmente, a base e o elo desta amizade. Uma comprovação desta afirmativa foi o álbum de recortes e fotografias criado por Marjory em determinado momento, ao qual ela dedicou atenção especial na organização e que denominou “álbum Kozák”, cuja primeira referência é de 1949.⁵³⁶ No álbum eram colocadas fotos recebidas do amigo, bem como recortes de textos a ele relacionados.

Analisando atentamente esses comentários é possível perceber nela o desejo de interagir e de participar intimamente das atividades do engenheiro, uma maneira particular de tornar presente a ausência

⁵³⁴ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunhan, Quebec, Canadá, 15 jun. 1949. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵³⁵ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunhan, Quebec, Canadá, 10 abr. 1950. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵³⁶ *Id.*

do amigo. Ajuda a compor esse cenário os comentários dela sobre o destino das fotos que recebia dele. Por exemplo: “O álbum Kozák contém todas as fotos que você me enviou.”⁵³⁷ Em diferentes momentos, ela revisava as imagens, tecendo comentários com os filhos e netos sobre as fotografias e as aventuras dele.

O álbum teve um valor expressivo para Marjory. Foi guardado como um bem muito precioso, um tesouro pessoal que serviria como legado para a velhice e para compartilhar com as pessoas que amava. Durante algumas de suas mudanças ela lamentou a permanência deste material no Canadá, avaliando-o como uma “maravilhosa” aquisição para a velhice que costumava rever. “Desafortunadamente a maioria de suas fotos (dos álbuns) ainda estão Canadá, então eu não posso olhar como eu gostaria de fazer para descobrir exatamente quais eram os Urubus.”⁵³⁸

Eu tenho e estava olhando para todas as suas fotos das Congadas. Eu tenho muitas delas e elas são maravilhosas. [...] Há muito tempo eu percebi que essas coisas foram passando, e devem ser capturadas agora... ou nunca.

Para minha velhice (se eu tiver uma) eu tenho grandes pacotes de suas cartas arrumadas - grandes aventuras dos primeiros dias - e dois álbuns de fotos. Eu olho para eles cada vez que vou para o Canadá⁵³⁹(grifo nosso).

⁵³⁷ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunhan, Quebec, Canadá, 18 fev. 1949. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵³⁸ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 07 mar. 1965. 5 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵³⁹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 18 jan. 1971. 6 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

“Obrigado pelas fotografias... você e sete índios. Eu desejo que você envie mais delas. Meu álbum Kozák não está crescendo muito depressa, pense, eu ainda estou no volume 2.”⁵⁴⁰ Em outro momento agradeceu as remessas de fotografias que lembravam o período em que sua família esteve residindo no Brasil: “obrigado pelas velhas fotos e o desenho do monjolo. Tony viu e lembrou-se da infância, fotos do Marumby [sic], eu nunca tinha visto estas fotos.”⁵⁴¹

As informações de Marjory possibilitam compreender que ela, efetivamente, não somente acompanhou a trajetória de Kozák, como também buscou compartilhar as experiências dele. Ela fez das fotos e das cartas um referencial para contar histórias de aventuras para os netos. “Eu tenho algumas belas fotos dos Xetá, tiradas por você... tantas velhas cartas de suas excursões aos selvagens estão a salvo no porão do Alex,⁵⁴² e eu olho para elas sempre que eu vou para casa, e mostro-as para o meu querido jovem neto Marc.”⁵⁴³

Grande parte do material reunido por Kozák durante suas viagens acabou por se transformar em uma coleção de artefatos indígenas que possuía valor econômico, bem como era objeto de interesse de alguns antropólogos e instituições.⁵⁴⁴ Conhecendo o acervo e atenta ao

⁵⁴⁰ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Montreal, Canadá, 12 fev. 195-. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁴¹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 18 abr. 1972. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁴² Alex Baillon, filho de Marjory e pai do neto Marc.

⁵⁴³ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 24 jun. 1977. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁴⁴ A coleção de Vladimir Kozák era constituída de artefatos indígenas, pinturas, desenhos, fotografias e filmes de tribos indígenas visitadas pelo autor. Em 1965 a *Glenbow Foundation* iniciou uma negociação para comprar a coleção de Kozák. Em agosto de 1967, Gerhard Baer, diretor do Museu Etnográfico da Basileia, Suíça, manifestou desejo de adquirir pinturas e artefatos indígenas da mesma coleção. Também há referência ao interesse da *Riveredge Foundation*. Em 1978, Desidério Aytai, pesquisador e estudioso da música na vida dos grupos indígenas brasileiros, escreveu para Kozák interessado nos seus filmes sobre os Xetá.

trabalho produzido e reunido pelo engenheiro, em mais de uma ocasião Marjory expressou sua preocupação, questionando o destino da coleção. Relembrou detalhes que, certamente, eram de conhecimento dele, ou seja, a necessidade de cuidados constantes para a manutenção do material e o desinteresse local nesses bens.

O assunto do destino da coleção já tinha sido objeto de considerações por parte dela e outros amigos, como Robert Carneiro e Gertrude Dole, nos Estados Unidos; e Gene Woiski e Desidério Aytai, no Brasil. Todos eles se preocupavam e tinham dúvidas quanto ao que poderia ocorrer com o material reunido por ele ao longo dos anos. Nessas condições, ela aproveitou o comentário sobre o acervo de David Carneiro⁵⁴⁵ para estabelecer um paralelo. Analisando a situação dos bens de Kozák, colocou-o a par de possíveis futuras dificuldades e da complicada situação jurídica em que se encontrava a obra de David Carneiro, indicando que o mesmo poderia ocorrer com ele. Lembrou que todos os objetos que faziam parte de sua coleção, embora tivessem sido adquiridos com dinheiro, iniciativa e esforço pessoal dele, em algum momento poderiam ser “perdidos” para o Estado.

Nessas circunstâncias, em diferentes momentos, Marjory incitou-o a tomar alguma providência para salvaguardar seu acervo. Ques-

⁵⁴⁵ Desde a infância, David Antonio da Silva Carneiro, ajudado pelo pai e o avô, foi constituindo uma coleção de minerais, fósseis e moedas. Durante a vida reuniu objetos considerados representativos da História do Paraná e do Brasil. Em 1928, foi criado o Museu Coronel David Carneiro. Em 1952 foi inaugurada a sede definitiva, junto à casa de seu proprietário. O Museu foi considerado a maior coleção particular de antiguidades do Estado. Em 1994, foi fechado definitivamente, permanecendo durante anos fechado e armazenado em locais impróprios. Em dezembro de 2004, foi desapropriado pelo Governo do Estado do Paraná e suas peças incorporadas ao acervo do Museu Paranaense. TEIXEIRA, Valéria Marques. **David Carneiro**. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=203>>. Acesso em: 06/06/2014.

tionou, mais de uma vez, qual seria o significado de manter guardado, empilhado o material que possuía, sem qualquer perspectiva de uso ou aproveitamento individual ou mesmo de alguma instituição.

Agora eu vou ser atrevida como o diabo e lhe fazer uma pergunta. Se alguma coisa acontecesse com ambos [Vladimir e Karla Kozák] em uma dessas viagens, o que aconteceria com todo aquele seu tesouro? Existe alguém que cuide ou esteja interessado ou valorize eles e todo o trabalho que tem tido com eles? Será que o maldito velho Museu do Paraná apenas transporta as obras? Acho que sim. Você sabe, por exemplo, que David Carneiro não é permitido por lei deixar seu próprio museu para seus herdeiros. Ele deve deixar o estado buscá-lo e tomar o que eles querem, mesmo que ele tenha coletado tudo, pago e mantenha protegido e preservado por anos. Você sabe isto? (já ouviu falar isto antes?).⁵⁴⁶

Não resta dúvida de que ela entusiasmou-se quando surgiu uma proposta para que ele apresentasse os seus filmes e voltou a questionar o futuro da coleção. “Estou muito interessada na oferta que você recebeu da National Geographic para mostrar um de seus filmes. [...] Qual o uso de todo este tesouro empilhado? [...]”⁵⁴⁷

Portanto, quando, finalmente, ele vendeu uma parte do acervo, qualificado por Marjory como “um tesouro”, após uma contínua e

⁵⁴⁶ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 11 dez. 1948. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁴⁷ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 29 nov. 1952. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

demorada negociação,⁵⁴⁸ ela expressou sua satisfação com uma definição do destino do material. E, também, porque ela interpretou que a aquisição das peças por um museu apresentava-se como reconhecimento merecido do trabalho do amigo.

No entanto, nesse momento, o que realmente a incomodava era que o dinheiro recebido na transação pudesse proporcionar algum conforto pessoal para Kozák.

Quando eu voltei em maio de Londres encontrei sua carta com a maravilhosa notícia que o Museu de Alberta pagou 40.000 dólares – e em dinheiro pelo seu material. [...]

O que você fará com isto? Eu desejo que você use em alguma coisa para você. Que você tenha mais conforto e alguma ajuda doméstica para que possa pintar e fotografar que você ama tanto. [...] Eu estou muito satisfeita porque eu sempre soube que era um tesouro e eu tinha um sentimento de pânico que eles fossem desperdiçados ou destruídos. Ou alguém poderia lucrar com eles quando você morrer.⁵⁴⁹

A atenção de Marjory não esteve voltada somente para os bens de Kozák. Percebendo nos comentários do amigo o que ocorria ao seu redor, cobrava dele atitudes concretas e esclarecedoras; preocupações que foram se modificando, tomando novas características ao longo do

⁵⁴⁸ Interessada em ampliar o Departamento Antropológico do Museu da instituição, em 1965, a *Glenbow Foundation* fez uma oferta para a compra de parte da coleção de Kozák: aquarelas, desenhos a crayon, documentação fotográfica e artefatos indígenas de diversas tribos brasileiras. No entanto a negociação foi demorada, com troca de correspondência questionando detalhes de artigos da coleção e do preço, e somente foi finalizada em 1968.

⁵⁴⁹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 23 jun. 1966. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

tempo. Foi assim que, dedicada e atenta às condições de vida do amigo, instigou-o a buscar qualidade de vida e conforto. Repreendeu-o pelo descaso em tomar uma atitude prática, insistindo no mesmo ponto, que ele “deveria ter uma vida melhor, mudar-se, ter mais conforto e alguém que o ajude no serviço doméstico.”⁵⁵⁰

Quanto à saúde de Kozák, ela pedia que ele tivesse mais cuidado consigo mesmo. Buscava saber de detalhes da recuperação de qualquer doença dele. “E você? Está bem? Como está sua malária? É crônica?”⁵⁵¹ Conhecendo detalhes dos problemas de saúde dele, repreendeu-o: pressão alta, artrite e circulação não matam, mas exigem cuidados.⁵⁵² E, apesar do transcurso dos anos, manteve a mesma postura, pois insistiu: “Que pena você está com a perna doente. Você sabe que precisa ter muito cuidado com ela. [...] Você não se cuida!”⁵⁵³

A relação que Kozák e Marjory mantiveram foi muito próxima, possibilitando que ela externasse sua preocupação com temas mais sensíveis, como a morte de um deles. Tratou desse assunto tranquilamente, com desenvoltura, como uma sequência natural da vida, pois a preocupação com a morte de um deles e a possibilidade de desencontros e desconhecimento é manifestada desde 1967.⁵⁵⁴ Afinal, segundo ela, ambos estavam “ficando velhos”, e ela desejava estar a par de qualquer

⁵⁵⁰ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 03 jul. 1973. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁵¹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 16 mar. 1964. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁵² BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 12 out. 1969. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁵³ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 18 dez. 1971. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁵⁴ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 21 jan. 1967. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

acontecimento, precisava saber se algo diferente ocorresse com ele. Esclareceu que quanto a ela, tinha tomado precauções. Mas e ele? Como ela saberia de qualquer eventualidade? Ela não admitia que uma amizade considerada tão especial desaparecesse, findasse repentinamente, sem qualquer esclarecimento.

Vladimir, por favor, me faça um favor. Nós estamos ficando velhos. Nós não podemos viver para sempre (e quem deseja!?) Se algo acontecer comigo você será notificado. Eu tenho dito isto. Por favor, você pode fazer o mesmo por mim? Eu temo o dia que houver um grande silêncio e ninguém possa me dizer o que aconteceu. E eu esperaria e esperaria e esperaria. Isto seria um fim pobre de uma amizade e um longo companheirismo.⁵⁵⁵

A resposta lacônica de Kozák põe em evidência uma personalidade esquiva, nem sempre muito disposto a ouvir e atender a amiga. Uma postura que, nesse caso, exigiu dela nova cobrança, reiterando o valor da amizade deles e insistindo sobre o mesmo assunto.

Me desculpe ser um incômodo, mas eu não concordo com você sobre não saber se algo aconteceu com você. Em primeiro lugar, eu não tenho as suas cartas apenas se acumulando em algum lugar, mês após mês ou ano após ano. Em segundo lugar eu estou preocupada e gostaria de saber o que aconteceu – e eu nunca saberia onde você estava quando morreu ou se somente se cansou de me escrever. [...] Eu

⁵⁵⁵ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 18 jan. 1971. 6 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

gosto de coisas claramente definidas, como você deve ter notado!⁵⁵⁶

Nessas circunstâncias, o que fica evidenciado na relação com Marjory, é não havia qualquer preocupação em medir as palavras, eles se permitiam tratar de qualquer assunto. “Mais uma coisa. Eu quero ter certeza que se algum dia você morrer – como um dia vai acontecer – alguém deve me avisar. Eu não gosto de pensar que você vai DESAPARECER”⁵⁵⁷ (grifo do autor).

Mas nem tudo entre os dois é só tristeza, há muita alegria e felicidade compartilhada, como a participação dela na elaboração dos letreiros de filmes, ou as fotografias que foram integradas ao “Álbum Kozák”, que se apresentaram como momentos de realizações do engenheiro e histórias nas quais ela se permitiu a aventura de viajar como o amigo. A publicação de artigo dele no Museu Americano de História Natural de Nova Iorque deixou-a muito satisfeita. “Estou muito entusiasmada com a publicação de seu artigo sobre os índios Xetá no *American Museum of Natural History*.!!! Eu agradeço por pedir uma cópia para mim e desejo que venha breve.”⁵⁵⁸

Distantes, mas próximos: embora fisicamente distantes e houvesse “um grande oceano” entre eles, o vínculo da amizade manteve-os muito próximos. Houve uma escuta atenciosa por parte dela, com constante participação, trocas de ideias e experiências entre eles. Depois de anos de diálogo, atenta ao fluxo inexorável do tempo, ela comentou

⁵⁵⁶ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 18 jun. 1971. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁵⁷ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 21. jan.1967. 2f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁵⁸ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 24 jun. 1977. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

satisfeita e ao mesmo tempo feliz a passagem dos anos, destacando a felicidade de ter ele sempre presente na sua vida.

Eu fiquei feliz de receber as fotos tiradas no seu 81º aniversário, você ainda parece como lembro de você. Meu cabelo está branco como o seu agora – e isto parece tão bom para mim como para você! [...] Eu agradeço você pela foto. Eu tenho fotos de você aos 18, 38 e 81.⁵⁵⁹

Parece que havia um prazer especial na conversa entre eles. A postura de Marjory com Kozák, o tratamento, o cuidado e a escuta, revelam uma amizade que não necessitou de uma intimidade diária, mas de um espaço de compartilhamento, no qual o outro foi sempre respeitado na sua alteridade. O que surpreende nessa relação é a manutenção de um diálogo permanente por quase quarenta anos.

O último registro de contato entre eles foi uma carta de 31 de outubro de 1978, de Marjory para Kozák, no qual ela comentou acerca dos filhos e uma agradável viagem a Boston, quando teria visitado a Universidade de Harvard. Comprou 20 pequenas fotografias iria enviar a ele de presente de Natal. E, na mesma ocasião demonstra seu apreço pelo amigo afirmando: “Você está sempre comigo em meus pensamentos quando vejo coisas bonitas.”⁵⁶⁰

⁵⁵⁹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Russel, Ontário, Canadá, 30 jun. 1978. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁶⁰ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. [Canadá?], 31 out. 1978. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.



FIGURA 14 - MARJORY E FILHO
Acervo Museu Paranaense/SEEC-PR.

Se houve outros contatos ou como ela soube da morte dele em janeiro de 1979, não encontrei registros. Marjory faleceu em 2000, e no ano seguinte um de seus filhos doou parcela da correspondência com Kozák ao Museu de Calgary, Canadá. Os motivos da doação não são esclarecidos, a presunção é tratar-se de um gesto de atenção em face do conhecimento de que parte de material reunido por Kozák sobre os índios brasileiros encontra-se naquela instituição e ao valor atribuído por Marjory da contribuição de Kozák ao registro de aspectos da vida de diversos grupos. Quanto ao destino do álbum criado pela canadense, continuo buscando informações.

Não é à toa que Marjory destaca a ligação entre eles como uma amizade especial, pois o conversar teve o significado de partilhar opiniões, ideia e vivências, assim como um saber ouvir, uma escuta que atenuou os percalços da vida de ambos. O contato entre eles resultou

em um universo de afetos e emoções que podem ser traduzidos pela poesia de Borges,

No puedo evitar tus sufrimientos cuando alguna pena te parta el corazón, pero puedo llorar contigo y recoger los pedazos para armarlo de nuevo.

No puedo decirte quien eres ni quien deberías ser, solamente puedo amarte como eres y ser tu amigo.

No conjunto as cartas revelam a constância de um diálogo que tornou a relação da amizade um espaço privilegiado de acolhimento e troca, bem como apresentou vestígios de uma feliz relação de interdependência entre os dois.

Considerações finais

Há uma infinidade de palavras que apontam para o significado do que seja a amizade: afeição, simpatia, confiança, fidelidade, lealdade, estima, ternura, paciência, respeito, tolerância ou aceitação entre outras. Os filósofos gregos utilizavam o termo *Philia*, geralmente traduzido como amizade, como fundamental para as relações sociais. Aristóteles⁵⁶¹ considerava a amizade essencial à ética, e somente as pessoas boas e virtuosas estariam aptas a vivenciar uma amizade plena. Montaigne⁵⁶² discutia a amizade a partir das ideias de Aristóteles, percebendo-a como “o mais alto ponto de perfeição na sociedade.”⁵⁶³

A antropóloga Claudia Rezende⁵⁶⁴ define a amizade como “uma relação pautada na sociabilidade”,⁵⁶⁵ fundamentada na afinidade, confiança e no “ato de compartilhar questões pessoais e íntimas.”⁵⁶⁶ A autora explica que “a sociabilidade costuma estar mais presente nos momentos iniciais da amizade, enquanto a confiança e as revelações pessoais caracterizam uma maior solidificação da relação entre amigos.”⁵⁶⁷

Mas definir o que seja amizade não é o mais relevante nesta pesquisa, é somente uma questão formal, que indica relações pautadas

⁵⁶¹ DURANT, WILL. Aristóteles e a ciência grega. In: **A história da filosofia**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

⁵⁶² MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio I**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

⁵⁶³ *Ibid.*, p.178.

⁵⁶⁴ REZENDE, Claudia Barcellos. Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

⁵⁶⁵ *Ibid.*, p.145.

⁵⁶⁶ *Id.*

⁵⁶⁷ *Ibid.*, p.146.

na escolha pessoal e em práticas de sociabilidade. De todo modo, a amizade destaca-se pelo seu aspecto voluntário e opcional. Parece ser atemporal a busca de amizade pelo ser humano, que jamais é desprovida de sentido porque está sempre associada à concepção de partilhar. Faz parte da essência humana, que desde a infância procura alguém com quem possa dividir emoções e ideias, felicidades e infelicidades, confiança e apoio. De acordo com um pesquisador do tema, o psicanalista francês Danièle Brun,⁵⁶⁸ a presença do amigo é essencial para todas as pessoas, uma exigência que prescinde de datação e não sofreu grandes mudanças no transcurso do tempo, pois nem mesmo a modernização dos meios de comunicação modificou esta necessidade humana.

Não é certo que as formas de amizade tenham mudado consideravelmente ao longo dos séculos, apesar da modernização dos meios de comunicação. Embora seja verdade que escrevemos menos, que nos encontramos mais facilmente e que hoje, o envio de mensagens é muito rápido, a amizade responde, desde a aurora das civilizações, a uma necessidade essencial de encontro com o outro, renovada ao longo da existência. [...] De todo modo, embora a amizade possa revelar-se tão precária quanto o amor, jamais é unilateral como este o é, algumas vezes. A presença do outro, de alguém que responda, do exterior, é obrigatória.⁵⁶⁹

⁵⁶⁸ BRUN, Danièle. **A gramática amorosa da amizade**. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, jul./dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982007000200011. Acesso em: 29/1/2014.

⁵⁶⁹ BRUN. *Op cit.*

Por meio do arquivo pessoal, do testemunho dos fragmentos e dos vestígios recolhidos no acervo de Kozák, busquei a especificidade da amizade como via de acesso para pensar o personagem e suas relações. A reflexão empreendida até aqui sobre o conjunto documental e as relações de amizade de Vladimir Kozák possibilitou considerações sobre os arquivos, traçar uma trajetória do personagem e, especialmente, uma interpretação dos sentimentos e ressentimentos revelados nas cartas.

É impossível não perceber o contínuo gesto de guardar e acumular do autor, e a pergunta inevitável que surgiu e permanece é: porque ele manteve manuscritos e correspondências arquivados e organizados? No geral, Kozák foi uma pessoa solitária, discreta e reservada. Quando ficou mais idoso e impossibilitado de prosseguir suas viagens com a mesma frequência da juventude, manteve certa rotina de sair de sua residência, no então longínquo bairro Uberaba, em Curitiba, e dirigir-se ao centro da cidade, onde locara uma caixa postal nos correios, para buscar seu “verdadeiro e único alimento de seus últimos dias, a correspondência. Mantinha-a assídua com alguns fiéis amigos de várias partes do mundo: Tchecoslováquia, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e México”.⁵⁷⁰ Essa afirmativa parece direcionar a interpretação de que o que o movia era o desejo contínuo de contato com os amigos com quem partilhava interesses e a rememoração do vivenciado em suas viagens. Creio que as cartas possibilitavam a sua atualização do que ocorria além dos limites de onde vivia e uma permanente troca de ideias e conhecimento.

⁵⁷⁰ TREVISAN. *Op cit.*, p.27.

O exercício da amizade resultou em rica e substanciosa correspondência trocada entre o engenheiro e diversas pessoas de diferentes meios. Não é possível afirmar qual destas pessoas foi mais significativa para Kozák, simplesmente observou-se que a troca epistolar foi mais profícua com o casal de antropólogos americanos Robert Carneiro e Gertrude Dole (Bob e Trudie) e com a canadense Marjory Baillon, indicando a construção de relacionamentos sólidos de laços duradouros. Por isso a poesia de Jorge Luis Borges, na sua essência, traduz a valorização dos vínculos de amizade, dando ênfase sobretudo a sua presença, sem preocupação de classificar o amigo em graus de importância – trata-se simplesmente de aceitar a sua presença.

En estos días pensé en mis amigos y amigas, entre ellos,
apareciste tú.

No estabas arriba, ni abajo ni en medio.

No encabezabas ni concluías la lista.

No eras el número uno ni el número final.

Y tampoco tengo la pretensión de ser el primero, el segundo
o el tercero de tu lista.

Basta que me quieras como amigo.

Gracias por serlo.

Indagações acerca das relações mantidas entre Kozák e o casal Bob e Trudie conduzem, essencialmente, por um percurso profissional no qual estavam sendo tratadas questões pertinentes à antropologia, etnografia e cultura indígena. A distância não foi obstáculo; eles encontraram um meio de aproximação através das cartas. O casal esteve divulgando, estimulando e utilizando no meio acadêmico a produção do engenheiro. Mantiveram um diálogo por mais de vinte anos e parece que, por intermédio do casal, ele teve o seu trabalho divulgado no

exterior, principalmente nos Estados Unidos. Houve manifestações de cuidados com a saúde, soluções de problemas técnicos com máquinas fotográficas e filmes, mas a essência sempre foi mantida pelo que eles tinham em comum, o estudo e a discussão sobre aspectos da cultura dos índios brasileiros.

Já a propósito do vínculo com Marjory, indiscutivelmente, foi muito além, extrapolando a tendência geral de uma relação que se acaba após a falta de proximidade e convívio; sobreviveu às várias mudanças de cidade e de país, tornando-se uma relação duradoura. A presença física cotidiana da amiga tornou-se desnecessária, pois parece que eles estabeleceram um vínculo transcendente, permanente e contínuo, de mais de 40 anos, com as cartas ocupando um lugar diferenciado e essencial na vida de Marjory e Kozák. Nem o tempo, nem a distância foram obstáculos para a relação.

O tom entre eles é sempre afetuoso, com manifestações de apreço, mas também de críticas em algumas circunstâncias. Se a relação entre ambos, em algum momento, transitou no espaço pertencente ao “amor romântico,” é difícil afirmar, visto que, apesar das afirmativas intimistas de Marjory, a amizade e seus desdobramentos está continuamente sendo reafirmada por eles nas cartas. Há um espaço de liberdade, autonomia e de cuidado de si entre eles, e ela tornou-se um suporte para “ouvir” acerca de questões profissionais e pessoais, mesmo que ele se apresentasse pouco comunicativo, conforme ela se queixou algumas vezes. No entanto, ainda que o maior número de cartas que chegou até nós seja dela, é evidente que ele escrevia, e muito, conforme registrou Marjory, em diferentes ocasiões, mencionando cartas recebidas de vinte e

oito⁵⁷¹ ou trinta e duas páginas,⁵⁷² ou mesmo os pacotes de cartas guardadas e mantidas “organizadas”,⁵⁷³ como um bálsamo para lembrar na velhice.

As cartas compartilham os modos de pensar e trazem à tona uma série de questões, que afetaram positivamente ou negativamente os amigos. Tiveram o significado de apoio para ouvir os problemas deles e, especialmente, possibilitar a presença de sentimentos de compreensão e a confiança mútua. Com frequência revelam episódios marcados de ressentimentos e mágoas, que geraram conflitos em cada um deles. O que eles conseguiram é invejável, pois, apesar da distância e da dificuldade de comunicação, estiveram juntos, protegendo-se e ajudando-se por quase quarenta anos. O diálogo entre eles esteve permeado de compartilhamento, confiança, apoio e fidelidade, entre outros sentimentos.

A tarefa de compreender esse personagem e suas relações revelou-se ao mesmo tempo difícil e instigante, posto que, invariavelmente, a uma nova informação somavam-se novas perguntas. Também creio ser conveniente uma explicação: em momento algum houve preocupação de rotular Vladimir Kozák engenheiro, etnólogo, antropólogo, pesquisador, registrador, artista, fotógrafo ou cineasta; o meu olhar convergiu para o homem multifacetado que buscava fazer muitas coisas

⁵⁷¹ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá. 11 maio 1943/ 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁷² BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá. 17 mar. 1949. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

⁵⁷³ BAILLON, Marjory. **Carta para Vladimir Kozák**. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 18 jan. 1971. 6 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

ao mesmo tempo. Algumas perguntas permanecerão, mas este é tão somente um olhar sobre o conjunto documental, no qual optou-se por explorar emoções e sentimentos nas relações entre correspondentes considerados como representativos na vida profissional e pessoal do personagem. Sem dúvida há muito mais que pode ser investigado minuciosamente, quer seja na correspondência ou no restante do acervo, cujo conteúdo pode apresentar inúmeros trabalhos em diferentes áreas do conhecimento.

Fontes

BAILLON, Marjory. Carta para Vladimir Kozák. Canadá, 19--. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Canadá, 20 jun. 1940. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Detroit, 26 nov. 1946. 6 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Dunham, Canadá, 31 out. 1947. 8 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham Quebec, Canadá, 11 maio 1948. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham Quebec, Canadá, 24 set. 1948. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 11 dez. 1948. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 14 jan. 1949. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 18 fev. 1949. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Dunham, Canadá, 17 mar. 1949. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 15 jun. 1949. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Sackville, New Bruswick, Canadá. 07 jul. 1949. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 24 set. 1949. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 16 dez. 1949. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. [?], 195-. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Montreal, Canadá, 12 fev. 195-. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 13 mar. 1950. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 10 abr. 1950. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Dunham, Canadá, 15 out. 1951. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham Quebec, Canadá, 16 out. 1952. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham, Quebec, Canadá, 29 nov. 1952. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Canadá, 03 dez. 1952. 6 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Ste. Agathe-des-Monts, P. Quebec, Canadá, 11 abr. 1956. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Ste. Agathe-des-Monts, P. Quebec, Canadá, 14 maio 1958. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Beaconsfield Ave., Montreal, Canadá, 05 jun. 1959. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Beaconsfield Ave., Montreal, Canadá, 27 jan. 1961. 5 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 16 mar. 1964. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 29 set. 1964. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 07 mar. 1965. 5 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 24 nov. 1965. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 23 jun. 1966. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 21 jan. 1967. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Halifax, Canadá. 08 maio 1967. 8 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 1º jun. 1967. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 30 jul. 1967. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Paris, França. 1º jan. 1968. 5 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 6 set. 1968. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 12 out. 1969. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 23 maio 1970. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 03 dez. 1970. 8 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 18 jan. 1971. 6 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 18 jun. 1971. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 18 dez. 1971. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Escócia, 26 jan. 1972. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. High Meadon Farm, Dunham, Quebec-Canadá, 18 abr. 1972. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Escócia, 10 abr. 1973. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 30 maio 1974. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Ste Agathe, 7-8 fev. 1975. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Kirkcubright, Escócia, 16 maio 1976. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 16 out. 1976. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Kirkcubright, Escócia, 20 fev. 1977. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Craigmullen, Kircudbright, Escócia, 24 jun. 1977. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Russel, Ontário, Canadá, 30 jun. 1978. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. [Canadá?], 31 out. 1978. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

BAXTER, David. Carta para Vladimir Kozák. Waltham, Massachussets, 16 jun. 1970. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

BITTENCOURT, Paulo Julio Fonseca Bittencourt. Escritura Pública 5º Tabelião, livro 288 N/A, 447 fls. Curitiba, 11 nov. 1976. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

BLASI, Oldemar. Entrevista sobre Vladimir Kozák. Curitiba, 05 maio 2013. Entrevista concedida a Rosalice Carriel Benetti e a antropóloga Ms. Maria Fernanda Campelo Maranhão.

BURIAN, Zdenek. Carta para Vladimir Kozák. Praga, 28 abr. 1969. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

_____. Zdenek. Carta para Vladimir Kozák. Praga, 27 ago. 1971. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

CARNEIRO, Robert L. Carta para Vladimir Kozák. New York, 1º out. 1964. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 05 nov. 1964. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 31 mar. 1965. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 29 mar. 1967. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 17 out. 1967. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 30 abr. 1970. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 16 set. 1970. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 29 set. 1971. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 05 jul. 1972. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 1º ago. 1972. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 24 ago. 1972. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 04 out. 1972. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 08 jul. 1974. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

CARNEIRO, Robert L. e DOLE, Gertrude. Carta para Vladimir Kozák. [?], 19--. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Michigan, 16 out. 1955. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. University of Wisconsin, 27 fev. 1956. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 10 out. 1957. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 19 jun. 1958. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 09 ago. 1958. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-Pr. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 23 jan. 1959. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 19 jun. 1959. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 23 jun. 1960. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês, tradução nossa.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 11 jul. 1961. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 27 set. 1961. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 17 set. 1962. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

CARTEIRA MILITAR de Vladimir Kozák. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

Comemorando o 80º aniversário de Vladimir Kozák. (K osmadesátinám Vladimíra Kozáka). Jornal de Bystrice ped Hestýmem, Bystrice ped Hestýmem, República Tcheca, 1977, p. 29-31. Museu Paranaense/SEEC-PR.

DOLE, Gertrude. Carta para Vladimir Kozák. New York, 26 out. 1962. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, dez. 1969. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. [?], 21 dez. 1975. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 1º jan. 1977. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. New York, 18 dez. 1977. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

ESCRITURA do contrato entre Leandro Nicoletti e Cia e os sócios Alois Humka e Vladimir Kozák, registrada em 11 nov. 1924, em Vitória, Espírito Santo. 6 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

FAULHAMER, František. Carta para Vladimir Kozák. Bratislava, 15 out. 1961. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Bratislava, 14 fev. 1962. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Bratislava, 07 mar. 1966. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Bratislava, 17 maio 1970. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Bratislava, 17 dez. 1970. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

_____. Carta para Vladimir Kozák. Bratislava, 10 out. 1978. 5 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

FUCHS, Helmut. Carta para Vladimir Kozák. Royal Ontario Museum, Toronto, Canadá, 27 nov. 1968. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

GLENBOW FOUNDATION. Carta para Vladimir Kozák. Calgary, Alberta, Canadá, 23 abr. 1965. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

GUEDES, José Luiz. Carta para Vladimir Kozák. Rio de Janeiro, jul. 1956. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

HURT, Tirone. Entrevista sobre Vladimir Kozák. Curitiba, 02 nov. 2013. Entrevista concedida a Rosalice Carriel Benetti e a antropóloga Ms. Maria Fernanda Campelo Maranhão.

KOZÁK, Vladimir. A história dos Hetá. 64 p. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Carta para Bob e Trudie. Curitiba, 20 abr. 1959. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Bob e Trudie. Curitiba, 07 maio 1959. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Bob e Trudie. Curitiba, 06 jun. 1959. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Bob e Trudie. Curitiba, 27 jul. 1959. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Bob e Trudie. Curitiba, 05 jan. 1960. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Bob. Curitiba, 29 set. 1971. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Brasil Pinheiro Machado. Curitiba, 29 jan. 1962. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Carta para Carlos Amorety Osório. Curitiba, jun. 1960. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Carta para Cel. José Luiz Guedes. Curitiba, 24 jun. 1958. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Carta para Cel. José Luiz Guedes. Curitiba, 15 maio. 1959. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Carta para Helio Preza. Curitiba, 22 ago. 1950. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Carta para Norman Rockwell. Curitiba, 20 nov. 1967. 1f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Carta para Oldemar Blasi. Curitiba, 13 jun. 1957. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Carta para Oldemar Blasi. Cuiabá, 06 ago. 1957. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Carta para Marjory Baillon. Pará, 20 set. 1954. 4 f. Glenbow Museum, Canadá. Original em inglês.

_____. Carta para Marjory Baillon. [?], 30 maio. 1969. 2 f. Glenbow Museum, Canadá. Original em inglês.

_____. Carta para Marjory Baillon. Curitiba, 23 set. 1973. 5 f. Glenbow Museum, Canadá. Original em inglês.

_____. Carta para The American Crayon Company. Curitiba, 02 out. 1957. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Diário 1924/1928. 77 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Filming under difficulties. 14 p. Datilografado. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Papéis. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Passaporte. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Registro da viagem à cabeceira do Rio Xingu (Rio Koluene) em julho e agosto de 1952. Museu Paranaense/SEEC-PR.

_____. Vladimir Kozák por ele mesmo. 5 p. Curitiba, 27 fev. 1966. Manuscrito. Museu Paranaense/SEEC-PR.

LIMA, Lilly Costa. Carta para Vladimir Kozák. Itajaí [?], [196-]. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

LIMA Júnior, Wismar Costa. Carta para Vladimir Kozák. Itajaí, 1º set. 1976. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

LOUKOTKA, Čestmir. Carta para Vladimír Kozák. Praga, 11 dez. 1960. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

_____. Carta para Vladimír Kozák. Praga, 04 dez. 1961. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em tcheco.

MUSEU PARANANENSE. Conselho Deliberativo. Curitiba. Ata da 69ª Sessão realizada no dia 15 ago. 1944.

MUSEU PARANANENSE. Conselho Deliberativo. Curitiba. Ata da 88ª Sessão realizada no dia 02 fev. 1946.

MUSEU PARANANENSE. Conselho Deliberativo. Curitiba. Ata da 97ª Sessão realizada no dia 1º nov. 1946.

MUSEU PARANANENSE. Curitiba. Ofício Expedido em 20 novembro de 1946.

MUSEU PARANANENSE. Curitiba. Ofício Expedido em 25 julho de 1947.

MUSEU PARANANENSE. Curitiba. Ofício n.º 9/63 Expedido em 11 fevereiro de 1963.

MUSEU PARANANENSE. Relatório Anual, 1947. Curitiba, 1947. Correspondências de 1947.

MUSEU PARANANENSE. Relatório Anual, 1949. Curitiba, 1949. Correspondências de 1949.

PITAGNARY, Geraldo. Carta para Vladimír Kozák. Rio de Janeiro, 03 mar. 1961. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

PARANÁ. Universidade do Paraná. Portaria n.º 137, de 06 de fevereiro de 1952. Museu Paranaense/SEEC-PR.

ROCKWELL, Norman. Carta para Vladimír Kozák, Stockbridge, Massachusetts, 20 fev. 1968. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

ROHR, João Alfredo. Carta para Vladimír Kozák. Florianópolis, 18 out. 1967. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

VENTURELLI, Ângelo J. Carta para Vladimír Kozák. Campo Grande, 24 ago. 1958. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR.

WRIGHT, Harry Bernard. Carta para Vladimir Kozák. Philadelphia, PA, 04 maio 1958. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

WOISKI, Gene. Carta para Vladimir Kozák. São Paulo, 1º mar. 1968. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. São Paulo, 04 jun. 1968. 4 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. São Paulo, 02 ago. 1968. 6 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. São Paulo, 05 set. 1968. 3 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. São Paulo, 23 ago. 1968. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês

_____. Carta para Vladimir Kozák. São Paulo, 07. jan. 1969. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. São Paulo, 25 jul. 1969. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. São Paulo, 09 jan. 1971. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. São Paulo, 14 dez. 1971. 2 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. São Paulo, 15 dez. 1973. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. São Paulo, 16 dez. 1974. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

_____. Carta para Vladimir Kozák. São Paulo, 07 mar. 1975. 1 f. Museu Paranaense/SEEC-PR. Original em inglês.

Referências

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p.66-81, 1991. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/414.pdf>. Acesso em: 3/11/2014.

ALMEIDA, Rubem Ferreira Thomaz; MURA, Fabio. Kaiowa. 2003. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa>>. Acesso em: 11/6/2014.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p.15-36.

ARDIGÓ, Fabiano. Uma ciência improvável: o Museu Paranaense entre 1940 e 1960. In: ARDIGÓ, Fabiano (org.). *Histórias de uma ciência regional*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2061>>. Acesso em: 20/5/2013.

ARAUJO, Adalice Maria de. *Dicionário das Artes Plásticas no Paraná*. Curitiba: Ed. do Autor, 2006, v.1.

ARAÚJO, Maria do Socorro de Sousa. No desenho dos mundos plurais, o mosaico de vidas singulares. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes et alii. *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p.271-294.

AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita da história, escrita biográfica. In: AVELAR, Alexandre de Sá e SCHMIDT, Benito Bisso. (orgs.). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p.63-80.

AYTAI, Desidério. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=623>>. Acesso em: 21/4/2013.

_____. Disponível em: <<http://www.montemor.sp.gov.br/novo/paginas/museuelizabethaytai/autobiografia.html>>. Acesso em: 21/4/2013.

BARANOW, Ulf G.; SIQUEIRA, Márcia Dalledone (orgs.). *Universidade Federal do Paraná: história e estórias: 1912-2007*. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Crystina Venancio. (orgs.) *Laços de papel*. In: *Destino das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo, RS: Editora UPF, 2002, p.5-9.

BAXTER, David N. P. *Portraits of Brazilian Indians by Vladimir Kozák*. Calgary, Alberta, Canadá: Glenbow Alberta Institute Museum, 1968.

_____. *Vladimir Kozák (1897-1979): fotógrafo, artista e etnógrafo dos índios brasileiros*. 2000. Datilografado.

BLASI, Oldemar. Vladimir Kozák. In: *Arquivos do Museu Paranaense*, Curitiba, Museu Paranaense/Biblioteca Pública do Paraná. Nova Série. *Etnologia* 3, 1983.

_____. Entrevista sobre Vladimir Kozák. Curitiba, 05 maio 2013. Entrevista concedida a Rosalice Carriel Benetti e a antropóloga Ms. Maria Fernanda Campelo Maranhão.

BORGES, Vavy Pacheco. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: Algumas reflexões. In: NAXARA, Márcia, MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (orgs). *Figuração do outro*. Uberlândia: Edufu, 2009, p.225- 238.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina, FERREIRA; Marieta de Moraes (Org.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.183-191.

_____. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, Abdelmalek. A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p.9-12.

BRUN, Daniéle. A gramática amorosa da amizade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, jul/dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982007000200011. Acesso em: 29/1/2014.

CAMPINHOS. Disponível em: <[http://www.iap.pr.gov.br /modules/ucps/aviso.php?codigo=41](http://www.iap.pr.gov.br/modules/ucps/aviso.php?codigo=41)>. Acesso em 13/12/2013.

CARNEIRO, Robert. Introdução. In: Os índios Hetá: Peixe em Lagoa Seca. In: Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, 1981, v. 38, p.13-17.

CASAGRANDE, Alessandro. O incansável Explorador Reinhard Maack. In: ARDIGÓ, Fabiano (org.). Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960). São Paulo: Contexto, 2011, p.267-326.

CECCON, Roseli Santos. Em busca de uma “arqueologia brasileira”: Universidade do Paraná, décadas de 1950 a 1970. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3853>>. Acesso em: 12/8/2013.

CERTEAU, Michel. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHAGNON, Napoleon. Disponível em: <<http://www.questaoindigena.org/2013/03/antropologo-napoleaochagnon-denuncia.html>>. Acesso em: 2/8/2014.

_____. Disponível em: <<http://anthropology.missouri.edu/?q=node/94>>. Acesso em: 2/8/2014.

_____. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=Napoleon+chagnon>. Acesso em: 2/8/2014.

CHERNELA, Janet. Gertrude Dole (1915-2001). Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America, San Antonio, Texas, v. 3, article 9. p.95-101, 2005. Disponível em: <<http://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol3/iss1/9/>>. Acesso em: 10/11/2012.

CHMYZ, Igor Shmyz. Depoimentos de Arqueólogos Pioneiros. Revista história e história. Campinas, 06 nov. 2007. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=arqueologia&id=11>. Acesso em 07/12/2014.

CORRÊA, Mariza. Patrimônio da Nação: os índios & a história da Antropologia. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Coleções e expedições vigiadas. São Paulo, HUCITEC/ANPOCS, v. 14, n. 40, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-6909199800200013>. Acesso em: 16/3/2014.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver. In: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (orgs.). Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo, RS: Editora UPF, 2002, P. 75-87.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, 2003, n. 6, p.9-25.

DURANT, WILL. Aristóteles e a ciência grega. In: A história da filosofia. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERNANDES, José Carlos. O resgate da vida de Vladimir Kozák. Gazeta do Povo. Curitiba, 23 jun., 2012, p.8.

FERRARINI, Sebastião. *Círculo de Estudos Bandeirantes Documentado*. Curitiba: Ed. Universitária Champagnat, 2011.

FIORIN, José Luiz. Paixões, Afetos, emoções e sentimentos. *CASA*, São Paulo, v. 5, n. 2, p.1-15, 2007. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/viewFile/541/462>>. Acesso em: 7/1/2014.

FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (orgs.). *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.331-369.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FUNDAÇÃO WENNER-GREN. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=wenner+gren+foundation>. Acesso em: 2/8/2014.

FURTADO, Maria Regina. *José Loureiro Fernandes: o paranaense dos museus*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

GAJDUSEK, Daniel Carleton. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1976/gajdusek-bio.html>. Acesso em: 28/7/2014.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádía Battella (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. A margem da carta. *Manuscritica Revista de Crítica Genética*. São Paulo, n. 7, p.47-54, 1998. Disponível em: <<http://ojscurso.fflch.usp.br/index.php/manuscritica/article/view/663>>. Acesso em: 20/5/2013.

GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GIOVANNINI, Giovanni. *Evolução na comunicação: do sílex ao silício*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. As afinidades eletivas. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

GOMES, Angela de Castro (Org.). Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

_____. Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. Nas malhas do Feitiço: o Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 11, n.21, p.121-128, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2069>>. Acesso em: 20/5/2013.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Coleções e Expedições Vigiadas: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. São Paulo: Editora Hucitec/Anpocs, 1998.

HALBWACHS. Maurice. A expressão das emoções e a sociedade. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 8, n. 22, p. 201-218, abr., 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/HalbwachsTrad.pdf>>. Acesso em: 07/1/2014.

HELM, Cecília Maria Vieira. A contribuição de Kozák acerca dos ritos funerários dos índios Bororo. In: Arquivos do Museu Paranaense. Curitiba: Museu Paranaense/Biblioteca Pública do Paraná, 1983. Nova Série. Etnologia 3.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: uma reflexão sobre os arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 10, n.19, p.41-66, 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2041/1180>>. Acesso em: 20/5/2013.

_____. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana. Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p.67-76.

JENKINS, Keith. A história repensada. São Paulo: Contexto, 2009.

KOIFMAN, Fábio. O imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

KOZÁK, Vladimir. Ritual de um funeral Bororo. In: Arquivos do Museu Paranaense. Curitiba: Museu Paranaense/Biblioteca Pública do Paraná, 1983. Nova Série. Etnologia 3.

KOZÁK, Vladimir; BAXTER, David; WILLIAMSON, Laila; CARNEIRO, Robert L. Os índios Hetá: Peixe em Lagoa Seca. In: Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba, v. 38, 1981.

LAFER, Celso. In: KOIFMAN, Fábio. O imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2003.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.167-182.

LIMA, Valéria. J. B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007.

LISBOA, Karen Macknow. O Brasil dos naturalistas Spix e Martius: taxonomia e sentimento. Acervo. Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p.179-193, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/77>>. Acesso em: 10/11/2014.

_____. Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX. In: MOTA, Carlos Guilherme. Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000). São Paulo: Editora Senac, 2000, p. 265-299.

MACAGNO, Lorenzo. Alfred Métraux: antropologia aplicada e lusotropicalismo. In: Etnografica. Revista do Centro em Rede de Investigação em An-

tropologia. Lisboa, Portugal, v. 17, n. 2, p. 217-239, 2013. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/3100?lang=en>>. Acesso em: 30/6/2014.

MARANHÃO, Maria Fernanda Campelo. A institucionalização da Antropologia no Paraná: Loureiro Fernandes, o Museu Paranaense e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. In: OLIVEIRA, Márcio de. (Org.) As ciências sociais no Paraná. Curitiba: Editora Protexoto, 2006, p. 69-84.

_____. Contextualizando imagens paranistas (1940-1950): o filme etnográfico de Vladimir Kozák e as Ciências Sociais no Paraná. 2006. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História e Geografia do Paraná) – Faculdade Padre Bagozzi, Curitiba, 2006.

_____. Vladimir Kozák e os índios do Brasil. Curitiba. Digitado.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidade nos salões iluministas. História Questões & Debates. Curitiba: Ed. UFPR, 2007, n. 46, p.51-67.

McKEMMISH. Sue. Provas de mim... Novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel, ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (Orgs.). Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013, p.17-43.

MEGID, Daniele Maria. De homem a personagem: as construções sobre Machado de Assis. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.) Grafia de Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p.149-168.

MENEZES, Ulpiano T. História e imagem: iconografia /iconologia e além. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p.243-262.

MONTAIGNE, Michel de. Ensaio I. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

OLIVEIRA, José Renato Gomes de. Coronel Redl e o Império Austro-Húngaro: ascensão e decadência do Antigo Regime e as motivações da I Guerra Mundial. Revista O olho da história. Salvador: UFBA, n. 11, 2008. Disponível em: <<http://oohodahistoria.org/n11/textos/joserenato.pdf>>. Acesso em: 20/11/2014.

ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: Duby et al. A História e Nova História. Lisboa, Teorema, 1986. p.33–42.

ORTEGA, Francisco. Genealogias da amizade. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2002.

PALMEIRA, Miguel S. Arquivos pessoais e história da história. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMAN, Luciana (Orgs.). Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p.79-99.

PASSADOR, Luiz Henrique. Herbert Baldus e a antropologia no Brasil. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000241403>>. Acesso em: 20/6/2013.

PEREIRA, João Baptista Borges. Emilio Willems; Egon Schaden na história da antropologia. Estudos avançados, São Paulo, v. 8, n. 22, 1994. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000300029>>. Acesso em: 21/4/2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas (SP): Ed. da Unicamp, 2001, p.221–236.

PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 105-120, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2064>>. Acesso em: 20/5/2013.

PSA – PHOTOGRAPHIC SOCIETY OF AMERICA. Disponível em: <<http://www.psa-photo.org/index.php?home>>. Acesso em: 20/7/2014.

REIS, José Carlos. *História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

RENDER, Lorne E. Introdução. In: BAXTER, David N. P. *Portraits of Brazilian Indians by Vladimir Kozák*. Calgary, Alberta, Canadá: Glenbow Alberta Institute Museum, 1968.

REPÚBLICA TCHECA. Disponível em: <<http://www.czechtrade.com.br/sobre-a-republica-tcheca/historia/>>. Acesso em: 20/11/2014.

REPÚBLICA TCHECA. Disponível em: <http://www.mzv.cz/brasil/pt/informac_es_sobre_a_republica_tcheca/historia/index.html>. Acesso em: 20/11/2014.

REZENDE, Claudia Barcellos. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

RINKE, Stefan. O continente ainda inexplorado: a República Federal Alemã na era Adenauer e a América Latina em contexto global. In: *Revista História Unisinos*. São Leopoldo, RS, v.17, n. 2, p. 71-80, 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/issue/view/408>>. Acesso em 30.10.2014.

ROCKWELL, Norman. Disponível em: <<http://www.nrm.org/about-2/about-norman-rockwell/?lang=pt>>. Acesso em: 4/12/2014.

RODRIGUES. Aryon Dall'agnol. Reminiscências de Loureiro Fernandes. *ARQUEOLOGIA: Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná*, Curitiba, 2005, n.3, p.53-62.

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: A interrelação entre experiência, recordar e narrar. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*. Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17116>>. Acesso em: 10/11/2014.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 9, n.17, p.85-91, 1996. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2019/1158>>. Acesso em: 26/5/2013.

ROYAL ONTARIO MUSEUM. Disponível em: <<http://www.rom.on.ca/en>>. Acesso em: 27/8/2014.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1998.

SERPA, Paulo. Bororo. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/bororo/240>>. Acesso em: 3/2/2012.

SCHMIDT, Benito B. Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, v. 10, n. 19, p.3-21, 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2019/1158>>. Acesso em: 26/9/2013.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Centenário de nascimento de João Alfredo Rohr s.j. e outros projetos. *Antropologia*. São Leopoldo (RS), n. 67, 2009. Disponível em: <<http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/antropologia/antropologia67/apresentacao.pdf>>. Acesso em: 30/9/2014.

SILVA, Andressa Ignácio. Fotógrafos lambe-lambe e fotoclubista: análise de perfil e perspectiva social da produção fotográfica. In: *ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM*, II, 2009, Londrina, Pr. Anais. Londrina, UEL, 2009. P. 1232-1239. Disponível em: <www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/SILVA_AndressaIgnacio>. Acesso em: 17/3/2014.

SILVA, Carmen Lúcia da. Povos Indígenas no Brasil: Xetá. 1999. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xeta>>. Acesso em: 7/2/2014.

SILVA, Wilton C. L. Espelho de palavras: escrita e si, autoetnografia e ego-história. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). Grafia de Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p.39–61.

SMITHSONIAN INSTITUTION. Disponível em: <<http://www.si.edu/About/History>>. Acesso em: 5/1/2014.

SOUZA, Luciane Karine de Souza e HUTZ, Claudia Simon. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. Psicologia em Estudo. Maringá, v. 13, n. 2, p.257-265, abr./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722008000200008>. Acesso em: 26/8/1014.

SPI. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/servico-de-protecao-aos-indios-spi>>. Acesso em: 05/9/2014.

TEIXEIRA, Valéria Marques. David Carneiro. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=203>>. Acesso em: 06/06/2014.

THE AMATEUR CINEMA LEAGUE – ACL. Disponível em: <<http://amateurcinemastudies.org/research/>>. Acesso em: 20/7/2014.

TREVISAN, Edilberto. Vladimir Kozák (1897-1979), “O Braide Pemegare” dos Bororo. In: Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba, 1979, v. 36, p.1-30.

TROMBINI FILHO. Wladimir Olympio et al. Vladimir Kozák. Curitiba: Mercambo, 1984.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. Redação e editoração. Curitiba: Editora UFPR, 2007. (Normas para apresentação de documentos científicos, 9 v.)

VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Angela de Castro Gomes (Org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004, p. 111-137.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo. São Paulo: EDUC-Editora da PUC-SP, 2003.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

WESTEPHALEN, Cecília Maria. A Universidade Federal do Paraná: 50 anos. Curitiba: SBPH, 1988.

WENNER-GREN FOUNDATION. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=wenner+gren+foundation>. Acesso em: 02.08.2014.

WRIGHT, Harry Bernard. Disponível em: <https://archive.org/details/UPMAA_films>. Acesso em: 28/7/2014.

Apêndice

VIAGENS REALIZADAS ENTRE OS ANOS DE 1948 E 1966

Viagens relacionadas por Vladimir Kozák para conhecer os grupos indígenas entre os anos de 1948 e 1966. Segundo o autor “não estão incluídas viagens aos grupos ou tribos do sul como Kaingang, Guarani ou Tupi e Botocudos.”⁵⁷⁴

1948 - Fronteira do Paraguai/Paraná: índios Guarani Kaiowá;

1949 - Sul do Mato Grosso: índios bolivianos;

1950 - Mato Grosso;

1952 - Alto Xingu, Mato Grosso: índios Kuikuro, Kamaiurá;

1953 - Alto Xingu, Mato Grosso: tribos do Xingu (filmar Jawari);

1954 - Ilha do Bananal, rio Araguaia: índios Karajá;

1954 - Pará: Kayapó, sub grupo Kuben-Krân-Krên;

1955 - Pará: Kayapó, sub grupo Kuben-Krân-Krên;

1955 - Mato Grosso, Montanha do Trovão: índios Xavantes;

1955 - Serra dos Dourados, Paraná: índios Xetá;

1956 - Serra dos Dourados, Paraná: índios Xetá;

⁵⁷⁴ KOZÁK, V. **Vladimir Kozák por ele mesmo**. 1966. 5 p. Curitiba, 27 fev. 1966. Manuscrito. Museu Paranaense/SEEC-PR.

1956 - Ilha do Bananal, rio Araguaia: índios Karajá e Tapirapé;

1956 - Serra dos Dourados, Paraná: índios Xetá;

1956 - Região central do Mato Grosso, rio São Lourenço: índios Bororo;

1957 - Região central do Mato Grosso, rio São Lourenço: índios Bororo;

1958 - Serra dos Dourados, Paraná: índios Xetá;

1960 - Maranhão e Pará: índios Urubu Kaapor;

1961 - Serra dos Dourados, Paraná: índios Xetá;

1961/62 - Pará, Tocantins: índios Gavião e Meitajé;

1963 - Serra dos Dourados, Paraná: índios Xetá;

1964 - Serra dos Dourados, Paraná: índios Xetá;

1965 - Serra dos Dourados, Paraná: índios Xetá;

1966 - Serra dos Dourados, Paraná: índios Xetá.



Livros já publicados da Coleção

O Museu Paranaense e Romário Martins:

A busca de uma identidade para o Paraná, de Cintia Braga Carneiro

O Botucudo Tibagyano

Análise sobre os registros etnográficos de Telêmaco Borba, de Ana Cristina Vanali

A Herança de um Tesouro

Arqueologia da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espíritu Santo (1589-1632), Fênix, Paraná, de Claudia Inês Parelada

Águas Batismais e Santos Óleos

Uma trajetória histórica do aldeamento de Atalaia, de Tatiana Takatuzi

Religião e Política

A Liga Eleitoral Católica e a participação da Igreja nas eleições de 1954, de Renato Augusto Carneiro Junior

Santa Felicidade, o bairro italiano de Curitiba

Um estudo sobre restaurantes, rituais e (re)construção de identidade étnica, de Maria Fernanda Campelo Maranhão

O diário de uma imigrante britânica no Paraná

(1860 - 1890) memórias, trabalho e sociabilidades, de Ana Maria Rufino Gillies

Outras narrativas da nacionalidade: o movimento do Contestado

de Liz Andréa Dalfré

Fragmentos de história

Passados possíveis no discurso da arqueologia histórica, de Martha Helena L. B. Morales



9 788567 310237